



Hinc patriam sustinet

Instituto Superior de Agronomia
Universidade Técnica de Lisboa



Os Jardins Históricos de Macau

Proposta de um itinerário turístico

Joana Santiago Pinto Brum

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Arquitectura Paisagista

Orientador: Professora Doutora Ana Luísa Soares

Co-Orientadores: Arq. Paisagista Tera Chambel

Professor Doutor Francisco Vizeu Pinheiro

Juri:

Presidente: Doutor Luís Paulo Almeida Faria Ribeiro, Professor Auxiliar do Instituto Superior de Agronomia da Universidade Técnica de Lisboa.

Vogais: Doutora Ana Luísa Brito dos Santos de Sousa Soares Ló de Almeida, Professora Auxiliar do Instituto Superior de Agronomia da Universidade Técnica de Lisboa;

Mestre Sónia Talhé Azambuja, Assistente Convidada do Instituto Superior de Agronomia da Universidade Técnica de Lisboa, na qualidade de especialista.

Lisboa, 2011

O Instituto Superior de Agronomia não se responsabiliza pelas ideias expressas neste relatório

AGRADECIMENTOS

À Professora Doutora Ana Luísa Soares e à Arq. Pais. Teresa Chambel, por me terem sugerido este tema, pelo entusiasmo e por todo o apoio a este trabalho.

Ao Professor Doutor Francisco Vizeu Pinheiro pela sua colaboração e por se ter prestado a ajudar-me nesta dissertação.

Ao Arq. Pais. António Saraiva, pelo seu empenho, espírito crítico e pela partilha de tanta informação que me foi tão útil. Obrigada por me ter ensinado a questionar e a assumir um papel mais assertivo.

Ao Eng. António Estácio, que se mostrou sempre disponível em ajudar e partilhar o seu vasto conhecimento nesta matéria.

À Dra. Fish Leong que já tendo passado as dificuldades da barreira linguística mas no sentido inverso, foi tão compreensiva e tão prestável.

Ao Dr. Alan Jolliffe, pela partilha de toda a documentação sobre a relação do Turismo com os Jardins.

À Lina pela simpatia e pelo empréstimo da máquina fotográfica milagrosa.

À Isabel e à Stella pelo esforço e tempo perdido com as traduções que fizeram com que a língua chinesa se tornasse uma barreira bem mais pequena. Também à Cristina que de forma tão prestável reviu as minhas calinadas.

À Mariana, à Teresa, à Carolina, ao Mário, ao Humberto, à Fernanda, ao António, à Stella e à Viana, à Ludy, à Raw Chef Isabel e a todos os que durante a minha estadia em Macau me fizeram sentir novamente em casa.

À Bia, à Ni, ao Manélio Nelsio, ao Francisco, à Susana, ao Miguel e a todos os meus ISAs, pela vossa amizade e pelo apoio que me deram ao longo de todo o curso.

A todos os meus amigos, à minha família e aos meus primos, pelo apoio incondicional, pela tremenda paciência e por não me terem nunca deixado baixar os braços quando eu já desesperava com as dificuldades.

Esta dissertação contou com o apoio significativo da Fundação Macau, que proporcionou uma estadia de 2 meses em Macau, imprescindível ao trabalho de recolha de dados, quer a nível de pesquisa bibliográfica nas bibliotecas e arquivo locais, como a nível de trabalho de campo, levantamento fotográfico, aferição das condições do espaço e outros dados referentes especificamente aos jardins, contribuindo assim para a possibilidade de experienciar e vivenciar o objecto de estudo.

RESUMO

Com vista a uma avaliação do potencial turístico dos jardins históricos de Macau e à proposta de um itinerário que os incluísse, fez-se um estudo sobre as condicionantes locais do território no que respeita às suas características biofísicas, históricas e culturais. Um particular enfoque foi dado à sua arquitectura. Estuda-se o caso de Macau no que respeita à protecção do seu património, cujo Centro Histórico se encontra na Lista de Património Mundial da UNESCO desde 2005, e à relação da sua economia com o turismo.

Os jardins históricos de Macau, enquanto património cuja singularidade advém da interculturalidade vivida no território, são uma peça-chave na diversificação do turismo local. Neste trabalho foram estudadas a sua história, as suas influências e as suas particularidades, a que se seguiu uma avaliação de cada um dos jardins em causa. Finalmente, apresenta-se a proposta do itinerário a integrar nos itinerários turísticos mais comuns no território.

PALAVRAS-CHAVE: Jardins, Património, Conservação, Descobrimientos, Turismo, Macau.

ABSTRACT

This work seeks to evaluate the tourism potential of Macao's historic gardens and to present a proposal for an itinerary that includes the most relevant ones. Thus, its local biophysical, historical, and cultural characteristics were studied. A special focus was given to its architecture. The case of Macao was studied in what concerns the protection of its heritage, considering that its historic centre is in the UNESCO's World Heritage List since 2005, and the relationship between its economy and tourism.

Macao's historic gardens, as a heritage whose uniqueness derives from the intercultural living that characterizes the territory, play a key part in the diversification of local tourism.

In this work, its history, influences and particularities were studied and an evaluation of each historic garden was made. Finally, a proposal for an itinerary to be integrated in the most common tourist circuits in the territory is presented.

KEYWORDS: Gardens; Heritage; Conservation; Discoveries; Tourism; Macau.

ABSTRACT EXTENDED

Macau's historic gardens are a very important asset in terms of its heritage value as they are a unique result of four centuries of exchange between two cultures, Portuguese and Chinese. Their tourist appeal and the development of strategies that may lead to a wider interest might be quite important to show their uniqueness in terms of heritage, as well as the significance of their protection and conservation. Therefore, the objective of this study was to evaluate the tourist potential of the historic gardens of Macau and to create an alternative tourist itinerary through the territory whose main focus are these gardens.

With this purpose in mind, it was necessary to study the fundamental characteristics of the territory concerning the green spaces. Through studying the history, the biophysical components and the culture of Macau, it is possible to realize that these three factors have been combined to reveal a mix of materials, ways of building, designs and details that lead to a unique global ambience in the city, and also in its historic gardens.

The Historic Centre of Macau was inscribed in UNESCO's World Heritage List in 2005. It is in this context that the local legal framework of protection of Macau's heritage is described in this work.

Tourism in Macau has always been related to the gaming sector. So far, following the growing interest in its heritage, there is a local effort to diversify it, and extend it to a non-gaming tourism. The actual numbers and their evolution are studied in this work, with the objective of promoting garden tourism as a way of achieving this objective.

Also, the history of Macau's green spaces and their global characteristics, both in construction and in social appropriation of the space, are documented in this work.

The gathering of all information on the historic gardens and the possibility to experience them locally led to a methodology of evaluation of the tourist potential that described and verified various characteristics that were considered important for this matter. This tool of classification measures the relative importance of each garden in their global context in a way that devalues the subjectivity of an evaluation of this kind, by introducing qualitative parameters that describe the presence or quantify a value rather than a qualifying agent.

The study of eight historic gardens of the Peninsula of Macau led to an evaluation whose highest value was achieved by the Lou Lim Ioc Garden, followed by Camões'

Garden, Guia Municipal Park, Flora's Garden and San Francisco's Garden. These five gardens were then included in a proposal for an itinerary which combines the importance of the heritage value of Macau's historic gardens with some of its most famous monuments.

ÍNDICE

Índice de figuras.....	x
Índice de quadros.....	x
Índice de gráficos.....	xi
Índice de Anexos.....	xi
Lista de abreviaturaS.....	xii
1 Introdução.....	1
2 História de Macau.....	3
2.1 Macau na China.....	3
2.2 Os portugueses no Oriente.....	3
2.3 1557 – Fixação oficial dos Portugueses em Macau.....	7
2.4 Encontro e convivência de culturas ao longo de quatro séculos.....	8
2.5 Handover 1999.....	10
2.6 Região Administrativa Especial de Macau (RAEM).....	11
2.7 breve Cronologia da história de macau.....	12
3 Caracterização de Macau.....	15
3.1 Análise biofísica.....	15
3.1.1 Localização geográfica.....	15
3.1.2 Evolução da linha de costa e aterros.....	16
3.1.3 Orografia.....	17
3.1.4 Geologia.....	17
3.1.5 Clima.....	19
3.1.6 Flora.....	20
3.1.7 Fauna.....	21

3.2	Zonas Verdes de Macau	22
3.2.1	Caracterização e classificação das zonas verdes	22
3.2.2	História e evolução das zonas verdes	27
3.3	A arquitectura em Macau	32
3.3.1	A urbanização de Macau	32
3.3.2	Arquitectura tradicional chinesa	34
3.3.3	Arquitectura de “transgressão”	38
4	Património e Legislação	41
4.1	Protecção do Património de Macau – Contexto Legal Local	41
4.2	O Centro Histórico de Macau – Património Mundial da UNESCO	43
5	Macau e o turismo	46
5.1	O turismo e o Jogo em Macau	46
5.2	Actualidade e futuro	46
5.3	Os jardins como produto turístico.....	47
6	Os jardins de Macau	48
6.1	O jardim histórico em Macau.....	48
6.2	Influências orientais e ocidentais nos jardins de Macau	50
6.3	O jardim chinês	52
6.4	Vivência e apropriação dos jardins em Macau	54
6.5	Árvores antigas de Macau	58
6.6	Plantas mais comuns nas zonas verdes de Macau.....	59
7	Avaliação do Potencial Turístico dos jardins de Macau.....	63
8	Proposta de um itinerário pelos jardins históricos de Macau	74
8.1	Definição de conceitos	74

JARDINS HISTÓRICOS DE MACAU

Proposta de um itinerário turístico

8.2	proximidade entre espaços verdes de Macau	76
8.3	Itinerários Propostos existentes em Macau	77
8.4	Proposta do itinerario: Conhecer Macau pelos seus jardins	77
9	Conclusão	80
10	Bibliografia	81

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Localização e limites administrativos da RAEM (Adaptado de Wikipédia)	15
Figura 2 – Mapa sobre a evolução do território de Macau (Fonte: DSCC. Disponível em: http://www.dsc.gov.mo/dsc/port/newthematic.htm)	16
Figura 3 - Mapa topográfico (Fonte: Atlas de Macau, 2005)	17
Figura 4 – Mapa Geológico de Macau de 1992 (Fonte: RIBEIRO, M. L., 2010)	18
Figura 5 - Médias mensais de 1971 a 2000 (Fonte: DSGM. Disponível em: http://www.macautourism.gov.mo/pt/info/info.php)	20
Figura 6 – <i>Pycnonotus sinensis</i> (Fonte: Arthur Chapman. Disponível em: http://www.flickr.com/photos/arthur_chapman)	22
Figura 7 – Mapa das zonas verdes de Macau (Fonte: DSCC. Disponível em: http://www.dsc.gov.mo/dsc/port/newthematic.htm)	23
Figura 8 – Colina da Guia em postal de 1899 (Fonte: http://macauantigo.wordpress.com)	29
Figura 9 - Avenida Vasco da Gama (Fonte: http://macauantigo.blogspot.com/)	30
Figura 10 – Mapa do Centro histórico de Macau (Fonte: whc.unesco.org)	44
Figura 12 - Sequência de <i>Tai chi</i> praticada em grupo (Fotografias tiradas em Abril, 2011)	55
Figura 13 – Gaiolas com passarinhos penduradas nas árvores (Fotografias tiradas em Abril, 2011)	55
Figura 14 – Jogos de tabuleiro e cartas nos jardins de Macau (Fotografias tiradas em Abril, 2011)	56
Figura 15 – Ensaios de música em pequenos grupos (Fotografias tiradas em Abril, 2011)	56
Figura 16 – Meditação, convívio e contemplação (Fotografias tiradas em Abril, 2011)	57
Figura 17 – Massagem dos pés em percursos de seixos (Fotografias tiradas em Abril, 2011)	57
Figura 18 – Palacete da Flora no início do séc. XX	71
Figura 19 – “Jardim Público de Macau” de 1890 (Fonte: Union Postale Universelle. Disponível em: http://caderno-do-orient.blogspot.com)	73
Figura 20 – Mapa de proximidade entre os espaços verdes de Macau (Fonte: LIMIN)	76
Figura 21 Mapa do Itinerário “Conhecer Macau pelos seus Jardins”	78

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 - Categorias de Zonas Verdes de Macau (Adaptado de LIMIN, 2011)	25
Quadro 2 - Jardins Históricos de Macau (Adaptado de LIMIN, 2011)	48
Quadro 3 - <i>Civic Parks</i> (Adaptado de LIMIN, 2011)	50

Quadro 4 - Actividades desenvolvidas nos jardins de Macau	58
Quadro 5 - Espécies de plantas ornamentais nos jardins (Adaptado de 梁敏如, s.d.).....	59
Quadro 6 - Espécies de plantas ornamentais mais comuns nos parques e jardins de Macau (Adaptado de 梁敏如 s.d.)	62
Quadro 7 – Metodologia de avaliação do potencial turístico dos jardins históricos de Macau	65
Quadro 8 - Avaliação do potencial turístico dos jardins históricos de Macau	67

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Hábito das plantas dos jardins de Macau (Adaptado de 梁敏如)	61
Gráfico 2 – Característica que determina a escolha da planta para o jardim (Adaptado de 梁 敏如)	61
Gráfico 3 – Época de floração das plantas dos jardins de Macau (Adaptado de 梁敏如)	61
Gráfico 4 - Cor da flor das plantas dos jardins de Macau (Adaptado de 梁敏如)	60

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexos I – Época de floração de algumas espécies existentes nos jardins de Macau.....	II
Anexos II – Fichas dos jardins.....	V

LISTA DE ABREVIATURAS

AHM	Arquivo Histórico de Macau
APN	Assembleia Popular da China
CIIC	Comité Científico Internacional dos Itinerários Culturais
CPM	Comité do Património Mundial
COTAI	Zona do aterro de Cotai
DST	Direcção dos Serviços de Turismo de Macau
FAO	Organização para a Alimentação e Agricultura
FL	Jardim da Flora
IACM	Instituto para os Assuntos Cívicos e Municipais de Macau
IC	Itinerário Cultural
ICOMOS	Concelho International para a Defesa de Monumentos e Sítios
IFLA	International Federation of Landscape Architects
LC	Jardim Luís de Camões
LLI	Jardim Lou Lim Ioc
NAPE	Novos Aterros do Porto Exterior
ONU	Organização das Nações Unidas
PG	Parque Municipal da Colina da Guia
RAEM	Região Administrativa Especial de Macau
SJM	Sociedade de Jogos de Macau
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura
ZAPE	Zona de Aterros do Porto Exterior

1 INTRODUÇÃO

Ditaria a história dos Descobrimentos que em 1557 os portugueses se estabelecessem em Macau, no Sudeste da China. Desde então portugueses e chineses conviveram neste pequeno território, sob soberania portuguesa até 1999. Este encontro, entre dois povos tão distantes, tanto espacialmente como nos seus costumes, reflectiu-se no próprio desenho do espaço. Tentaram-se estabelecer as causas e os resultados dessa interacção na concepção dos jardins históricos de Macau. Considerando que “São as características e a importância dos recursos turísticos que definem a maior ou menor potencialidade dos destinos turísticos pelo que a sua identificação é uma das tarefas essenciais no processo de desenvolvimento turístico”¹, procurou-se demonstrar a aptidão dos mesmos para serem explorados ao nível do turismo e a importância da divulgação deste património na sua própria preservação e valorização.

Segundo a *Food and Agriculture Organization (FAO)*, a avaliação do potencial turístico local comporta duas fases. A primeira é uma fase de análise da situação turística existente, e a segunda corresponde a uma fase de diagnóstico, onde, resultado da fase anterior se identificam as forças e fraquezas do território.² Na avaliação do potencial turístico dos jardins de Macau, procede-se, então, a uma análise inicial do contexto global do território, focando-se posteriormente os aspectos particulares relativos aos jardins em estudo e fazendo-se um diagnóstico das potencialidades destes enquanto produto turístico numa cidade que procura uma diversificação do seu turismo, visando a protecção do seu património.

Em Macau, o contexto histórico, determinante no encontro de dois povos tão distantes, as suas condições biofísicas e o desenho da cidade são três realidades indissociáveis. No decorrer deste trabalho analisam-se, separadamente, cada um destes aspectos tendo em vista o discernir dos factores contribuintes para uma ambiência tão própria da cidade.

Em primeiro lugar, é feita uma sumária abordagem à história de Macau salientando-se a marcada interacção entre as duas culturas ao longo dos tempos. A história de Macau é descrita em três fases: o período anterior à chegada dos portugueses, o período marcado pela presença portuguesa, e o período posterior a 1999, após a passagem do território para a soberania chinesa.

De seguida é feito um estudo de caracterização de Macau, quer ao nível de uma análise biofísica, quer ao nível da sua urbanização e arquitectura. Assim, apresentam-se as

¹ CUNHA, L. (2008), p. 28.

² ZIMMER, P., GRASSMANN, S. (1996)

condições biofísicas em que o território se insere quanto à localização geográfica, evolução da linha de costa, ao clima, à geologia, à flora, à fauna e quanto às zonas verdes que nele existem.

No que diz respeito à urbanização de Macau, abordam-se os momentos-chave do crescimento da cidade, as características típicas da arquitectura chinesa de Macau e a arquitectura de transgressão resultado da convivência de culturas no território e que lhe confere características tão singulares. Para, então, se referir o estatuto e o enquadramento legal de protecção do património de Macau.

É feito um breve estudo acerca do turismo no território. Aborda-se a sua contextualização e evolução, os seus números actuais e os seus objectivos. Referem-se ainda os jardins, enquanto meio de diversificação desse mercado.

Numa fase posterior, estudam-se as características principais dos jardins históricos de Macau, definindo-se como critério os jardins públicos com mais de 30 anos. Referem-se as características principais dos jardins típicos chineses, a distinção e a singularidade que a conjugação das influências ocidentais e orientais conferem aos jardins de Macau, salientam-se os rituais sociais e a integração dos jardins no quotidiano local, e aborda-se o material vegetal, quer em termos de exemplares notáveis, quer nas espécies mais comuns que aí podem ser encontradas.

Tendo como objectivo final a proposta de um itinerário turístico onde os jardins fossem incluídos e escolhidos através da avaliação do seu potencial turístico, segue-se uma metodologia, na qual, depois de terem sido estudados todos os elementos fundamentais desta interculturalidade que se expressa nos jardins históricos de Macau fazendo deles um património rico e único, se definem parâmetros de avaliação e seus critérios. Finalmente, é avaliada a aptidão turística dos jardins seleccionados, sendo posteriormente feita uma descrição da estrutura e história dos mesmos.

Tendo em conta esta avaliação, é proposto um itinerário turístico que inclui os jardins seleccionados de acordo com a metodologia desenvolvida.

2 HISTÓRIA DE MACAU

2.1 MACAU NA CHINA

Os primeiros vestígios de ocupação em Macau datam do Neolítico, há seis mil anos atrás. Os estudos feitos apontam para a existência de duas fases distintas de ocupação. A primeira há seis mil anos e a segunda há quatro mil. Os vestígios dessa ocupação foram descobertos na ilha de Coloane, pela Sociedade de Arqueologia de Hong Kong, e parecem sugerir a existência de uma zona de habitação primitiva e de uma zona de armazenamento.³ No entanto, os materiais arqueológicos encontrados não permitem aferir se se trata de uma ocupação temporária ou permanente do território.⁴

O nome “Macau” terá origem numa lenda que dita que a Deusa Neang Ma⁵, padroeira dos marinheiros de *Fujian*, terá salvo a tripulação de um junco⁶ chinês. Em sinal de gratidão, estes construíram um altar na praia. Este local passou então a ser conhecido como *A-Ma-Kao*, que significa porto de *A-Ma* (diminutivo de Neang Ma). Os portugueses, posteriormente, chamaram-lhe Cidade do Nome de Deus Amacao na China.⁷

Repare-se na maior influência que o termo *A-Ma-Kao*, termo de origem fujianense, teve nos portugueses, ao invés de *Haojin*, termo de origem cantonense que seria usado nos primeiros documentos portugueses que referiam esta vila e que significava “esselho de ostra”, o que indicia a forte ligação comercial entre portugueses e fujianenses, tão ou mais significativa que desses com a população local cantonense.⁸

2.2 OS PORTUGUESES NO ORIENTE

D. João II foi o grande impulsionador dos Descobrimentos Portugueses, mas as grandes conquistas no Oriente ocorreram durante o reinado de D. Manuel. Nessa época, el-rei de Cochim⁹ tornou-se aliado dos portugueses, o que permitiu que aí se estabelecesse uma base de operações fundamental e obrigou o envolvimento português nos jogos políticos do Malabar. A concorrência portuguesa era uma forte ameaça aos interesses comerciais muçulmanos e, perante a recusa à expulsão dos portugueses exigida pelo samorim¹⁰ e

³ CASTRO, Isabel (2010)

⁴ MORBEY, Jorge *apud* CASTRO, Isabel (2010), p. 95.

⁵ Luís Filipe Barreto refere-se a Neang Ma como Má-Kó, “uma deusa popular dos litorais de Fujian, de Ryukyu e do Sul do Japão/ Quiuxu”

⁶ Tipo de embarcação à vela usada na China e no Japão

⁷ BASTO DA SILVA, Beatriz (1992), p. 43.

⁸ BARRETO, Luís Filipe (2006)

⁹ Cidade na costa ocidental da Índia

¹⁰ Título dado aos soberanos do antigo estado hindu de Calecute, entre os séc. XVI e XVII.

consequentes ataques a Cochim, foi erguida, por Afonso e Francisco Albuquerque, a primeira fortaleza na Ásia Maior, para proteger o rei e servir de base aos portugueses.¹¹

Em 1505, D. Francisco de Almeida foi nomeado como primeiro vice-rei permanente nas partes da Índia, ao qual D. Manuel pediu que erguesse fortalezas em Malaca e Ceilão. Perante a ineficácia do vice-rei, em 1507, D. Manuel envia Afonso de Albuquerque para o servir, prometendo-lhe a sucessão do cargo de vice-rei. Entre 1510 e 1511, com Afonso de Albuquerque, Malaca e Goa foram conquistadas e foi construída uma fortaleza em Calecute. Com estes feitos a conquista destas importantes praças-fortes no Oriente permitiram aos Portugueses a sua instalação nas rotas comerciais desta região e a utilização destas como pólos centrais na sua progressão comercial mais para oriente¹².

Nesta época, iniciaram-se uma série de expedições para travar relações comerciais e diplomáticas. Em 1512, numa dessas viagens, com destino a Pegú¹³, foi adquirido um junco chinês que levaria no ano de 1513, Jorge Álvares à China. Jorge Álvares era um funcionário de condição modesta que terá ido na primeira viagem a Pegú como escrivão, sendo posteriormente enviado à China numa expedição essencialmente de carácter comercial e de prospecção do mercado. Terá sido ele o primeiro português a chegar ao estuário do Rio das Pérolas, onde se situa Macau.¹⁴

A segunda viagem de portugueses à China terá sido a de Rafael Perestrelo¹⁵, aparentemente também de carácter meramente comercial. Também para a China, em 1515 (segundo João de Barros¹⁶), terá partido de Malaca, um junco de um mercador chinês que levou consigo alguns portugueses que terão feito bons negócios (no entanto, não se sabe muito sobre esta viagem). De salientar o sistema das liberdades das Índias que permitia aos portugueses ao serviço da Coroa trazerem mercadoria própria nos navios de el-rei, permitindo que no fundo estes se tornassem mercadores por conta própria e fizessem avultadas fortunas com a veniaga (espécie de contrabando legal). Este sistema trouxe uma certa instabilidade interna, pois tanto os reis como os comerciantes locais preferiam tratar com os mercadores privados a fazê-lo com os agentes oficiais do Estado português, conferindo-lhes algum poder que ditaria, por fim, uma forte oposição à política do vice-rei Afonso de Albuquerque.

Em 1514, após fortes pressões para que não renovasse o mandato a Albuquerque, D. Manuel atribui o cargo de vice-rei a Lopo Soares de Albergaria, com o qual se cessaria a

¹¹ THOMAZ, Luís Filipe (1998)

¹² *Idem, ibidem*, p. 63

¹³ Cidade na actual Birmânia onde havia uma grande indústria naval

¹⁴ *Op. cit.* 13

¹⁵ Navegador português que terá sido o primeiro a aportar nas costas do Sul da China continental entre 1516 e 1517

¹⁶ Historiador português da época de D. Joao III, autor da obra *Décadas da Ásia*

política das conquistas no Mar Roxo, para se centrar nos interesses mercantis e, portanto, na rota das especiarias. Assim, viria a favorecer-se a expansão para Oriente.

A 7 de Abril de 1515, terá partido de Lisboa com Lopo Soares, Fernão Peres de Andrade, a quem D. Manuel havia concedido a “capitania do descobrimento da enseada de Bengala e da China”. Em 1517, após vários contratemplos, Fernão Peres de Andrade partiu de Malaca para levar Tomé Pires¹⁷ à China como embaixador à corte imperial dos Ming.

Entre 1515 e 1518 assiste-se a uma grande dispersão dos portugueses numa busca incessante de fortuna particular, por terras onde a presença da Coroa ainda não havia sido oficializada. Assim, ao longo de todo o séc. XVI ter-se-ão mantido diálogos com diversos portos comerciais de forma não oficial, como foi o caso de Macau, e o Estado português só terá conseguido impor-se através de uma estreita relação com os mercadores. Lopo Soares mostrou-se muito permissivo a esta debandada, pondo em causa o próprio poder real e as relações com as autoridades locais, pois a permanência dos portugueses em diversos portos costeiros havia sido comprometida por inúmeros actos de pirataria dos nossos mercadores.

Diogo Lopes Sequeira, viria a ser nomeado por D. Manuel como sucessor de Lopo Soares, numa tentativa de impor de novo o poder da coroa sobre o reino e retomar uma política mais imperialista e austera. A política de D. Manuel para com a China passou pela concessão de licenças particulares para que os mercadores portugueses aí pudessem comerciar e, também, pela nomeação anual de capitães-mores que restabeleceriam as trocas comerciais entre a Índia e a China, através da barra de Cantão. A partir de 1521, viria a estabelecer-se uma rota fixa entre Pacém¹⁸ (onde Portugal havia fixado fortaleza) e os portos chineses para o comércio de pimenta de Samatra da qual a China era grande consumidora, segundo havia noticiado Fernão Peres de Andrade¹⁹. Foi ordenada a construção de uma fortaleza na costa da China e mandada estacionar uma armada ao largo da costa, bem como a construção de um navio em território chinês. No entanto, esta atitude viria a mostrar-se algo desfasada da realidade que se vivia em território chinês e determinou que as relações entre Portugal e a China fossem quebradas.²⁰

Em 1518, Tomé Pires foi deixado por Fernão Peres em Cantão, como embaixador da corte aos Ming, mas só em 1520 viria a dirigir-se a Nanquim (capital do Sul) onde terá sido recebido pelo imperador Wu Tsung amistosamente. A audiência oficial teria de ser, no entanto, em Pequim (capital do Norte), mas visto que o imperador faleceu antes de receber

¹⁷ Boticário do príncipe que foi escolhido para dirigir a primeira embaixada portuguesa à China. É o autor da *Suma Oriental* que é considerada a mais antiga e completa descrição europeia do Oriente.

¹⁸ Sultanato localizado na Ilha de Samatra

¹⁹ Navegador que partiu com Tomé Pires rumo à China

²⁰ THOMAZ, Luis Filipe (1998)

a embaixada portuguesa, esta recepção oficial voltaria a ser adiada. Durante esse período de espera, chegou às mãos do novo imperador Shi Tzung, uma carta de D. Manuel que desconhecia os costumes e a cultura chinesa. Esta não foi bem recebida e foi determinante no fracasso da missão de Tomé Pires.

As relações entre Portugal e a China também foram sendo comprometidas por outros acontecimentos como o enforcamento de um marinheiro por um qualquer crime cometido e a construção de um forte na ilha de Tamão para protecção contra piratas erguido por Simão de Andrade²¹, sem licença das autoridades locais, enquanto aguardavam o regresso de Tomé Pires que se atrasara na sua missão. A juntar a estes actos que já não tinham sido bem aceites pelos mandarins locais, os homens de Simão de Andrade não respeitaram o luto proclamado pela morte do imperador Wu Tsung (1521), que exigia que não se comerciasse. Estes acontecimentos determinaram a expulsão dos portugueses do território chinês e daqui resultaria, também, a morte de Jorge Álvares, o primeiro português a chegar à China. Em Agosto de 1522, Martim Afonso que comandava uma armada com destino a Cantão enviada por D. Manuel, alheio aos acontecimentos mais recentes, foi interceptado por uma armada imperial, não conseguindo passar a foz do Rio das Pérolas e vendo-se obrigado a regressar a Malaca. As relações com a China viram-se muito reduzidas nas três décadas que se seguiram.

A 13 de Dezembro de 1521 morre D. Manuel e o seu sucessor, D. João III, tomou, em relação à China, uma política de cariz menos imperialista. Ordenou que se fizesse saber o seu descontentamento em relação aos acontecimentos passados, procurando retomar as relações sob um ambiente de paz e amizade. Assim, lentamente, foram-se retomando e intensificando as relações comerciais entre Malaca e a China.²²

A fixação de alguns mercadores portugueses numa pequena colónia em *Fujian*, embora apenas por três anos, viria a servir de porto de escala na costa chinesa e resultaria na chegada ao Japão, em 1543. O comércio, tanto com a China como com o Japão, era muito lucrativo. Isto conferia a esta rota um cariz comercial que não seria mais ignorado. A fixação clandestina na ilha de Sanchuão resultara exactamente da necessidade de um porto de escala que possibilitasse que a mesma fosse mantida. Assim, “...por volta de 1553 ou 1554, Leonel de Sousa negociou com os mandarins da província de Cantão um acordo que

²¹ Este navegador tinha aportado em Cantão em 1519 para trazer de volta a embaixada de Tomé Pires, não contando com o atraso da missão deste último. No entanto, viria a abandonar Cantão quando, em 1520, Tomé Pires parte finalmente para Nanquim, tendo-se deslocado para Tamão.

²² THOMAZ, Luís Filipe (1998)

*permitiria a instalação em Macau de uma colónia mercantil portuguesa, o que veio a concretizar-se no ano do falecimento de D. João III, 1557.*²³

2.3 1557 – FIXAÇÃO OFICIAL DOS PORTUGUESES EM MACAU

Como foi acima referido, 1557 terá sido o ano oficial da fixação dos portugueses em Macau, no qual obtiveram permissão de permanência.

Segundo Gonçalo Mesquitela²⁴, a estadia dos Portugueses em Macau está alicerçada em interesses económicos e estratégicos para ambas as partes, já que significavam um benefício financeiro para Cantão, um ponto estratégico na progressão dos Portugueses para Oriente e a protecção dos perigos da pirataria que dominavam os mares da China, aquando da chegada dos Portugueses. A permanência dos portugueses no território tinha, sem dúvida, interesse para os chineses. Os portugueses não só traziam bens comerciais raros e valiosos (pimenta, âmbar cinzento, especiarias) e comerciavam em patações de prata (a maioria vindos de Acapulco, México), como pagavam uma avultada “renda” pela sua estadia em Macau.²⁵ *“Cruzando as fontes documentais chinesas com as portuguesas, parece claro que o âmbar e outros aromas e perfumes tiveram um relevo superior no estabelecimento lusitano.”*²⁶

No entanto, algumas fontes parecem apontar para uma razão subjacente à autorização de permanência dos Portugueses no território que foi intencionalmente mantida no sigilo como uma importante estratégia chinesa já que assentava no poderio militar dos Portugueses, como reconhecida vantagem na defesa das costas chinesas.²⁷ Viria a demonstrar-se importante quando as forças portuguesas se juntaram às tropas de Cantão, quando alguns dos seus militares se revoltaram e os Portugueses se mantiveram do lado do Império Chinês provando assim a sua fidelidade. *“O interesse pelo armamento português viria a ser uma constante ao longo dos séculos seguintes.”*²⁸

²³ THOMAZ, Luís Filipe (1998). p. 116.

²⁴ MESQUITELA, Gonçalo (1996)

²⁵ ABREU, António Graça de (2010)

²⁶ DIAS, Pedro (2005), p. 18

²⁷ JIN, Guo Ping, WU, Zhiliang (2003), p. 104

²⁸ DIAS, Pedro (2005), p. 18

2.4 ENCONTRO E CONVIVÊNCIA DE CULTURAS AO LONGO DE QUATRO SÉCULOS

Para Jorge Manuel Flores “*O nascimento de Macau significava a erupção de uma multitude de circuitos de comércio e possibilitava o alargamento das zonas de influência portuguesa. Mas trata-se sobretudo de influência informal*”²⁹.

Segundo Luís Filipe Barreto a aculturação portuguesa na expansão dos séculos XV a XVII implica: as relações interculturais, enquanto prática e vivência; as relações da cultura material, o mundo das trocas e transferências, das plantas e dos animais, dos produtos e técnicas de consumo e gosto; e as relações da cultura intelectual, horizontes de valores e de conhecimento, criadores de reflexão acerca das ações, palavras e coisas. Estas dimensões, embora independentes, relacionam-se para configurarem uma cultura única em Macau. Ao longo de quatro séculos de interação, “*Os diferentes indivíduos e grupos, saberes e poderes, interesses e expectativas, necessidades e possibilidades, geram diferentes processos de aculturação, e de identidade/diferença. A aculturação, mútua e desigual, é ambivalente e contraditória*”³⁰. Assim, a influência da cultura portuguesa em Macau interage com a cultura chinesa para a criação de uma cultura particular e única que nasce das vivências, das trocas materiais e ideais. Repare-se que esta aculturação portuguesa que ocorreu durante a expansão não é feita apenas num sentido, é mútua e carrega em si a força de aculturações sucessivas ao longo dos vários pontos onde vai sendo feita. Desta forma, tem-se uma dispersão de influências que chegam onde os Portugueses as levam. Pode dizer-se que “*...a aculturação portuguesa na expansão é múltipla. Não existe um padrão único de Português, mas sim diferentes e cada vez mais diversos e contraditórios tipos de Portugueses, fruto das relações multiculturais da expansão. Diversidade essencialmente produzida pela acomodação e miscigenização, em diferentes tempos e espaços que a tudo e todos transforma*”.³¹

Os relatos do convívio destes dois povos em Macau mostram que este nem sempre foi pacífico. Se por um lado ressaltam as maravilhas da astronomia e matemática, as caixas de música, relógios de corda, engenhos hidráulicos, por outro a insignificância prática desses conhecimentos para o povo chinês faz somente sobressair a componente dos Portugueses enquanto ocupantes do território de Macau e meros aliciadores cristãos a quem a conversão à religião não interessa, mas sim os benefícios pecuniários. Do ponto de vista chinês “*...os bárbaros de Macau*”³², com o seu comércio em Guangdong, beneficiam o

²⁹ FLORES, Jorge Manuel (1998), p. 149

³⁰ BARRETO, Luís Filipe (2008), p. 22

³¹ *Idem, ibidem*, p. 23

³² Os portugueses, neste caso.

*nosso povo, mas são tão ferozes e brutais que são capazes de criar problemas.*³³. Não obstante, na procura de estratégias para evitar problemas futuros salientavam que “*Em relação a estes indivíduos arrogantes, brutais e teimosos, uma vez abatida a sua arrogância, pode-se-lhes dominar o coração.*”³⁴. Contudo, esta animosidade seria vivida de parte a parte, pois são também relatadas situações de sedução e sequestro das mulheres portuguesas pelos chineses no território.

Ao longo dos séculos, em Macau, esta convivência foi se tornando mais tolerada e benéfica para ambas as partes acabando por se complementar.

A rota comercial estabelecida com o Japão era de extrema importância devido às grandes quantias de dinheiro que envolvia e o comércio com as ilhas nipónicas foi aumentando gradualmente das últimas décadas do século XVI até às primeiras quatro do século XVII. Estes anos representaram para Macau um grande desenvolvimento, mas mesmo após a expulsão dos Portugueses do Japão, os macaenses souberam encontrar outros mercados que garantiram o futuro e estabilidade da cidade. Porém, em 1599, os holandeses apareceram pela primeira vez nestes mares e seguiram-se os ingleses e outros povos europeus que concorriam directamente pelo comércio desta zona.³⁵

A 24 de Junho de 1622 os Holandeses, em superioridade numérica, são definitivamente derrotados em Macau, pelo padre jesuíta Rhó, que terá, com um só tiro de canhão certo, afundado o navio de pólvora da investida holandesa. O dia 24 de Junho passa a ser a data de comemoração do dia de Macau e do seu padroeiro S. João Baptista, cujo manto, segundo a lenda, terá desviado os tiros dos inimigos.

A concorrência suscitada pelos “negócios da China” não cessa por aí. Assim, em Agosto de 1839, durante a 1ª guerra do Ópio, os ingleses conquistam Hong Kong, devido a uma franca superioridade a nível naval e de armamento. Este acontecimento faz decrescer a importância comercial de Macau, que se passa a centrar mais na cidade vizinha.

No entanto, mantém-se a presença portuguesa em Macau e a riqueza cultural que advém da convivência entre culturas. As influências portuguesas, sobretudo sobre aqueles com quem o contacto era mais premente, manifestam-se pela aprendizagem da língua, pelo uso de roupas de estilo ocidental e pela adesão a uma gastronomia ocidentalizada. Os trabalhadores orientais aprenderam com os Portugueses a fabricar canhões, novas técnicas de construção de navios, a arte da relojoaria e a usar armas de fogo de origem ocidental. Além disso muitos orientais apreciavam a música, a pintura e a escultura ocidentais. O

³³ ZHANG, Zengtao (2010a)

³⁴ ZHANG, Zengtao (2010b)

³⁵ DIAS, Pedro (2005), p. 21

contrário também se verificava. Por um lado os missionários aprendiam entusiasticamente a língua e cultura chinesas, enquanto os habitantes portugueses comuns introduziam hábitos chineses no seu quotidiano. A gastronomia chinesa, a decoração, a arte, as vestes, todos estes aspectos foram abraçados e trazidos para o dia a dia dos residentes portugueses.³⁶

2.5 HANDOVER 1999

Em 1949, com a fundação da República Popular da China, foi declarado o não reconhecimento de todos os tratados firmados em condições de falta de equidade, referindo-se ao “Tratado Amigável de Comércio Sino-Português” assinado em 1887, no seguimento do “Tratado Nan Jing” assinado com os ingleses a propósito da concessão de Hong Kong. Nesse tratado o Governo Qing concordava em dar aos Portugueses o direito de gerir Macau e de não pagar foros pela ocupação do território. Este já tinha sido declarado nulo pelas autoridades chinesas do Ministério dos Negócios Estrangeiros da China, em 1928. Posição que foi reforçada, em 1972, a República Popular da China com o envio de uma carta à Comissão de Descolonização da Organização das Nações Unidas (ONU) sobre esta questão.³⁷

A 8 de Fevereiro de 1979, o General Melo Egídio faz a primeira visita oficial de um governador a Pequim, acordando que seria encontrada uma solução quanto à questão de Macau através de negociações amistosas entre os dois países. Após solucionada a questão relativa a Hong Kong (território chinês sob administração inglesa) em 1984, a 20 de Maio de 1986 é assinado, no Palácio do Povo em Pequim, um comunicado onde se inicia a negociação sobre Macau.³⁸

A 13 de Abril de 1987, em Pequim, foi assinada por Cavaco Silva e Zhao Ziyang, a Declaração Conjunta Luso-Chinesa sobre a Questão de Macau, um documento que estabelecia um compromisso entre o Estado Português e Chinês e determinava as responsabilidades de cada um no processo de transição de Macau. Com este documento “*O Governo da República Portuguesa e o Governo da República Popular da China declaram que a região de Macau (incluindo a Península de Macau, a ilha da Taipa e a ilha de Coloane, a seguir designadas como Macau) faz parte do território chinês e que o Governo da República Popular da China voltará a assumir o exercício da soberania sobre Macau a*

³⁶ FEI, Chengkang (1996), p. 55

³⁷ Gabinete de Comunicação Social da RAEM (2010)

³⁸ *Idem, ibidem*

*partir de 20 de Dezembro de 1999*³⁹. A Declaração entrou em vigor em Janeiro de 1988, iniciando-se o Período de Transição.

A 20 de Dezembro de 1999, após 4 séculos de administração portuguesa, Macau regressou, então, à soberania chinesa.

2.6 REGIÃO ADMINISTRATIVA ESPECIAL DE MACAU (RAEM)

Em Setembro de 1988 foi aprovada pela Comissão Permanente da Assembleia Popular Nacional da China (APN) a Comissão de Elaboração da Lei Básica de Macau, da qual faziam parte personalidades da China e de Macau, que delineava as orientações políticas e a legislação a aplicar no futuro.

A 31 de Março de 1993 foi aprovado, pela APN, um documento constitucional, a Lei Básica da Região Administrativa Especial de Macau da República Popular da China, que instituiu a futura RAEM a 20 de Dezembro de 1999 e que viria a dotar Macau de uma grande autonomia administrativa, procurando respeitar a sua identidade particular resultante de séculos de interacção entre Portugal e China. No que respeita a esta dissertação, deve salientar-se o artigo 125º do Capítulo VI relativo à Cultura e Assuntos Sociais da Lei Básica que refere: *“O Governo da Região Administrativa Especial de Macau define, por si próprio, a política cultural, incluindo as políticas respeitantes à literatura, à arte, à radiodifusão, ao cinema e à televisão, entre outros. O Governo da Região Administrativa Especial de Macau protege, nos termos da lei, os resultados alcançados pelos autores nas criações literárias, artísticas e outras, bem como os seus legítimos direitos e interesses. O Governo da Região Administrativa Especial de Macau protege, nos termos da lei, os pontos de interesse turístico, os locais de interesse histórico e demais património cultural e histórico, assim como protege os legítimos direitos e interesses dos proprietários de património cultural.”*⁴⁰

Em 29 de Abril de 1998, a Comissão Permanente da APN, aprovou a composição da Comissão Preparatória do Estabelecimento da RAEM composta por 200 membros, de entre cidadãos residentes permanentes de Macau e representantes dos sectores sociais. Esta tinha como objectivo a criação da Comissão de Selecção do Primeiro Governo da RAEM, que seria responsável pela eleição do primeiro Chefe do Executivo da RAEM. No dia 15 de Maio de 1999, Edmund Ho Hau Wah, foi eleito, sob votação secreta, para o cargo de primeiro Chefe do Executivo da RAEM. A 20 de Maio, o Decreto n.º 264 do Conselho de

³⁹Declaração Conjunta Luso-Chinesa sobre a Questão de Macau (1987)

⁴⁰ Lei Básica da Região Administrativa Especial de Macau da República Popular da China (1993)

Estado Chinês, assinado pelo Primeiro-Ministro Zhu Rongji, confirmava essa eleição, tendo este tomado posse a 20 de Dezembro de 1999.⁴¹

2.7 BREVE CRONOLOGIA DA HISTÓRIA DE MACAU

Apresenta-se de seguida, no quadro nº1, uma pequena síntese das datas e dos acontecimentos mais importantes referidos nos sub-capítulos anteriores:

Quadro 1 – Cronologia da história de Macau

Data	Acontecimento
Neolítico	Vestígios de ocupação humana em Macau
Início do séc. XV	Fixação de um núcleo residente na vila piscatória de <i>Haojin</i> (futuramente, Macau)
1495	D. Manuel torna-se rei de Portugal
Início do séc. XVI	Aliança com o rei de Cochim
1505	D. Francisco de Almeida é nomeado vice-rei do Estado da Índia
1507	Afonso de Albuquerque é enviado para auxiliar D. Francisco de Almeida
1509	Afonso de Albuquerque torna-se o segundo vice-rei do Estado da Índia
1510	Conquista de Goa
1511	Conquista de Malaca
1512	Construção de uma fortaleza em Calecute Aquisição de um junco chinês em Pegú que viria a levar Jorge Álvares à China
1513	Jorge Álvares parte para a China. Seria o primeiro português a chegar à barra do Rio das Pérolas
1513	Segunda viagem à China por Rafael Perestrelo. Seria o primeiro a aportar China continental
1514	D. Manuel nomeia Lopo Soares de Albergaria para substituir Afonso de Albuquerque no seu cargo de vice-rei.
1515	Alguns mercadores portugueses partem de Malaca num junco de um mercador chinês para comerciarem na China. Inicia-se uma grande dispersão de portugueses por terras onde a presença da coroa ainda não tinha sido oficializada.
1517	Tomé Pires parte de Malaca como embaixador à corte imperial dos Ming
1518	Diogo Lopes é nomeado como sucessor de Lopo Soares no cargo de vice-rei da Índia Tomé Pires é deixado em Cantão por Fernão de Andrade para iniciar a sua missão

⁴¹ Gabinete de Comunicação Social (2010)

Data	Acontecimento
1519	Simão de Andrade chega a Cantão para ir buscar a embaixada de Tomé Pires, mas este ainda aguardava ser recebido pelo imperador.
1520	Tomé Pires dirige-se a Nanquim onde é recebido pelo imperador Wu Tsung. Teria, no entanto, de esperar pela recepção oficial em Pequim. Simão de Andrade abandona Cantão e aguarda com os seus homens em Tamão, onde condena um dos seus marinheiros ao enforcamento e constrói um forte de protecção, à revelia dos mandarins locais.
1521	Estabelece-se uma rota fixa entre Pacém e os portos chineses para comércio de pimenta de Samatra Falecimento do imperador Wu Tsung e consequente atraso da missão de Tomé Pires Desrespeito dos homens de Simão de Andrade ao luto proclamado pela morte do imperador. O imperador Shi Tzung recebe uma carta de D. Manuel que desconhecendo os costumes chineses, ofendeu o novo imperador. Shi Tzung recusa-se a receber a embaixada, determinando o fracasso da missão de Tomé Pires Expulsão dos Portugueses da China e consequente morte de Jorge Álvares Morte do rei D. Manuel. D. João III torna-se o novo rei de Portugal
1922	A armada de Martim Afonso, enviada por D. Manuel que desconhecia os acontecimentos mais recentes, é interceptada na foz do Rio das Pérolas e forçada a regressar a Malaca
1540	Fixação de alguns mercadores portugueses numa colónia em <i>Fujian</i>
1543	Chegada dos Portugueses ao Japão e início da sua relação comercial
1553/1554	Leonel de Sousa negocia com os mandarins da província de Cantão a instalação de uma colónia mercantil em Macau
1557	Data oficial da fixação dos Portugueses em Macau
1599	Os holandeses, ingleses e outros povos europeus começam a navegar nos mares da China e a cobiçar a riqueza comercial destas rotas
1622	Os holandeses são definitivamente derrotados em Macau no dia 24 de Junho. Esta passa a ser a data de comemoração do dia de Macau.
1839	Os ingleses conquistam Hong Kong durante a 1ª Guerra do Ópio
1842	Assinatura do “Tratado de Nan Jing” relativo à concessão de Hong Kong aos chineses
1887	Assinatura do “Tratado Amigável de Comércio Sino-Português” relativo à concessão de Macau aos Portugueses
1928	Autoridade Chinesa dos Negócios Estrangeiros declara nulo o “Tratado Amigável de Comércio Sino-Português”
1949	Fundação da República Popular da China que declara o não reconhecimento do “Tratado Amigável de Comércio Sino-Português”
1972	República Popular da China envia carta à Comissão de Descolonização da Organização das Nações Unidas (ONU) sobre a questão de Macau

Data	Acontecimento
1979	O General Melo Egídio em visita oficial anuncia a procura de uma solução quanto à questão de Macau
1984	Assinatura do Tratado que determina que em 1997 Hong Kong deixará de estar sob administração inglesa, sendo devolvida à soberania chinesa.
1986	Assinatura do comunicado de início das negociações sobre Macau
1987	Cavaco Silva e Zhao Ziyang assinam a Declaração Conjunta Luso-Chinesa sobre a questão de Macau
1988	Elaboração da Lei Básica de Macau
1993	Aprovação da Lei Básica da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) da República Popular da China
1998	Aprovação da composição da Comissão Preparatória do Estabelecimento da RAEM
1999	Edmund Ho Hau Wah foi eleito para o cargo de primeiro Chefe do Executivo de RAEM A República Popular da China volta a assumir o exercício de soberania sobre Macau

3 CARACTERIZAÇÃO DE MACAU

3.1 ANÁLISE BIOFÍSICA

3.1.1 LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA

A RAEM (Região Administrativa Especial de Macau) situa-se entre as latitudes 22°06'39"N - 22°13'06"N, e as longitudes 113°31'33"E – 113°35'43"E. Localiza-se no Sul da China, na China Meridional, a oeste do Delta do Rio das Pérolas, a cerca de 60 km de Hong Kong (Fig. 1). Inclui a península de Macau (9,3 km²) que faz fronteira com a província de Guangdong, a ilha da Taipa (6,8 km²) e a ilha de Coloane (7,6 km²), actualmente ligadas através de COTAI, um novo aterro com uma área de 5,8 km².⁴²



Figura 1 - Localização e limites administrativos da RAEM (Adaptado de Wikipédia)

Macau tem sete freguesias (Fig. 1): Nossa Senhora de Fátima (1), Santo António (2), São Lázaro (3), São Lourenço (4) e Sé (5), na península de Macau; e Nossa Senhora do Carmo (6) e São Francisco Xavier (8), nas ilhas da Taipa e Coloane, respectivamente.

⁴² Gabinete de Comunicação Social (2010)

3.1.2 EVOLUÇÃO DA LINHA DE COSTA E ATERROS

Actualmente, a RAEM tem uma linha de costa de 47,18 km de comprimento, correspondendo 15 km ao litoral da península de Macau, e os restantes às Ilhas. ⁴³

Em 1912, quando foi feito o 1º registo da área do território, Macau tinha apenas 11,6 km². Os sucessivos aterros aumentaram esta área para 29,5 km². Ao longo do séc. XX, a linha de costa foi sendo alterada, em consequência destes aterros, havendo algumas zonas que perderam para sempre a sua estreita relação com o rio, tornando-se zonas interiores (Fig. 2).

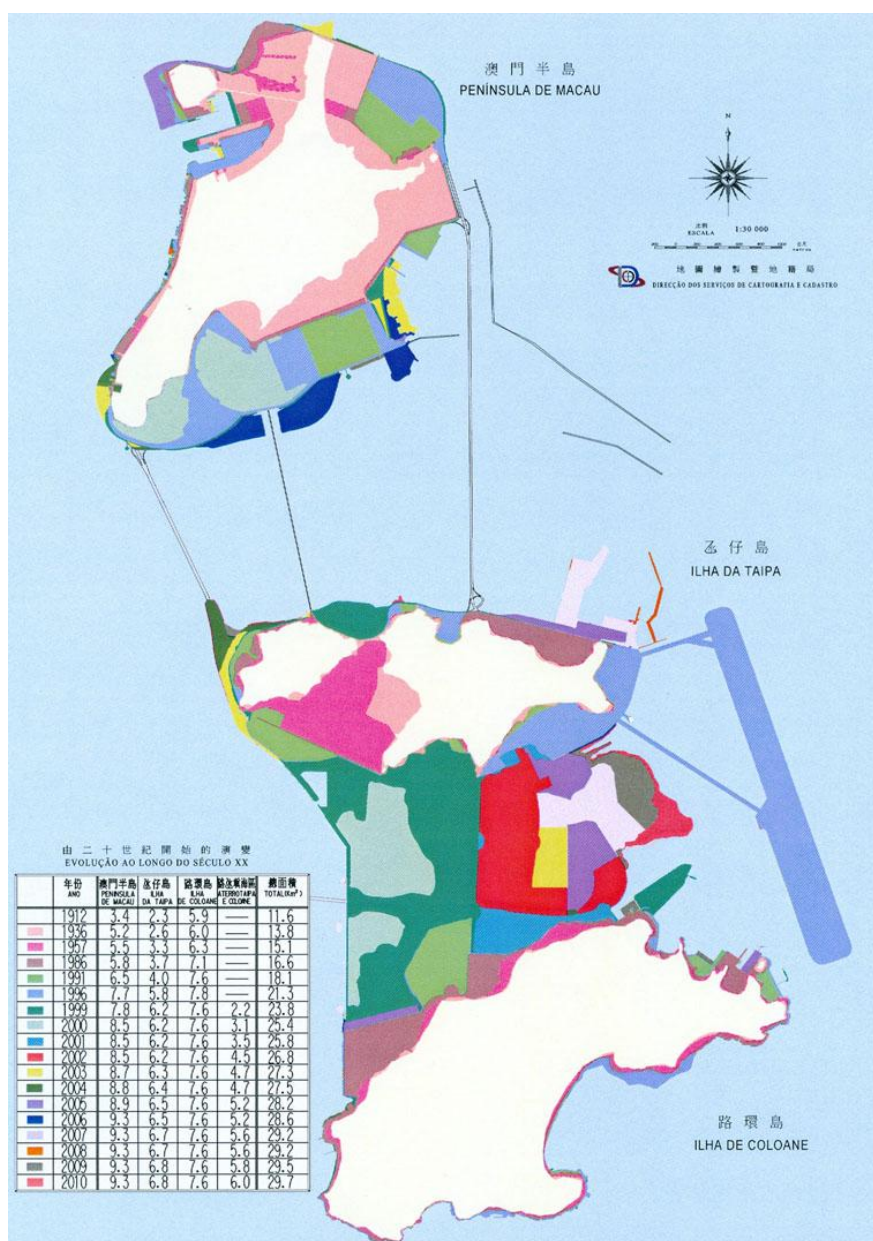


Figura 2 – Mapa sobre a evolução do território de Macau (Fonte: DSCC. Disponível em: <http://www.dsc.gov.mo/dsc/port/newthematic.htm>)

⁴³ Gabinete de Comunicação Social (2010)

3.1.3 OROGRAFIA

Sendo a maioria do território plano, nomeadamente, no que diz respeito a toda a área de aterros, a península de Macau conta com sete colinas (Fig. 3): Colina da Guia (90 m), Colina do Monte (57,3 m), Colina da Penha (62,7 m), Colina da Barra (71,6 m), Colina de D. Maria (48,1 m), Colina da Ilha Verde (54,5 m) e a Colina de Mong Há (60,7 m). As colinas da Guia, da Ilha Verde, do Monte e de Mong Há mantêm ainda hoje uma grande densidade de vegetação, constituindo algumas das mais significativas áreas verdes da península.



Figura 3 - Mapa topográfico (Fonte: Atlas de Macau, 2005)

3.1.4 GEOLOGIA

Macau localiza-se no Sudoeste da China que, geologicamente, é caracterizado pela coalescência de várias plataformas cratónicas (mantêm-se indeformadas por longos períodos de tempo) agregadas com orientação Sudeste (SE). As orogenias que mais terão afectado o território macaense correspondem aos movimentos Yenshaniana (Mesozóico) e Himalaiana (pós-Terceário). A geologia de Macau está essencialmente associada a massas granitóides (Fig. 4) heterogéneas na sua composição, granulometria, natureza e características dos filões, e na sua fracturação.⁴⁴

⁴⁴ Ribeiro, M. L. (2010)

Os granitos da região, poderão ter resultado de fusão parcial da crosta profunda, que se terão diferenciado e aflorado em dois períodos da orogenia Yenshaniana⁴⁵. Integram um batólito que se prolonga 50 km para Norte, no qual só se regista um único ciclo de deformação, provavelmente, o Yengshaniano. O granito da península é biotítico de grão médio (4 a 20 mm) com megacristais esparsos de feldspato. Surgem alguns afloramentos de granito de grão fino (< 0,5 mm), nomeadamente na Ilha Verde, Mong Há, Dona Maria, Guia e Barra. Os filões são de natureza variada, sendo: os de microgranitos os mais comuns e a sua composição semelhante aos granitos; os de aplito/pegmatito pouco expressivos que aparecem disseminados nos granitos; os de andesito são geralmente lenticulares e chegam a atingir 3 m de espessura; e os de quartzo cujas dimensões são reduzidas (< 0,5 m).⁴⁶

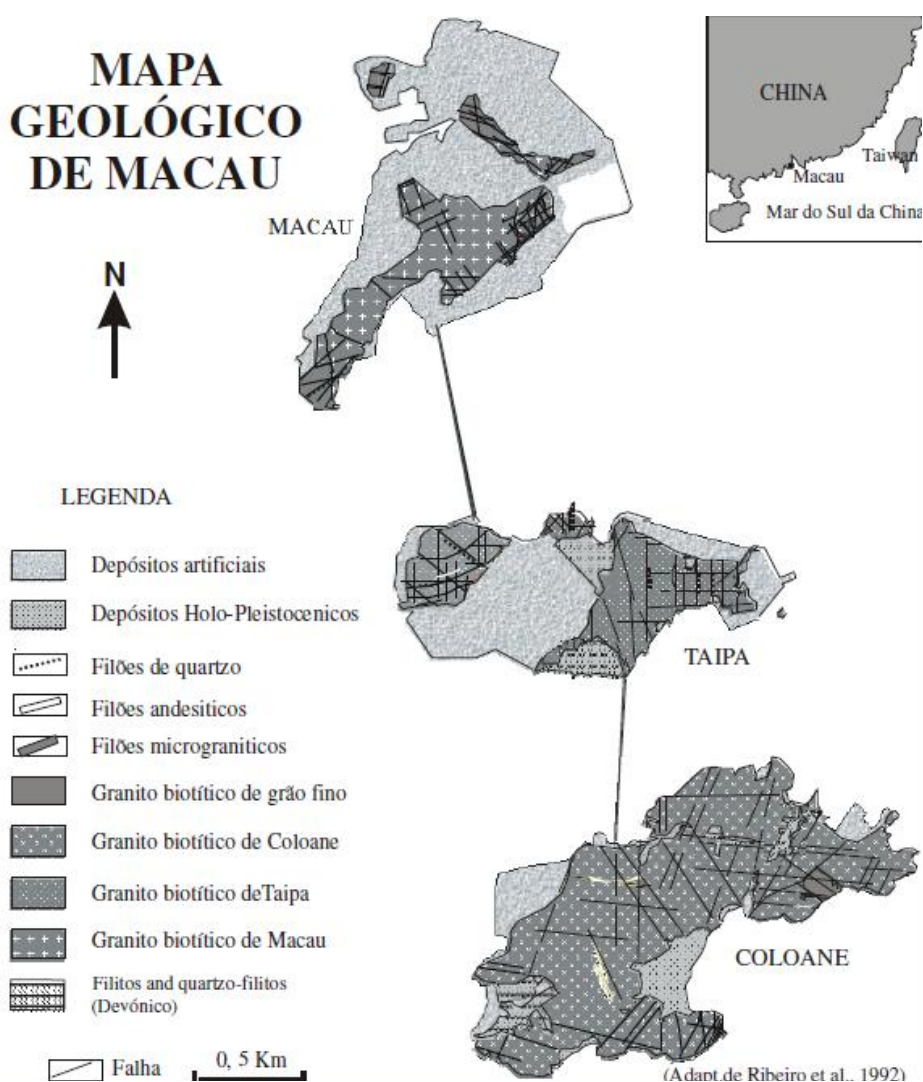


Figura 4 – Mapa Geológico de Macau de 1992 (Fonte: RIBEIRO, M. L., 2010)

Nas bacias originadas pela fracturação do granito, nas linhas de água, no litoral, e nas vertentes existem depósitos superficiais que datam do Halo-Plistocénico, de origem

⁴⁵ RAMOS, J. M. F., NEIVA, J. M. C. (2010)

⁴⁶ *Idem, ibidem*

fluvial, marinha e continental. Correspondem a arenitos arcósicos, aluviões, areias de praia, de duna e de cordão litoral. Também de salientar são os depósitos artificiais abundantes devido aos aterros que têm sido feitos ao longo do tempo.

No que se refere à tectónica, devido à sua proximidade a duas grandes falhas (falha correspondente à “Frente Caledónica”, a oeste, e Falha de Shenzhen-Wuhua, no alinhamento, sendo esta última uma falha activa), Macau é uma zona fortemente tectonizada. As fracturas que se observam, embora muito variadas em direcção, dimensão e orientação, podem dividir-se em dois sistemas principais: ENE-OSO e NO-SO (concordante com a orientação das estruturas do Sul da China, nomeadamente a Falha de Shenzhen – Wuhua), e um secundário NE-SW e NW-SE a NNE-SSW.⁴⁷

Não existem nascentes importantes no território, pelo que as fracturas abertas e os filões de quartzo e de rochas básicas de maiores dimensões, constituem importantes armadilhas estruturais que drenam as águas de infiltração.

3.1.5 CLIMA

Macau está localizado na zona subtropical, a sul do trópico de Cancêr, situando-se entre a China Continental (a norte) e o Mar do Sul da China (a sul). Assim, o Inverno caracteriza-se por temperaturas relativamente baixas e ar seco, com pouca precipitação. Nesta época, sofre a influência da alta pressão fria continental de alta e média latitude, recebendo ventos, principalmente, vindos de Norte. Já no Verão as temperaturas são relativamente altas, com índices de humidade elevados e precipitação abundante. Quanto à direcção do vento, uma vez que nesta época está sob a influência de condicionantes climáticas tropicais e do mar, este sopra de Sudoeste. Como foi referido, o vento sopra em direcções opostas no Verão e no Inverno, estando Macau situado numa zona de monções. O seu clima pode ser considerado temperado chuvoso no Verão.⁴⁸

Quanto a valores médios (Fig. 5), a temperatura anual média é de 22,4 °C, sendo que o mês com a temperatura média mínima é Janeiro (14,8 °C). Existem 7 meses com temperatura média superior a 22 °C. A precipitação média anual ultrapassa os 2000 mm, sendo que os meses onde se regista uma maior precipitação são entre Abril e Outubro. O mês de Maio é o que regista uma maior precipitação e o mês de Janeiro uma menor.⁴⁹

⁴⁷ RIBEIRO, M. L. (2010)

⁴⁸ Direcção dos Serviços de Meteorológicos e Geofísicos, (s. d.)

⁴⁹ Dados relativos ao período entre 1971 e 2000 in Gabinete de Comunicação Social da RAEM (2010)

JARDINS HISTÓRICOS DE MACAU

Proposta de um itinerário turístico

Valores médios mensais de alguns elementos meteorológicos no período de 30 anos (1971 - 2000)											
Mês	Temperatura do ar (°C)			Humidade (%)	Insolação duração (hora)	Precipitação		Vento		Trovoada Número de dias	Nevoeiro Número de dias
	Média das máx.	Média	Média das mín.			Total (mm)	Número de dias	Direcção pre-dominante	Velocidade média mensal		
Jan	17.7	14.8	12.2	74.3	132.4	32.4	5.8	N	13.7	0.1	1.6
Fev	17.7	15.2	13.1	80.6	81.8	58.8	10.2	N	13.2	1.1	3.1
Mar	20.7	18.2	16.2	84.9	75.9	82.7	11.8	ESE	12.1	2	7.6
Abr	24.5	22.1	20.2	86.2	87.8	217.4	12	ESE	11.8	4.6	5.1
Mai	28.1	25.5	23.5	85.6	138.4	361.9	15	ESSE	12.1	6.9	0.7
Jun	30.3	27.7	25.7	84.4	168.2	339.7	17.3	SW	12.2	8.3	0.1
Jul	31.5	28.6	26.3	82.2	226.2	300	15.9	SW	11.9	9.4	0.1
Ago	31.2	28.3	26	82.5	194.7	351.7	16	SW	11.2	10.7	0
Set	30	27.3	24.9	79	182.2	194.2	12.7	ESSE	12.8	5.9	0
Out	27.4	24.7	22.3	73.4	195	116.9	7	ESSE	14.9	1	0.1
Nov	23.4	20.4	17.8	69.3	177.6	42.6	5	N	14.8	0.1	0
Dez	19.6	16.5	13.8	68.8	167.6	35.2	4.5	N	14.1	0	0.4
Ano	25.2	22.4	20.2	79.3	1828	2133.4	133.2	ESSE	12.9	50.1	18.9

Figura 5 - Médias mensais de 1971 a 2000 (Fonte: DSGM. Disponível em: <http://www.macautourism.gov.mo/pt/info/info.php>)

Ou seja, estamos perante um clima com Invernos curtos e Verões longos. O Inverno, em Macau, corresponde basicamente aos meses de Janeiro e Fevereiro, nos quais se registam as temperaturas médias mínimas, havendo alguns dias com temperaturas muito abaixo da média (inferior a 5 °C). Segue-se a Primavera, entre Março e Abril, em que a direcção do vento é de Leste e Sudeste, deixando de se sentir a influência dos ventos frios e secos da Sibéria, aumentando a temperatura e a humidade. O Verão, que é a estação mais longa, é caracterizado por temperaturas altas e humidade elevada. Nesta época registam-se frequentemente trovoadas, chuvas intensas, tempestades tropicais e tufões. O Outono é também uma estação curta, entre Outubro e Dezembro, e corresponde à estação do ano em que a temperatura começa a arrefecer.⁵⁰

3.1.6 FLORA

Acerca da flora do território é importante ressaltar a influência determinante que Macau, enquanto local de intercâmbio entre o Ocidente e o Oriente, teve, uma vez que *“Durante séculos, a passagem de navios pelo porto de Macau foi determinante não só no que respeita à introdução de novas espécies trazidas da Índia, Ceilão, Tailândia, Timor, etc., (...) como também quanto ao envio de plantas para a Europa e América do Sul”*⁵¹. José Maria Braga⁵² refere ainda a introdução de algumas plantas de valor económico, trazidas pelos Portugueses e que foram sendo introduzidas na China a partir de Macau, como é o caso da batata-doce, do amendoim, do milho e do tabaco, entre outros.

Até 2004, foram encontradas 1508 espécies de plantas, espalhadas pelas zonas verdes de Macau. Assim, nas matas encontram-se, essencialmente, árvores perenes de folhas grandes e arbustos, nomeadamente as seguintes espécies: *Bridelia tomentosa*,

⁵⁰ Gabinete de Comunicação Social da RAEM (2010)

⁵¹ ESTACIO, António (1982)

⁵² BRAGA, J. M. (1965)

Dicranopteris pedata, *Litsea rotundifolia* var. *oblongifolia*, *Melastoma sanguineum*, *Rhaphiolepis indica* e *Rhodomyrtus tomentosa*. É ainda de referir que entre 1982 e 1995, em acções de arborização das matas das ilhas que se estenderam a 404,53 hectares, foram introduzidas 55 espécies, sendo que 60% das plantas usadas eram da espécie *Acacia confusa* (Acácia de Taiwan). Além desta foram também introduzidos exemplares das seguintes espécies: *Albizia lebeck*, *Acacia surratensis*, *Bauhinia variegata*, *Bauhinia x blakeana*, *Casuarina equisetifolia*, *Liquidambar formosana*, *Schima superba* e *Schima rubra*.⁵³ Numa nova acção de arborização que teve início em 2000 acrescentaram-se ainda as espécies: *Acronychia pedunculata*, *Carallia brachiata*, *Diospyrus morrisiana*, *Dracontomelon duperreanum*, *Gordonia axillaris*, *Litsea monopetala* e *Tetradium glabrifolium*, entre outras. A zona de arborização das ilhas contará, actualmente, com um total de 470.056 árvores.⁵⁴

3.1.7 FAUNA

A fauna em Macau, tal como a flora, está sujeita a grandes pressões relacionadas com o desenvolvimento do território. A alta densidade populacional, o desenvolvimento urbanístico rápido e desenfreado, os sucessivos aterros, a poluição aliada a estes factores, têm tido grandes impactes nos ecossistemas e na fauna selvagem de Macau. É o caso dos canais de migração natural, que, tendo desaparecido o canal terrestre, apenas permanecem o aéreo e aquático.

As principais espécies de mamíferos a referir são o morcego de cara de cão (*Cynoterus shinx*), o morcego de asas compridas (*Minopterus schreibersi fuliginosus*) e o esquilo de barriga vermelha (*Callosciurus erythraeus*). Este último terá sido introduzido artificialmente pelo Homem que o manteve como animal de estimação e tem grande influência noutras espécies, principalmente, de aves.⁵⁵

Existirão, 174 espécies de aves, originárias de 44 famílias diferentes, a maior parte das quais aquáticas. Do total de aves registadas, 19% correspondem a *Pycnonotus sinensis* (espécie de ave terrestre) (Fig. 6) e 15% a *Egretta alba* (espécie de ave aquática). Outras das espécies de aves mais comuns em Macau são: *Ardea cinérea*, *Cerceta* spp., *Charadrius hiaticula tundrae*, *Egretta alba*, *Larus ridibundus*, *Nycticorax nycticorax* e *Orthotomus sutorius*.⁵⁶

⁵³ Pesquisa efectuada pelo Jardim Botânico do Sul da China do Instituto Científico da China *apud* Gabinete de Comunicação Social da RAEM (2010), p. 576.

⁵⁴ Gabinete de Comunicação Social (2010)

⁵⁵ *Idem, ibidem*, p. 577

⁵⁶ Instituto de Investigação de Animais em Vias de Extinção de Hua Nan *apud* Gabinete de Comunicação Social da RAEM (2010), p. 577.



Figura 6 – Pycnonotus sinensis (Fonte: Arthur Chapman. Disponível em: http://www.flickr.com/photos/arthur_chapman)

De salientar uma nota de 1987, que afirma: “Ainda em relação às aves refira-se que nos últimos anos tem aumentado localmente o seu número nas ilhas, havendo quanto a nós, duas razões para tal justificação sendo a primeira derivada da suspensão da permissão para caçar e a segunda devido a razões de ordem ecológica que passamos a apresentar. Em 1977-78 começaram as matas da Taipa e de Coloane a apresentarem problemas de fitossanidade, acabando por se perder maioritariamente os povoamentos à base de pinheiro (*Pinus massoniana* Lambert). Daí ter aumentado o número de insectos xilófagos que, pela sua abundância, passaram a atrair um número crescente de aves insectívoras que os foram comendo e acabaram por nidificar⁵⁷.

Em 2009, restavam apenas 12 espécies de répteis e 7 de anfíbios. Essencialmente devido às pressões causadas pelas transformações ambientais nos seus *habitat*, pela poluição urbana, pelo desaparecimento da agricultura, uso de insecticidas, entre outros factores.⁵⁸

Nas águas costeiras existem 200 espécies de peixes, sendo que 6 destas são espécies nativas de água doce. Quanto a insectos, existem 500 espécies identificadas em Macau.⁵⁹

3.2 ZONAS VERDES DE MACAU

3.2.1 CARACTERIZAÇÃO E CLASSIFICAÇÃO DAS ZONAS VERDES

Em Macau, actualmente, a área verde total corresponde a 7, 703, 995 m², sendo a área verde *per capita* de 14,2 m².⁶⁰ A distribuição desta não é homogénea, correspondendo 79,2% às ilhas e apenas 20,8% à península de Macau (Fig. 7).⁶¹ As áreas verdes são, na sua maioria, públicas, mas existem ainda algumas privadas.

Segundo a classificação proposta pelo Instituto para os Assuntos Cívicos e Municipais (IACM) em 2006, as zonas verdes podem ser divididas em 6 tipos:

1. Jardins e Parques
2. Zonas de lazer

⁵⁷ ESTÁCIO, António (1987)

⁵⁸ Gabinete de Comunicação Social da RAEM (2010)

⁵⁹ *Idem, ibidem*

⁶⁰ *Idem, ibidem*, p. 8

⁶¹ LIMIN, LI, Weinong (2011)

JARDINS HISTÓRICOS DE MACAU

Proposta de um itinerário turístico

3. Rotundas, bermas e separadores centrais
4. Hortas
5. Cemitérios
6. Viveiros

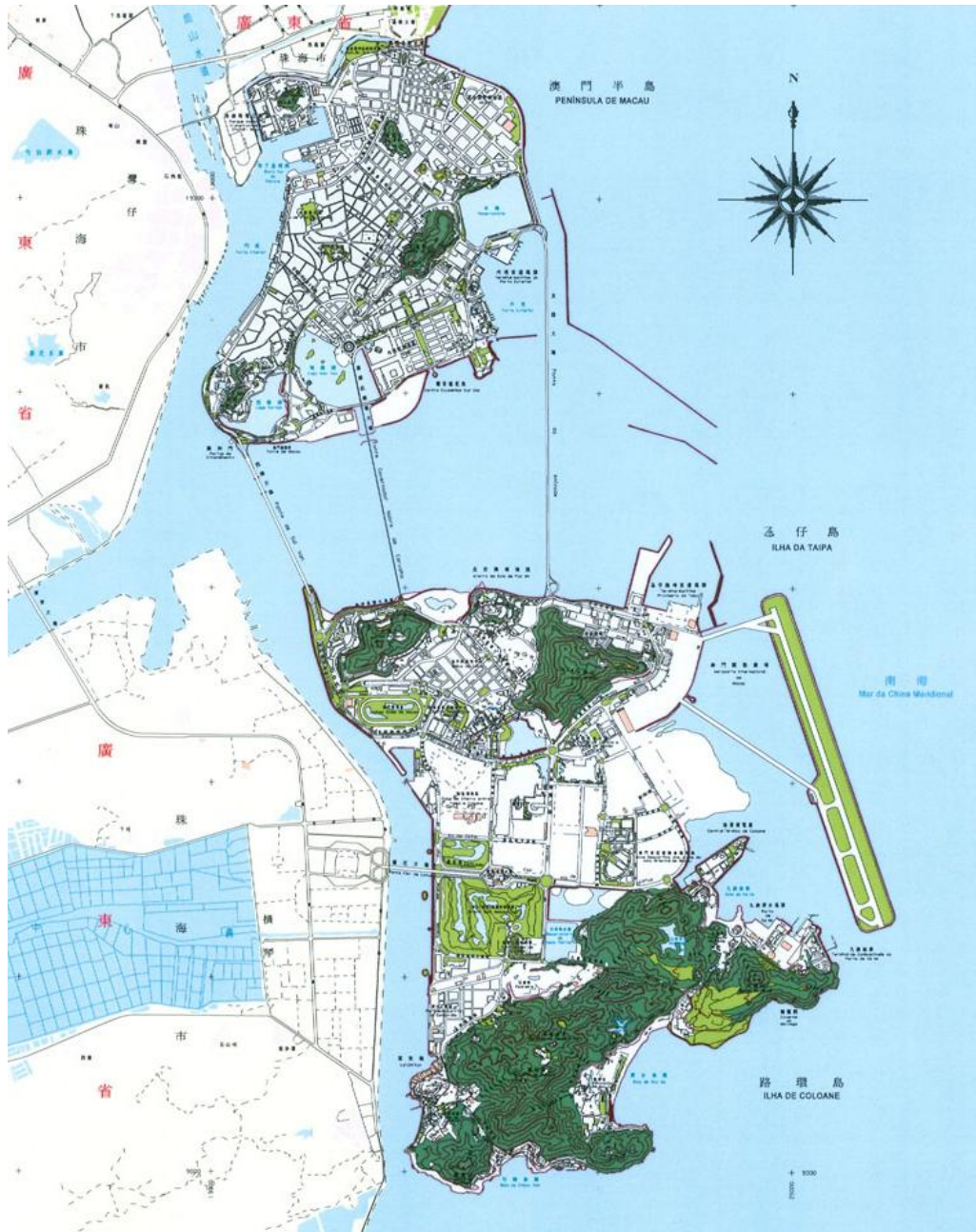


Figura 7 – Mapa das zonas verdes de Macau (Fonte: DSCC. Disponível em: <http://www.dsc.gov.mo/dsc/port/newthematic.htm>)

No trabalho desenvolvido por LIMIN e LI⁶², é feita uma categorização das Zonas Verdes de Macau, a partir da legislação e regulamento administrativo do território, sendo usadas, como referência, as classificações da China (CJJ/T 85-2002 – *Standard for classification of urban green space*) aplicadas ao caso de Macau. As zonas verdes são classificadas segundo a sua função (Quadro 1), excluindo-se todas aquelas que não cumpram os critérios de nenhuma categoria, e inserem-se em 4 grandes grupos:

- MG1 – aberto ao público; algum equipamento de apoio para lazer e recreação, sistemas de protecção anti-fogo, bom ambiente
- MG2 – inclui as áreas verdes associadas à infra-estruturação das vias
- MG3 – viveiros onde se encontram as árvores, arbustos e sementes para as áreas verdes da cidade.
- MG4 – inclui as áreas verdes que influenciam directamente a qualidade de vida, do ambiente e estética da cidade, as áreas florestais, as zonas húmidas, as áreas de protecção das nascentes e as áreas verdes de reconversão de lixeiras.

⁶² LIMIN, LI, Weinong (2011)

JARDINS HISTÓRICOS DE MACAU

Proposta de um itinerário turístico

Quadro 2 - Categorias de Zonas Verdes de Macau (Adaptado de LIMIN, 2011)

Categoria	Descrição
MG1	
MG11 <i>City Park</i>	Localizada na cidade, aberta ao público, equipamentos, zona verde de lazer.
MG111 <i>Civic Park</i>	Serve todos os cidadãos, bom local para praticar desporto, muito bem equipado, > 1000 m ² .
MG112 <i>Community Park</i>	Utilização de proximidade, dispõe de equipamento, > 500 m ² .
MG113 <i>Theme Park</i>	Espaço temático, adequado a crianças, inclui jardins botânicos e zoológicos.
MG12 <i>City Garden</i>	Localizado próximo das ruas e edifícios, inclui zona plantada, tem geralmente uma boa vista.
MG121 <i>Gardening Plaza</i>	Tem área verde, aberto ao público, zona de lazer e convívio.
MG122 <i>Street Garden</i>	Enquadramento estético das ruas, largura > 5 m, área > 100 m ² , serve para curtos períodos de estadia.
MG123 <i>View Point</i>	Miradouro, ponto alto de onde se pode ter uma boa vista.
MG124 <i>Hotel Garden</i>	Área verde dentro de hotel.
MG125 <i>Historic Garden</i>	Construído há mais de 30 anos, elevado valor histórico, portador de valor simbólico.
MG126 <i>Religionary Garden</i>	Áreas verdes correspondentes a templos e igrejas.
MG127 <i>Cemetery Garden</i>	Aberto ao público para visita e prestação de homenagem.
MG13 <i>Country Park</i>	Localizado na periferia, local onde as pessoas podem tirar proveito da proximidade da natureza, equipado com mesas de merenda e espaço para churrasco.
MG14 <i>Green Space in the Courtyard</i>	Zonas verdes pertencentes aos edifícios.
MG141 <i>Residential Garden</i>	Pertence ao próprio edifício
MG142 <i>Greening Courtyard</i>	Localizado em zonas públicas, serve como área de lazer.

JARDINS HISTÓRICOS DE MACAU

Proposta de um itinerário turístico

Categoria	Descrição
MG15 <i>Green Space for Physical Training</i>	Área verde dentro das zonas destinadas a desporto na cidade.
MG151 <i>Golf Course</i>	Área verde dentro dos limites dos campos de golfe.
MG152 <i>Green Space in Sports Facility</i>	Área verde dentro dos equipamentos desportivos.
MG2	
MG21 <i>Road Green Space</i>	Área verde na infra-estrutura rodoviária da cidade.
MG211 <i>Road Green Belt</i>	Área verde nas ruas públicas. Inclui as zonas verdes das bermas e separadores, bem como as árvores de arruamento.
MG212 <i>Traffic Green Islands</i>	Área verde das rotundas e dos cruzamentos.
MG22 <i>Green Space for Infrastructure</i>	Área verde dentro dos equipamentos de trânsito.
MG221 <i>Greening Parking Lot</i>	Área verde cobre mais de 30% da área total.
MG222 <i>Green Space for Transport Infrastructure</i>	Área verde contida no aeroporto, túnel, porto dos ferrys, pontes e viadutos.
MG3	
Viveiros onde se encontram as árvores, arbustos e sementes para as áreas verdes da cidade.	
MG4	
MG41 <i>Scenic Forest</i>	Antigas “zonas de replantação e reflorestação”. Boa vista, melhoram a qualidade cénica de Macau.
MG42 <i>Ecological Wetland</i>	Zona de aluvião, presença de água parada ou corrente na proximidade que não é salgada, ou é meia salgada, ou é totalmente salgada, a maré baixa não excede os 6 m.
MG43 <i>Drinking Water Conservation</i>	Usualmente rodeada por área verde, fonte de água para consumo dos cidadãos.
MG44 <i>Green Space for Refuse Landfill</i>	Lixeiras reconvertidas.

3.2.2 HISTÓRIA E EVOLUÇÃO DAS ZONAS VERDES

Embora o aspecto verdejante e consolidado das montanhas e colinas de Macau e das Ilhas de Taipa e Coloane não o faça parecer, a verdade é que se trata de uma paisagem relativamente recente. Num relatório escrito a 15 de Junho de 1885, por Tancredo do Casal Ribeiro que fez parte da já referida Comissão para os Melhoramentos Materiais da Cidade nomeada pelo Governo de Tomás de Sousa Rosa, acerca da arborização de Macau, estas são descritas como “...*montanhas duras, manchadas de espaço a espaço pelo saibro avermelhado.*”, salientando a importância de “...*povoar as montanhas agora áridas e escalvadas e que tão feio aspecto apresentam ao viajante que se dirige a Macau.*”⁶³ A preocupação não era, no entanto, meramente estética, mas também relacionada com a erosão e arrastamento dos solos que contribuía fortemente para o grave problema de assoreamento que se vinha a verificar no delta.⁶⁴

Em 1883, Adolpho Loureiro referia como a “...*arborização d’aquellas encostas vae auspiciosa, e grande serviço presta o governador occupando-se de tão grande melhoramento. Como aquelles sítios serão bonitos, quando os terrenos esbranquiçados, costados de sulcos abertos pelas águas das chuvas, áridos e secos, estiverem vestidos de verdura!*”⁶⁵

Havia, porém, algumas zonas com mais vegetação, como por exemplo dentro das cercas conventuais e monásticas de S. Francisco e Santa Clara, nos terrenos da igreja de S. José, alguns jardins privados e ao longo dos caminhos que iam dar às aldeias chinesas do Norte do istmo.⁶⁶ O Horto dos Jesuítas ou do Espírito Santo, próximo da Fortaleza do Monte, e o Horto do Bom Jesus, na Penha, eram exemplos de pequenos hortos onde os membros das Ordens Religiosas que, a partir de 1563 com a chegada dos Jesuítas, se instalaram no território, cultivavam plantas medicinais com as quais abasteciam as suas farmácias e boticas.⁶⁷

Até 1879, existiam em Macau inúmeras chácaras⁶⁸ (Chácara Leitão, Chácara de S. José e Chácara de Maria Filipe) e hortas (Horta de Volong, Horta de Mitra, Horta de Bom Jesus). Com a necessidade de área de construção disponível e medidas fitossanitárias necessárias estas foram desaparecendo, como foi referido no capítulo referente à urbanização de Macau.⁶⁹

⁶³ CASAL RIBEIRO, Tancredo (1885)

⁶⁴ CONCEIÇÃO AFONSO, J. (1998)

⁶⁵ LOUREIRO, Adolfo (2000), p. 100

⁶⁶ DIAS, Pedro (2005)

⁶⁷ ESTACIO, Antonio (1998), p.208

⁶⁸ Quinta; habitação campestre perto da cidade; pequena propriedade rural com casa de habitação. (Dicionário da língua portuguesa – porto editora – 7a edição)

⁶⁹ ESTACIO, António, Saraiva, António (1993)

De 1925, surge um documento que referencia um jardim construído pelos Portugueses fora do arco da Porta do Cerco e, portanto, em território chinês. Terá começado por ser uma pequena horta dos soldados posteriormente transformado num jardim. Este, que não era da iniciativa do governo, acabaria por ter ordem de abandono a bem da manutenção das relações amistosas com os chineses já que estes consideraram tal acto como uma tentativa de usurpar parte do seu território.⁷⁰

Mais tarde existem algumas referências ao Jardim do Bom Parto, nomeadamente numa aguarela de George Chinnery que terá sido executada entre 1833 e 1838, e se localizaria no alto da Fortaleza do Bom Parto.⁷¹ A sua entrada seria de estilo barroco e com um traçado muito elegante.

Embora muitas destas zonas verdes tenham, com o passar do tempo, dado lugar a uma densa e desmesurada construção, foi-se também desenvolvendo uma preocupação acrescida com a arborização da cidade, reflorestação das colinas e com a existência de jardins públicos.

O Governador Tomás de Sousa Rosa, que se interessou pela expansão dos espaços verdes de Macau, teve uma grande influência na evolução dos mesmos no território. Foi durante a sua administração que o Eng. Tancredo do Casal Ribeiro, se debruçou sobre a arborização da cidade, a nível de estradas, dos jardins e também da colina da Guia. Em 1883, foram comprados, 5.000 *Pinus sinensis* aos viveiros de Hong Kong que se terão adaptado na sua maioria com grande sucesso, aquando da sua plantação experimental na base da encosta sudoeste da colina da Guia. Construíram-se rapidamente viveiros na Flora, dividindo-se, por uma faixa de 40 metros na qual existiam nomeadamente ailanthus e grevilias que “quebrando a monotonia do viveiro transformam em local francamente aprazível.”, em duas partes: uma para reproduções por estaca (*Morus alba*, *Ficus religiosa*, *Erythrina* sp. e uma espécie do género *Gassipium* não identificada), e outra para sementeira (*Pinus sinensis*, *Cupressus japónica*, *Aleuite tribula*, *Ailanthus glandulosa*, *Ponciana pulcherrima*, *Laurus camphora* e *Ficus elástica*). Para além dos viveiros construíram-se também tanques, lagos, pontes e canteiros, que viriam a constituir o Jardim da Flora. O sucesso desta operação foi tal que Tancredo do Casal Ribeiro em 1885 afirmava que se tudo continuasse assim “no anno futuro ficarão completos os trabalhos de arborisação das e estradas e muito adiantado o revestimento das montanhas”.⁷² (Fig. 8) As novas ruas e avenidas construídas aquando dos aterros da Praia Grande (1931/1935) e do Porto Exterior

⁷⁰ AHM

⁷¹ CONCEIÇÃO AFONSO, J. (1999)

⁷² CASAL RIBEIRO, Tancredo (1885)

(1938/1946), como é o caso da Av. Rodrigo Rodrigues, Av. D. João IV, Av. Infante D. Henrique e Av. da Amizade, tinham já placas centrais destinadas à plantação de árvores.



Figura 8 – Colina da Guia em postal de 1899 (Fonte: <http://macauantigo.wordpress.com>)

No que respeita aos jardins públicos de Macau, a sua criação começa, também com o governo de Tomás de Sousa Rosa, durante o seu mandato entre 1883 e 1886, nomeadamente com o Jardim de S. Francisco, o Jardim de Camões e a Avenida Vasco da Gama, que terão sido os primeiros.

A antiga Avenida Vasco da Gama (Fig. 9), aberta em 1898, com uma largura de 65 m, estendia-se por 500 m, perfazendo uma área de cerca de 3 ha. Tratava-se do primeiro parque público fora de muros, com uma forte influência dos parques românticos franceses. O conceito de jardim que acompanhou a construção do monumento da vitória trazia pormenores estilísticos como o pequeno pavilhão com uma cúpula de telhas de ardósia e as fontes de taças, jogos de água e esculturas de garças. A Avenida era rectangular e geometricamente traçada, com alinhamentos extensos de árvores que formavam uma quadrícula regular e com uma praça onde se inseria o coreto. Nos topos do rectângulo encontrava-se o monumento octogonal à vitória sobre os holandeses e, no outro extremo pelo monumento a Vasco da Gama, inaugurado já no início do séc. XX.⁷³ A partir de 1935, começaram a surgir alterações com a introdução do equipamento desportivo do Tap Seac, as escolas Pedro Nolasco da Silva e Sir Robert Ho Tung, a piscina municipal e uma unidade hoteleira, tendo este sido completamente retalhado, apenas sobrevivendo actualmente dois vestígios da sua monumentalidade de outrora, o Jardim da Vitória e o Jardim de Vasco da Gama, bem como o alinhamento de árvores que será memória desse passado.

⁷³ RODRIGUES, Rodrigo (s. data)

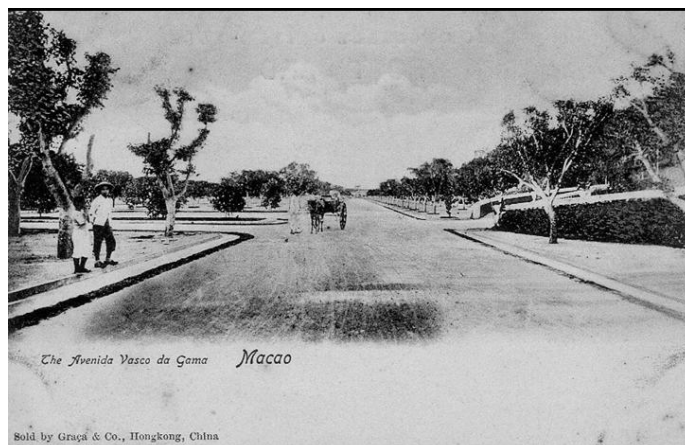


Figura 9 - Avenida Vasco da Gama (Fonte: <http://macauantigo.blogspot.com/>)

Para além destes, também é referenciado o Jardim do Chunambeiro, mas este não suscitou grande interesse do público. Na memória descritiva de um projecto de 1887 que propunha a substituição deste jardim por um largo arborizado com árvores de pagode, pode ler-se a seguinte descrição: “O jardim actual é de muito mau gosto, cercado por um muro de tijolo, tem uma pequena porta em cerca de madeira que lhe dá entrada. No local em que está situado não podem vingar nenhuma plantas e apenas podem resistir às fortes lestadas a que está sujeito árvores que se plantam em estaca e já em significativo estado de desenvolvimento.”⁷⁴

Assim, encontramos, no território, o espelho desta história recente, nos vários jardins que, sofrendo alterações mais ou menos expressivas, mas sempre ao acelerado ritmo da evolução dos espaços desta cidade, persistiram ao passar dos tempos:

- O **Jardim de S. Francisco (1861)** terá sido, como foi dito, um dos primeiros jardins públicos. Perdeu a sua ligação estreita com o rio, já que, antes dos aterros da Praia Grande, os sucessivos patamares se debruçavam sobre o Rio das Pérolas;
- O **Jardim da Vitória** e o **Jardim Vasco da Gama** são hoje memórias da antiga Alameda Vasco da Gama (1898). Embora tenham sofrido alterações que os descaracterizaram bastante, ainda hoje ostentam os monumentos de outrora. No Jardim da Vitória celebra-se a vitória de 1622 sobre os holandeses e no Jardim Vasco da Gama ergue-se o busto do navegador;
- O **Jardim Luís de Camões (1885)** foi, em tempos, o maior jardim do território.⁷⁵ Tratava-se do jardim particular do conselheiro Manuel Pereira, cuja residência foi ocupada pelo cônsul britânico. Por esta altura, jardineiros da

⁷⁴ Desconhecido (s.d.) - AH – MO/AH/AC/SA/01/00819

⁷⁵ AMARO, Ana Maria

casa real inglesa tratavam deste espaço e nele foram colecionando exemplares de várias espécies oriundas da China, criando um autêntico jardim botânico. Posteriormente a propriedade foi comprada pelo governo de Macau, que, então, em 1885, o transformou num jardim público;

- O **Jardim da Flora**, aquando da reflorestação da Guia, como foi já referido, os viveiros de apoio a este processo foram construídos no espaço actualmente ocupado por este jardim. Nele existia também um palacete, que terá sido residência de Verão do governador, e que foi destruído quando se deu, em 1931, a explosão do paiol que existia neste mesmo local. As espécies existentes neste jardim encontravam-se classificadas, trabalho atribuído a Alfredo Augusto Teixeira;
- O **Jardim da Montanha Russa**, localiza-se numa colina, ainda sem grande intervenção humana e com uma localização periférica para a altura, era utilizada para piqueniques e lazer. Desta colina via-se ainda a baía da Praia Grande e havia um miradouro bastante singular, em forma de caracol, que permaneceu como símbolo deste passado até que actualmente perdeu a sua função. Em 1890 foi inaugurado naquele espaço o Jardim da Montanha Russa, nome referente, exactamente a esse elemento em espiral, que muitos hoje desconhecem a sua razão;
- O **Jardim de Lou Lim Ioc**, que hoje representa apenas um quarto do seu esplendor inicial, já que viu em muito reduzida a sua área, sucessivamente, dando lugar a edifícios, é, sem dúvida, um jardim singular. A sua história remonta à década de 1870, quando foi mandado construir pelo comendador que lhe deu nome procurando que se reproduzissem os fantásticos jardins de Suzhou⁷⁶. Posteriormente adquirido pelo governo, e findados os trabalhos de recuperação do mesmo, foi aberto ao público em 1974, constituindo hoje em dia uma verdadeira pérola no que toca aos espaços verdes da RAEM.

Ao longo dos tempos novos jardins foram surgindo, parecendo, no contexto deste trabalho, importante referir, a título exemplificativo, alguns desses espaços de maior importância.

Um exemplo extraordinário do resultado da crescente preocupação ambiental que se tem vivido foi a reconversão de uma lixeira a céu aberto num parque público de grandes dimensões em 1983. O Parque Municipal Dr. Sun Yat Sen, situado na zona norte, tem 57 000 m², esconde hoje o seu passado sob um desenho moderno que procurou aliar o gosto e

⁷⁶ Os jardins de Suzhou são mundialmente conhecidos pela sua beleza e estão listados como Património Mundial da UNESCO.

cultura orientais ao traçado mais ocidental do seu projectista, o Arq. Francisco Caldeira Cabral.

Em 1993 foi inaugurado, na Zona de Aterros do Porto Exterior (ZAPE), o Jardim Comendador Ho Yin, com 12 600 m². Pela relação de continuidade que se estabelece entre ambos, não faz sentido falar deste sem referir que em 1996, no NAPE (Nova Zona de Aterros do Porto Exterior), foi inaugurado o Parque Dr. Carlos d'Assumpção, com uma área de 23 205 m². Trata-se de uma área rectangular longitudinal que se orienta da colina da Guia para o rio (ligação esta que foi em tempos sugerida por paisagistas de Macau, mas nunca adoptada). Todo este corredor é ladeado por prédios altíssimos e vias de grande movimento que, aliás, já obrigaram mesmo a alguns cortes e modificações do projecto original.

3.3 A ARQUITECTURA EM MACAU

3.3.1 A URBANIZAÇÃO DE MACAU

Antes da chegada dos Portugueses a Macau, existiriam apenas três pequenas povoações, distintas e isoladas, associadas aos núcleos familiares que habitavam o território.

Mais tarde, começaram a distinguir-se os núcleos chineses, dos núcleos portugueses. Estes últimos situavam-se em torno das igrejas e dos conventos, no topo das colinas. Estes dois núcleos apresentavam características diferentes e específicas, e numa fase inicial não terá havido qualquer co-influência.

Nas primeiras décadas do século XVII são levantadas fortificações militares com o objectivo de defender Macau das investidas estrangeiras. Este limite físico veio condicionar largamente a expansão da cidade durante dois séculos.⁷⁷

Entre o final do século XVII e o século XVIII, verifica-se que a evolução da cidade estagnou devido, sobretudo, dificuldades financeiras que marcam a história da cidade nesse período.

Segundo Carlos Marreiros, *“Ainda que as duas cidades (cristã e chinesa) não tivessem a estanqueidade que aparentemente a existência das muralhas defensivas possam sugerir – pelo facto de Macau ser um excelso monumento da humanidade em termos de coexistência, tolerância e miscigenação – é bom aceitar que a interacção entre as*

⁷⁷ RODRIGUES COSTA, Maria de Lourdes (1997)

*duas cidades, e conseqüente miscigenação das culturas arquitectónicas só acontece, em grande escala, após a morte do Governador Ferreira do Amaral.*⁷⁸

Francisco Figueira afirma que *“A partir daí⁷⁹ Macau muda muito. Com as rédeas da Administração concentradas no Governo, a cidade vê fazerem-se as obras públicas de que necessitava. Aterros para aumentar a sua área, portos, estradas, secagem de pântanos, iluminação pública, jardins e fortins, vão caracterizar a actividade dos governadores seguintes. Os primeiros planos de urbanização – bairros da Mitra e S. Lázaro – aparecem nos finais do século 1, com uma grelha de ruas perpendiculares, abastecimento de água e sistema de esgotos.*⁸⁰

Após 1840, *“O núcleo europeu intramuros, densamente ocupado, foi pouco a pouco extravasando e, quando grandes panos de muralha foram posteriormente demolidos, toda a península foi sendo gradualmente ocupada com novas áreas residenciais e respectivos serviços. Os diversos agrupamentos habitacionais antigos e recentes, foram-se interligando, formando uma única área urbana, sempre em expansão”*⁸¹.

Em portaria provincial de 28 de Julho de 1833, durante o governo de Tomás de Sousa Rosa, foi nomeada uma comissão inserida no Serviço das Obras Públicas que elaborou um Relatório de “melhoramentos materiais da cidade” em 1834. Desta comissão fazia parte Tancredo de Casal Ribeiro, que muito influenciou a estrutura verde de Macau, como veremos mais à frente. Note-se que o ponto nº 12 que consta desse relatório diz respeito à arborização da cidade, quer ao nível dos jardins e estradas, quer ao nível do revestimento da colina da Guia.

Várias medidas viriam, então, a ser tomadas, nomeadamente o início dos trabalhos de iluminação da cidade, no ano de 1834, e os trabalhos de arborização da cidade que foram abordados anteriormente.

Por questões de salubridade, o Bairro da Horta da Mitra, uma antiga mata onde residiam vários emigrantes chineses que inicialmente teriam vivido da venda de lenha, é demolido, e surge o Bairro Tomás Rosa, com um traçado ortogonal e habitações já com preocupações quanto à orientação solar e arejamento.⁸²

Com o Governador Horta e Costa, os Bairros do Volong e de S. Lázaro têm o mesmo fim. O primeiro teria sido em tempos um bambuzal conhecido como o “Campo dos

⁷⁸ MARREIROS, Carlos (1999), p. 186

⁷⁹ 1834, após a morte do Governador Ferreira do Amaral

⁸⁰ FIGUEIRA, Francisco, (1988), p. 12

⁸¹ RODRIGUES COSTA, Maria de Lourdes (1997), p. 28

⁸² CONCEIÇÃO AFONSO, J. (1999)

arrependidos”, pois aquando da investida holandesa, estes tê-lo-ão evitado por temerem uma emboscada e acabaram por tentar escalar a Guia, o que terá tido influência na sua derrota. Também a zona de várzea existente no Tap-Seac, onde os agricultores retinham água com auxílio de represas improvisadas tornando-a num foco de insalubridade, foi expropriada e nivelada.

A partir de 1900, foi concluído o novo Bairro de S. Lázaro, o Bairro Social Tamagnini Barbosa e o do Hipódromo e foram feitos novos aterros na Praia Grande e no Porto Exterior.

Podemos ainda nomear alguns Planos Directores que foram surgindo a partir da década de 60. O primeiro da responsabilidade do Arq. Garizo do Carmo, terá sido o primeiro plano geral que abrangia todo o território e interligava as várias zonas. Em 1976, um novo Plano é apresentado pelo Arq. Tomás Taveira. Entre 1970 e 1978 é elaborado o “Plano Territorial de Macau” que foi prontamente entregue para revisão em 1979 à empresa Profabril com o objectivo de dotar o governo de um instrumento que permitisse orientar as decisões sob o ponto de vista da edificação urbana, resultando no “Plano Geral de Ordenamento de Macau”. Este apresentava pontos assentes na programação socioeconómica, na defesa do património, no planeamento de áreas verdes e da malha urbana e da criação de uma política geral de transportes, bem como a intenção de criar uma cidade nova nos novos aterros na costa ocidental da península. Em 1979 e 1984, surgem planos da responsabilidade do Arq. José Catita e do Arq. Castelo Branco, respectivamente. Sob a coordenação do Arq. Luís Rebolo, em 1987, a AsiaConsult apresenta um novo plano que incluía as ilhas de Taipa e Coloane.⁸³

3.3.2 ARQUITECTURA TRADICIONAL CHINESA

A arquitectura tradicional chinesa segue os cânones e princípios estabelecidos pelo *Yingzao fashi*, um manual de construção produzido em 1103, durante a dinastia Song, pelo Ministério do Trabalho (?). Em 1734 (dinastia Qing), é publicado um segundo manual, o *Gongbu gongcheg zuofa zeli*.⁸⁴

Segundo Liang Sicheg⁸⁵, existiram dois períodos na arquitectura chinesa. O Período do Vigor, até ao ano 1000, e o Período da Rigidez, entre 1400 e 1900.

A arquitectura tradicional chinesa de Macau segue os princípios básicos do *Yingzao fashi*, mas fá-lo adaptando-os à sua realidade, quer em escala, quer na adaptação ao clima,

⁸³ *Idem, ibidem.*

⁸⁴ MARREIROS, Carlos (2007)

⁸⁵ Else Glah *apud* MARREIROS, Carlos (2007)

mão-de-obra, materiais disponíveis e a uma interpretação mais liberal dos mesmos, feita pelos arquitectos do sul da China.⁸⁶

Carlos Marreiros⁸⁷ analisa a arquitectura tradicional chinesa de Macau segundo 8 características:

1. Localização e organização espacial determinada pelo *feng shui*;
 - Um edifício ocupa uma localização específica calculada pelos métodos do *feng shui* que não altere o equilíbrio Yin-Yang do lugar. O mesmo acontece à micro-escala da organização espacial interna do edifício.
2. Simetria;
 - Quer ao nível da planta, quer ao nível da fachada, quer a níveis organizacionais do espaço, é possível encontrar um eixo de simetria bem marcado a partir do qual se observa a tripartição do edifício.
3. Composição tripartida;
 - Aplicada na organização, estética e função do espaço. Associado à ideia da centralidade, há um módulo central ao qual se dá maior destaque, ladeado por dois módulos simétricos. Verifica-se que há uma partição modular de todos os elementos do edifício, visível tanto nos templos de Macau, como nos edifícios não religiosos.
4. Centralidade;
 - O destaque dado ao módulo central do edifício prende-se com a antiga hierarquia social chinesa, onde só as classes superiores usavam as faixas centrais, interdita às classes inferiores. Assim, é possível traçar um eixo central que marca o ritmo estrutural de toda a composição. A demarcação desse eixo é feita quer a partir de uma elevação do mesmo (raro em Macau), por uso de pavimentos de materiais mais nobres (granito em contraste com cimento ou terra batida), recurso a técnicas de sombreamento das laterais com recurso a plantação de árvores ou toldos, maior cuidado e detalhe na ornamentação, e/ou maior dimensão das estruturas que compõem o módulo central.
5. Unidade;
 - Na tradição chinesa um edifício é constituído por vários pavilhões mais pequenos e independentes, que, através dos princípios da simetria, tripartição, centralidade e *feng shui*, se articulam através de pátios e corredores, para formarem o sentido de unidade, recorrendo com mestria a jogos de cheio/vazio, luz/sombra,

⁸⁶ MARREIROS, Carlos (2007)

⁸⁷ *Idem, ibidem*

claro/escuro, masculino/feminino produzindo efeitos cénicos que transparecem o equilíbrio Yin-Yang.

6. Vocabulário;

- Trata-se de uma arquitectura muito conservadora, que, segundo os princípios do *Yangzao fashi*, reconstrói edifícios novos à imagem dos antigos. Assim, o vocabulário não é extenso nem variado, reflectindo-se a criatividade nos detalhes, na carpintaria das portas, janelas e painéis, nos elementos de gesso, esculturas de terracota e de *cheng chun*, pedra e metal. “A sua riqueza reside no equilíbrio Yin-Yang através do jogo claro/escuro e cheio/vazio, aliado a grandes eixos visuais e controlo de perspectiva.”

7. Construção, técnicas e materiais;

- Durante a Dinastia Qing, o grau de standardização na construção de componentes foi sendo cada vez maior, resultando numa pré-fabricação em grandes quantidades que permitia manter a qualidade técnica e artística, mantendo a unidade e harmonia do complexo. Esta tendência trouxe uma arquitectura pouco expansiva, pouco livre, padronizada, muito precisa e com atenção ao detalhe, caindo, por vezes, num exagero decorativo, em relação às tendências anteriores.⁸⁸

Técnicas:

i. Fundações

- Feitas de blocos de granito dispostos sobre estacas de madeira enterrados no solo até uma profundidade de 3 metros. Quando se encontram elevadas a cima da linha do solo são estucadas e pintadas ou forradas com lajes.

ii. Estruturas

- Todos os módulos têm duas empenas laterais grossas onde assentam as vigas de suporte do telhado e dos andares superiores (3 no máximo). Estas vigas transversais de madeira são de secção circular e são dispostas paralelamente à fachada com um curto espaçamento entre si para garantir estabilidade contra ventos forte e tufões.

iii. Paredes

- As paredes estruturais são feita, geralmente, em tijolo, são grossas e, para efeitos de isolamento térmico e sonoro, são duplas, havendo uma câmara de ar entre elas.

⁸⁸ FU, Xinian *apud* MARREIROS, Carlos (2007)

As paredes não-estruturais interiores e exteriores são também construídas em painéis de madeira ou em tijolo e forradas com lajes de granito ou blocos dispostos horizontalmente.

Na arquitectura tradicional chinesa de Macau usa-se frequentemente uma *fanhuaqiang*, ou seja, uma parede de prevenção contra incêndios, deixado a fachada recuada 40 cm a 200 cm, e criando uma barreira a toda a altura do edifício.

iv. Colunas

- Este elemento, em Macau, só surge nos templos ou em edifícios onde as paredes-mestras não são suficientes para suportarem as vigas que sustentam o telhado.

Geralmente feitas a partir de uma só peça de madeira maciça com secção circular que assenta numa base ou plinto de granito.

Nos templos de Macau são também muito comuns as colunas de pedra de secção quadrangular ou rectangular.

v. Cobertura de telhados

Materiais:

- vi. Madeira – muito usado nas estruturas e decoração em Macau
- vii. *Cheng chun* – tijolo de argila cinzenta, com um acabamento aveludado. Muito usado na construção de paredes e na arquitectura portuguesa de Macau.
- viii. Chunambo – cal feita a partir de conchas de ostra em fornos construídos especialmente para o efeito. Este tipo de trabalho é feito com uma argamassa resultante da mistura de terra ou lama, palha e cal de conchas (geralmente ostra) que são sucessivamente compactadas em camadas horizontais e reforçada com madeira e bambu. Usado nas fortalezas, muralhas, igrejas e arquitectura civil.
- ix. Terracotta e materiais cerâmicos – Terracota não vidrada e, sobretudo, vidrada e pintada, era usada em frisos decorativos ao longo dos telhados e paredes de prevenção de fogo, bem como pequenas peças decorativas para grelhas, painéis das paredes, vãos das janelas e pequenas esculturas com motivos, nomeadamente, geométricos, vegetais, dragões e carpas

Outro tipo de material cerâmico também usada são vários tipos de telhas, lajes de tijolo de argila preta, e manilhas de grés, a imitar bambú, usadas nos sistemas de drenagem.

- x. Granito - Muito abundante, este material é usado em colunas, vigas, fundações, painéis, esculturas, painéis em baixo e alto-relevo, guardas, balaústres e pavimentos.
- xi. Relevo - Refere-se a verdadeiras peças de artes esculpidas por artesãos numa mistura de cimento e areia, armadas com arame e pintadas em três camadas com tinta de base mineral sobre uma base de cal branca, que adornam telhados, frisos e painéis.

8. Especificidades.

- Em Macau, surgem adaptações e reinterpretações, mistura de técnicas e de sensibilidades artísticas dos *canon* e princípios tradicionais chineses.

O esquema tradicional das habitações chinesas era constituído por um complexo habitacional com um pátio interior para o qual abriam os quatro edifícios dispostos em rectângulo. Assim, o chefe de família ou os membros da geração mais velha ocupariam o edifício com a fachada orientada a sul, os edifícios laterais seriam para os restantes membros da família e o último seria destinado a crianças e criados. Este modelo tinha variadas adaptações consoante o clima, materiais disponíveis e costumes de cada região.⁸⁹

3.3.3 ARQUITECTURA DE “TRANSGRESSÃO”

Em Macau, a arquitectura, com “*O seu carácter específico, desenvolvido nos séculos XVI e XVII, proporcionou-nos uma esplêndida herança arquitectónica do seu passado glorioso, testemunho vivo da interpenetração cultural ao longo dos séculos.*”⁹⁰

Para Wong Shiu Kwan, a evolução de Macau sobre influência das arquitecturas Chinesa e Portuguesa pode ser dividida em 4 períodos:

1. **Antes de 1557** – Período no qual não se registam influências portuguesas na arquitectura local
2. **1557-1700** – Período em que houve pouca influência mútua na arquitectura chinesa e portuguesa, sendo que a portuguesa terá tido maior expressão em Macau
3. **1700-1900** – A partir de 1700 dá-se início ao apogeu do desenvolvimento de mútuas influências, fundindo-se as arquitecturas Chinesa e Portuguesa num estilo especial e único.
4. **1900-1937** – Neste período introduz-se, em Macau, o betão armado e o estilo internacional. Assim, observa-se o declínio das influências entre as arquitecturas chinesa e portuguesa, sendo praticamente inexistente no fim deste intervalo.

⁸⁹ WONG, Shiu Kwan (1969)

⁹⁰ RODRIGUES COSTA, Maria de Lourdes (1997)

Se inicialmente o estilo chinês não sofreu grandes influências ocidentais, com o decorrer do tempo, as influências portuguesas foram-se manifestando na estrutura dos edifícios, nos acabamentos e nos elementos decorativos. As adaptações locais, quer a nível do clima, quer a nível dos materiais disponíveis e da mão-de-obra local que introduzia elementos autóctones às construções, contribuíram também para o aparecimento de um estilo próprio e eclético. Este associou-se fundamentalmente às construções destinadas à habitação, já que, quer os edifícios religiosos, quer os destinados a serviços públicos, mantiveram a arquitectura característica de cada uma das culturas.⁹¹ De salientar que para Wong Shiu Kwan, nunca existiram, em Macau, edifícios com características puramente portuguesas, havendo sempre alguma influência chinesa em algum aspecto.⁹² Segundo Carlos Marreiros, “ *O modelo macaense tinha todos os ingredientes para vingar: o seu estilo neoclássico estilizado e simplificado; a sua elegância sem exigência de matéria-prima inexistente ou onerosa; a economia com a utilização de emboço em vez de pedra nas cantarias e ornatos; mão-de-obra especializada disponível e experiente, e, por fim, pela sua eficiente resposta em termos funcionais e ambientais. Era um modelo que tanto encantava os europeus – pelo facto de ser digno e referencial, permitindo-lhes simultaneamente gozar a amenidade proporcionada pela arcada – como os chineses, que gostavam da sua formalidade e simetria arquitectónicas, bem assim como da sua aptidão climática. Estas arquitecturas constituíram verdadeiros monumentos à coexistência cultural, pois os seus edifícios, com fachadas completamente ocidentais, comportavam plantas, programas funcionais e decoração especificamente chinesas, como seja a colocação de um pátio através do qual se processava toda a compartimentação...*”⁹³

Maria de Lourdes Rodrigues Costa afirma que não é possível, no caso de Macau, falar de uma “arquitectura colonial” como aquela presente no Brasil e em África.⁹⁴ Porém, o seu estilo eclético resulta de várias influências, “*Do português popular e primacial à versão simplificada do barroco atlântico, dos arquétipos da dinastia Ching, canónica e tratadística, ao neoclassicismo colonial contagiante (que das concessões e feitorias estrangeiras foi fazendo escola), do português suave ao tropicaldeco, por influência do Japão e da costa americana do Pacífico, todo um conjunto de sinais e de notas assobiando um vocabulário próprio, rico, curioso, transgressor, popular, inteligente e não poucas vezes bizarro e caricato.*”⁹⁵

Segundo o Arquitecto Manuel Vicente, a principal característica da arquitectura de Macau é a transgressão. Transgressão esta que pode ser definida como uma fusão de

⁹¹ RODRIGUES DA COSTA, Maria de Lourdes (1997),

⁹² WONG, Shiu Kuan (1969)

⁹³ MARREIROS, Carlos (1999), p. 174

⁹⁴ RODRIGUES COSTA, Maria de Lourdes (1997)

⁹⁵ MARREIROS, Carlos (1995) in RODRIGUES COSTA, Maria de Lourdes (1997), p. 7

estilos em que o modelo de referência não é plenamente seguido e se encontra desligado do seu contexto. *“A transgressão, há que entendê-lo, antes de tudo, é a qualidade primeira da arquitectura de Macau, da fundação dos nossos dias. Transgrediu-se quase sempre por ignorância ou deficiente conhecimento do modelo em referência – as colunas são atarracadas ou demasiado esbeltas, a emolduração é imprecisa nas arestas e nos côncavos e nos convexos, o ornamento é caricatural, dos óculos à folha de acanto, os frontões não têm o ângulo ou a curva certos, a proporção dos andares entre si é caprichosa. Tudo é “pouco mais ou menos”. Transgrediu-se porque a obra é produção plural em que o operário é principal artífice, com gesto carregado de saber antigo, inverbalizável. Transgrediu-se, finalmente, ao desligar contido de contexto, aí implantar na China meridional a “Saudade de Itália”.”*⁹⁶

A partir dos anos 30 surgem, em Macau, vários exemplos de património arquitectónico associados ao Movimento Moderno. Segundo Pedro Dias, *“As novas avenidas da cidade encheram-se de casas directamente trazidas da art-deco e o Governo constrói as suas obras de melhor qualidade em escolas e mercados.” É a melhor época da história da cidade – construção e vai durar até à guerra do Pacífico.*⁹⁷

A arquitectura em Macau é o resultado da interacção das culturas chinesa e portuguesa. Wong Shiu Kwan⁹⁸ nomeia os aspectos que facultaram essa influência:

1. **Clima** - Influências portuguesas introduzidas sobretudo do ponto de vista funcional com vista ao controlo da exposição solar e ventilação. Introdução das varandas e da construção de janelas com mecanismo de entrada de luz reguláveis.
2. **Materiais de construção disponíveis** – O uso de materiais chineses nas construções e respectivas técnicas de construção associadas aos mesmos, influenciaram o modo de construção português. Com a falta de madeira de boa qualidade, os construtores chineses tiveram de adoptar o uso de tijolo e pedra. Neste aspecto os Portugueses tinham melhores técnicas e soluções para os novos problemas.
3. **Adaptações ao local** – A elevada densidade de Macau resultava na necessidade de se recorrer à construção em altura, para a qual as técnicas e conhecimentos portugueses face aos materiais disponíveis estavam mais aptos.
4. **Partilha de mão-de-obra local** – Neste aspecto sobressai a transmissão de conhecimento inicialmente pelos chineses contratados por Portugueses que introduziam as técnicas chinesas, e mais tarde, tendo estes adquirido conhecimentos sobre as técnicas portuguesas, a introdução destas na arquitectura chinesa.

⁹⁶ Manuel Vicente *apud* FIGUEIRA, Francisco (1999), p. 13

⁹⁷ DIAS, Pedro (2005), p. 12

⁹⁸ WONG, Shiu Kwan (1969)

5. **Tendência para a ocidentalização** – No final do século XIX nota-se uma tendência generalizada para os chineses adoptarem estilos de vida e tecnologia ocidental. Na arquitectura isso nota-se, sobretudo, no exterior, já que o interior mantém um plano e decoração chinesas.
6. **Composição da população** – Inicialmente a população terá sido maioritariamente portuguesa, logo a sua arquitectura era predominante. A partir do século XVII, a maioria da população era chinesa, dando lugar a um estilo de vida mais oriental que resultou numa grande influência da arquitectura chinesa sobre os edifícios residenciais. De salientar que a interculturalidade e amizade entre os povos permitia que facilmente se influenciassem um ao outro.

4 PATRIMÓNIO E LEGISLAÇÃO

4.1 PROTECÇÃO DO PATRIMÓNIO DE MACAU – CONTEXTO LEGAL LOCAL

No âmbito deste trabalho, faz-se referência ao conjunto de leis que se aplicam em Macau ao nível da protecção do seu património.

Existe no território, o Departamento do Património Cultural do Instituto Cultural de Macau (ICM) que se ocupa de acções respeitantes à inventariação, recuperação, restauro e reabilitação do património cultural, móvel e imóvel, nomeadamente de monumentos, edifícios de interesse arquitectónico, conjuntos e sítios classificados. Estando também a seu cargo a protecção do seu enquadramento urbano através da emissão de pareceres restritivos da liberdade de construção em áreas protegidas, bem como elaboração de projectos para a recuperação dos que se encontram em estado de degradação.

No que concerne à República Popular da China, existe a Lei de Protecção do Património Cultural, que abrange também o património de Macau.

Quanto a legislação local, referem-se:

- **Decreto-Lei nº 79/85/M** - Regulamento Geral da Construção Urbana (RGCU) - Estabelece as normas de natureza administrativa no que toca ao processo de apreciação e aprovação de projectos, licenciamentos e fiscalização das obras de construção civil. Alterações expressas na Lei nº6/99/M e na Portaria nº 7/91/M

- **Decreto-Lei nº56/84/M** – Constitui a Comissão de Defesa do Património Arquitectónico, Paisagístico e Cultural como elemento técnico-consultivo do Departamento de Património Cultural do ICM. Anexa uma lista de sítios classificados. Saliente-se o ponto 2 do artigo 13º Secção IV, que refere que *“as árvores de significativo porte, beleza e raridade constituem elementos de manifesto interesse público”*, proibindo a sua supressão ou alteração sem parecer prévio da Comissão.
- **Decreto-Lei nº83/92/M** – É criada a categoria de Edifícios de Interesse Arquitectónico à qual se aplicará o regime básico do DL 56/84/M.
- **Despacho do Chefe do Executivo nº 202/2006***
- **Despacho do Chefe do Executivo nº 83/2008***
- **Projecto-Lei de Salvaguarda do Património Cultural (2009)** - procura adequar as convenções internacionais à realidade local, e, dar respostas a questões como a definição de património cultural imóvel, móvel e intangível. *“O “Projecto de Lei de Salvaguarda do Património Cultural” (...) constitui um passo crucial no processo de evolução do sistema legal da R.A.E.M., servindo de base jurídica quer à salvaguarda do património, quer ao reconhecimento do direito dos residentes a desfrutar continuamente do mesmo.”*⁹⁹ Este diploma provisório esteve em discussão pública até Abril de 2009, estando em vias de seguir para discussão na Assembleia Legislativa de Macau, esperando-se que a nova Lei seja ainda publicada em 2011.

Internacionalmente, com a integração de Macau na lista de património mundial da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), em 2005, passa também a interferir a Convenção para a Protecção do Património Mundial, Cultural e Natural. No entanto, esta convenção serve, sobretudo, para definir conceitos e propor determinadas recomendações com vista à protecção do património, não conferindo a integração nesta lista qualquer poder vinculativo à UNESCO. A definição de mecanismos próprios de identificação e salvaguarda do seu património cabe, então, a cada nação. Este assunto será desenvolvido no próximo ponto.

No contexto deste trabalho, são ainda de referir as principais figuras legais relativas ao ambiente, conservação e protecção das espécies, e conduta dos jardins e espaços públicos. Assim:

- **Portaria nº 165/80/M** – Proíbe a caça em Macau
- **Decreto-Lei nº33/81/M** – Estabelece a Reserva Total de Coloane

⁹⁹ Instituto de Cultura da R. A. E. de Macau (2009)

- **Decreto-Lei nº30/84/M** – Amplia a área estabelecida no DL nº33/81/M
- Posturas Municipais: Parques, Jardins e Árvores da Cidade de Macau, Zonas Verdes e Recursos Hídricos das Ilhas
- **DL nº 45/86/M** – Regulamenta a aplicação da CITES a Macau
- **Regulamento Administrativo nº28/2004** – Regulamento Geral dos Espaços Públicos (RGEP) – Estabelece a disciplina genérica das condutas a observar na utilização e fruição dos espaços públicos
- **Regras Complementares do Regulamento Geral dos Espaços Públicos (Parques, Jardins e Zonas Arborizadas) nº 432/2005**

4.2 O CENTRO HISTÓRICO DE MACAU – PATRIMÓNIO MUNDIAL DA UNESCO

Macau propôs a introdução dos Monumentos Históricos de Macau na **Lista de Património Mundial da Humanidade da UNESCO**¹⁰⁰, no início de 2002.

Dia 15 de Julho de 2005, na sessão 29COM em Durban – África do Sul (fixada no Documento 29COM 8B.28), o **Centro Histórico de Macau**, foi oficialmente inscrito na referida lista, na categoria de Património Cultural, com base nos seguintes critérios¹⁰¹:

(ii) A localização estratégica de Macau no território chinês e a relação que se estabeleceu entre as autoridades chinesa e portuguesa favoreceu um importante intercâmbio de valores humanos nas áreas da cultura, ciência, tecnologia, arte e arquitectura ao longo de vários séculos

(iii) Macau é um testemunho único do primeiro e mais durador encontro entre o Ocidente e a China. Entre os séculos XVI e XX, era o centro principal para mercadores e missionários. O impacto deste encontro traduz-se numa fusão de diferentes culturas que caracteriza o núcleo histórico de Macau.

(iv) Macau representa um exemplo marcante de uma arquitectura que ilustra o desenvolvimento do encontro entre as civilizações ocidentais e chinesa ao longo de quatro séculos e meio, representado num percurso histórico pontuado de espaços urbanos e arquitectónicos que ligam o antigo porto chinês à cidade portuguesa

(vi) Macau tem sido associado ao intercâmbio de uma série de influências culturais, espirituais, científicas e técnicas entre as civilizações ocidental e chinesa. Estas novas

¹⁰⁰ The State Administration of Cultural Heritage of the People's Republic of China (2002)

¹⁰¹ World Heritage Convention – UNESCO (2005)

ideias motivaram directamente importantes mudanças na China, tendo sido cruciais no culminar da era feudalismo imperial e estabelecendo uma república moderna.

Segundo o artigo 1º da Convenção citam-se as definições de Património cultural e natural:

Os **monumentos** – Obras arquitectónicas, de escultura ou de pintura monumentais, elementos de estruturas de carácter arqueológico, inscrições, grutas e grupos de elementos com valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência;

Os **conjuntos** – Grupos de construções isoladas ou reunidos que, em virtude da sua arquitectura, unidade ou integração na paisagem têm valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência;

Os **locais de interesse** – Obras do homem, ou obras conjugadas do homem e da natureza, e as zonas, incluindo os locais de interesse arqueológico, com um valor universal excepcional do ponto de vista histórico, estético, etnológico ou antropológico.

Foi feita, no entanto, uma recomendação quanto à gestão cuidadosa necessária para manter a integridade estrutural e visual, bem como os sistemas de vistas (*sightlines*) no seu contexto actual da área em questão. Referindo-se neste contexto, o **Despacho do Chefe do Executivo nº 202/2006** relativo à necessidade de salvaguarda e protecção dos monumentos, edifícios de interesse arquitectónico, conjuntos e sítios classificados do “Centro Histórico de Macau” no qual se definem os limites das zonas de protecção.

Assim, trata-se de uma área total de 16 ha, tendo à sua volta uma faixa de protecção que totaliza os 107 ha. Esta área subdivide-se em duas zonas nucleares (Fig. 10). O primeiro núcleo, entre a Colina do Monte e a Colina da

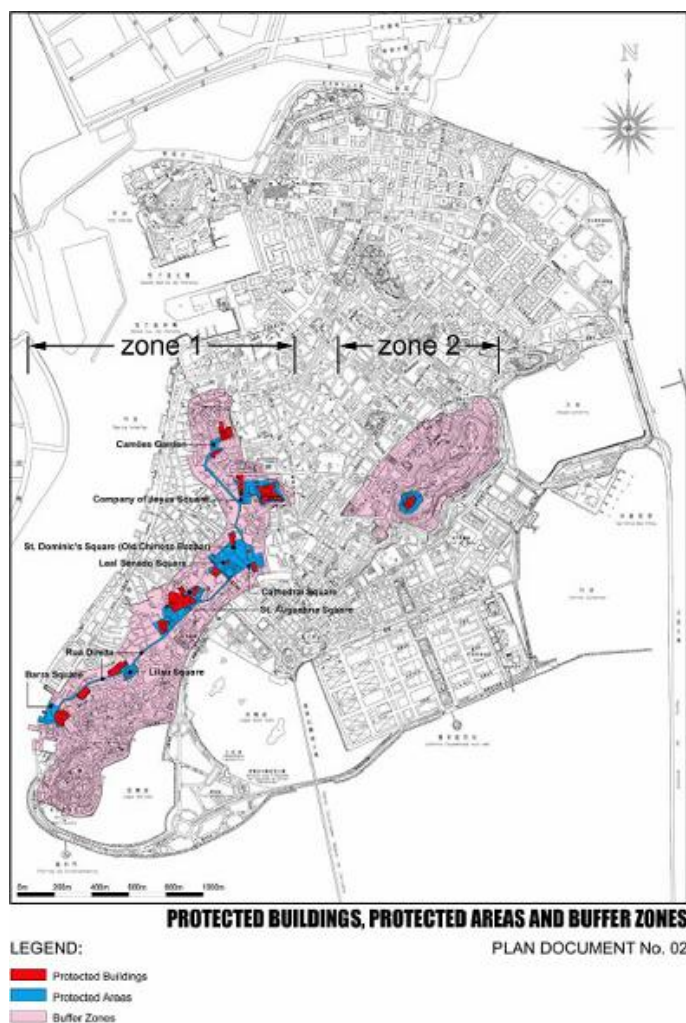


Figura 10 – Mapa do Centro histórico de Macau (Fonte: whc.unesco.org)

Barra, tem uma área de quase 15 ha, inscritos numa faixa de protecção com, aproximadamente, 76 ha. Já o segundo núcleo, localiza-se na Colina da Guia, tendo cerca de 1 ha e uma faixa de protecção de 31,5 ha. Corresponde à Fortaleza da Guia, incluindo nele a Capela da Guia (1622) e o Farol da Guia (1885).

São ainda de referir as recomendações feitas em 2008 e 2009 pelo Comité do Património Mundial (CPM) da UNESCO, relativas sobretudo à pressão que se faz sentir nas zonas das faixas de protecção e cuja ocupação e construção poderá ter um efeito negativo na manutenção da integridade visual e da ligação visual e funcional entre a Guia e a Colina do Monte. Recomendando assim que sejam tomadas as devidas medidas quer a nível legal, quer a nível da elaboração de um plano urbanístico que permita preservar o significado histórico destas paisagens históricas, as suas ligações e vistas.

Deve ser, no entanto, mencionada a **Declaração do Chefe no Executivo nº 83 de 2008**, que limita as cêrceas das construções nas imediações da Colina da Guia, tendo em atenção as recomendações da UNESCO quanto à manutenção da classificação do Farol da Guia enquanto património mundial. Os progressos serão avaliados na 35ª sessão do CPM, marcada para Junho de 2011.

5 MACAU E O TURISMO

5.1 O TURISMO E O JOGO EM MACAU

Durante o Governo de Ferreira do Amaral (1846-1849), o rumo da história de Macau é alterado por diversas razões, das quais se salienta a permissão do jogo do *fantan*. Iniciava-se aqui a ligação do território à indústria do jogo. Entre 1850 e 1877, o número de casas ou bancas para o carteadado e outros jogos de fortuna e azar, aumentaria de duas para dezasseis, atraindo as elites do sul da China a esta actividade extremamente lucrativa.¹⁰²

Ao longo dos séculos, o território esteve sempre associado a este sector, que atraía muitos turistas vindos, nomeadamente, da China.

A partir do *Handover* em 1999, foi feito em Macau uma clara aposta nos sectores do Jogo e do Turismo. O fim dos 40 anos de monopólio do sector do Jogo pela Sociedade de Jogos de Macau (SJM), de Stanley Ho, trouxe novo fulgor ao sector. Assim, após a liberalização do sector do jogo em 2002, os novos hotéis, casinos e instalações recreativas foram sucessivamente entrando em funcionamento. Primeiro o Sands, seguido do Starworld, Wynn, MGM, Crown, Grand Lisboa, Venetian, City of Dreams e, recentemente, o Galaxy, são alguns exemplos de mega investimentos feitos na área. Muitos destes complexos, disponibilizam autocarros gratuitos não só de vários pontos da cidade, como directamente da fronteira chinesa, onde vão buscar a maioria dos seus clientes. Macau é actualmente a capital mundial do jogo, tendo já quadruplicado os valores facturados em Las Vegas. Os turistas que se deslocam a Macau são predominantes da China, e o jogo tem sido o seu principal alvo. Refira-se que esta actividade não é permitida em nenhum outro ponto da China. Macau viu, assim, a sua economia crescer acentuadamente, mas nunca se dissociando de um aumento dos números relacionados com turismo.

5.2 ACTUALIDADE E FUTURO

Segundo as estatísticas oficiais do turismo divulgadas pela Direcção dos Serviços de Estatística¹⁰³, em 2010, Macau acolheu um número recorde de 24,9 milhões de visitantes, aumentando 15% em relação ao ano anterior. Destes 5.745.222 visitaram o Território em excursões, traduzindo um aumento de 24% em comparação com o ano 2009, notando-se um aumento do turismo independente do jogo. Os visitantes chegaram principalmente da China Continental (13.229.058 indivíduos), de Hong Kong (7.466.139 indivíduos), de

¹⁰² DIAS, Pedro (2005)

¹⁰³ Direcção dos Serviços de Estatística (2010)

Taiwan, China (1.292.734 indivíduos), do Japão (413.507 indivíduos), da Malásia (338.058 indivíduos), da República da Coreia (331.768 indivíduos), da América (297.137 indivíduos) e da Europa (244.463 indivíduos). Refira-se ainda que o tempo de estadia médio é de 1,5 noites.

Segundo o Relatório das Linhas de Acção Governativa para o ano Financeiro de 2011 da RAEM¹⁰⁴, um dos objectivos traçados é o de *“Consolidar as actuais fontes de turismo, explorar mercados potenciais e desenvolver o turismo sofisticado; promover pacotes turísticos para a família; incentivar a estadia prolongada em Macau e aumentar o seu consumo.”*

A entrada do Centro Histórico de Macau na Lista de Património Mundial da UNESCO, deverá aliar-se a uma aposta na diversificação do turismo e promoção do seu património enquanto uma mais-valia para a atracção de um tipo diferente de turista que abrirá portas a um novo mercado.

5.3 OS JARDINS COMO PRODUTO TURÍSTICO

Segundo Raimundo Quintal, *“O “Garden Tourism” é um nicho de turismo especializado nas visitas a jardins botânicos, jardins históricos e a outros jardins com elevada fitodiversidade.”*¹⁰⁵

Este tipo de turismo tem vindo a ganhar adeptos desde a década de 90. No Reino Unido, feiras e eventos relacionados com a arte dos jardins e a horticultura têm uma enorme afluência, não só de ingleses, cuja longa tradição e cultura do jardim está fortemente enraizada, como, cada vez mais, de pessoas com outras origens que se deslocam ao país especificamente movidas por este interesse. Casos de sucesso são, por exemplo, o Eden Project (Cornwall) e o Jardim Alnwick (Northumberland) que atraem turistas de todo o mundo e que em muito contribuíram para o desenvolvimento económico de regiões que outrora estavam em declínio.¹⁰⁶

Outros exemplos de jardins que atraem turistas internacionalmente são, por exemplo, os seguintes casos: jardins do Castelo de Sissinghurst e de Stourhead em Inglaterra; os jardins de Versalhes e Giverny em França, Keukenhof na Holanda, Villa d’Este e Villa Lante em Itália, Alhambra em Espanha, Royan-Ji no Japão, Jardins Clássicos de Suzhou, na China, Long-wood Gardens, Desert Botanical Garden, Kingsbrae Garden e o Jardim Botânico de Nova Iorque, nos E. U. A.

¹⁰⁴ Gabinete de Comunicação Social da RAEM (2010)

¹⁰⁵ QUINTAL, Raimundo (2010), p. 1

¹⁰⁶ Minter (2004) *apud* QUINTAL, Raimundo (2010)

6 OS JARDINS DE MACAU

6.1 O JARDIM HISTÓRICO EM MACAU

Um jardim histórico, de acordo com a Carta de Florença (elaborada em 1981 por um comité conjunto ICOMOS-IFLA) é “...uma composição arquitectónica e vegetal que apresenta interesse público dos pontos de vista histórico e artístico”.¹⁰⁷

Segundo a classificação seguida no estudo “*The study on Landscape Architecture & Green Space System Planning of Macau*”¹⁰⁸, são considerados jardins históricos aqueles que se incluem na categoria MG125, ou seja, na sub-categoria dos *City Garden* (MG12) relacionada com os espaços construídos há mais de 30 anos, com elevado valor histórico e portadores de valor simbólico. Nesta sub-categoria estão considerados os doze espaços apresentados no Quadro 2:

Quadro 3 - Jardins Históricos de Macau (Adaptado de LIMIN, 2011)

Código	Designação
MG 125 – M – 01	Fortaleza do Monte
MG 125 – M – 02	Jardim de Lou Lim Ioc
MG 125 – M – 03	Jardim de S. Francisco
MG 125 – M – 04	Jardim da Praia Grande
MG 125 – M – 05	Jardim Vasco da Gama
MG 125 – M – 06	Fortaleza do Monte (arruamento)
MG 125 – M – 07	Jardim da Vitória
MG 125 – M – 08	Jardim de Santa Sancha
MG 125 – M – 09	Jardim da Casa do Mandarim
MG 125 – M – 11	Quartel de S. Francisco
MG 125 – M – 12	Jardim-pátio do Leal Senado

Baseado nesta classificação, estabeleceu-se como critério de selecção dos jardins a estudar nesta dissertação, os jardins públicos com mais de 30 anos que apresentam interesse público dos pontos de vista histórico e artístico e com abertura ao público. Pelo que os três jardins - Jardim do Quartel de S. Francisco, Jardim do Palácio de Santa Sancha e Jardim da Praia Grande - não foram incluídos como objecto de estudo deste trabalho por se considerar que não cumpriam estes critérios.

¹⁰⁷ ICOMOS (1982)

¹⁰⁸ LIMIN, LI, Weinong (2011)

Os três jardins acima referidos foram incluídos na categoria MG 125 pelas seguintes razões: o Quartel de S. Francisco (MG 125 – M – 11), embora não permita o acesso do público e não esteja sob tutela do IACM, por ser uma zona verde densa e com árvores bem desenvolvidas, observáveis do exterior, e por estar associada ao Quartel de S. Francisco; o Jardim de Santa Sancha, embora tenha sido alvo de arranjos recentes e seja aberto ao público apenas duas vezes por ano, foi incluído neste grupo pelo seu simbolismo; e o Jardim da Praia Grande, por sua vez, embora se trate também de uma construção relativamente recente, foi incluída neste grupo, pela proximidade da estátua de Jorge Álvares e pela presença de um alinhamento de árvores com mais de 30 anos. Por se considerar não se tratarem de jardins públicos com mais de 30 anos, no âmbito desta dissertação, estes três espaços foram excluídos.

Para além destes três, também não foram seleccionados os seguintes jardins: a Fortaleza do Monte (MG 125 – M – 01) por se considerar que, embora o edifício da fortaleza tenha interesse histórico, o coberto vegetal da colina onde se insere não pode ser considerado um jardim público com interesse nem histórico nem artístico; Os arranjos paisagísticos exteriores dos arruamentos na zona da Fortaleza do Monte e das Ruínas de S. Paulo (MG 125 – M – 06), não foram seleccionados por se considerar não se tratarem de um jardim público; e o Jardim da Casa do Mandarim (MG 125 – M – 09) não cumpre o critério definido, uma vez que, embora todo o conjunto da Casa do Mandarim tenha grande valor histórico, o jardim resume-se a um pátio interior sem valor do ponto de vista artístico.

No estudo “*The study on Landscape Architecture & Green Space System Planning of Macau*”¹⁰⁹, inseridos na subcategoria MG 111 *Civic Parks* (espaços descritos como aqueles que servem todos os cidadãos, bom sítio para praticar desporto, muito bem equipado, com uma área superior a 1000 m²) estão outros jardins que são também jardins públicos com mais de 30 anos com elevado interesse do ponto de vista histórico e artístico. Por esta razão considerou-se que dos dez jardins integrados neste grupo, quatro cumpriam o critério de selecção adoptado nesta dissertação.

¹⁰⁹ LIMIN, LI, Weinong (2011)

JARDINS HISTÓRICOS DE MACAU

Proposta de um itinerário turístico

Quadro 4 - *Civic Parks* (Adaptado de LIMIN, 2011)

Código	Designação
MG 111 – M – 01	Parque da Guia
MG 111 – M – 02	Jardim Municipal Dr. Sun Yat Sem
MG 111 – M – 03	Jardim das Artes
MG 111 – M – 04	Parque Municipal da Colina de Mong Há
MG 111 – M – 05	Parques Dr. Carlos d'Assumpção
MG 111 – M – 06	Parque da Areia Preta
MG 111 – M – 07	Jardim Luís de Camões
MG 111 – M – 08	Jardim da Flora
MG 111 – M – 09	Jardim Comendador Ho Yin
MG 111 – M – 10	Jardim da Montanha Russa

Serão então avaliados nove jardins, dos quais cinco da categoria MG 125 e quatro da categoria MG 111. No Quadro 5 apresentam-se então os jardins seleccionados que serão avaliados segundo a metodologia proposta nesta dissertação.

Quadro 5 – Jardins públicos com mais de 30 anos que apresentam interesse público dos pontos de vista histórico e artístico e com abertura ao público

Código	Designação
MG 125 – M – 02	Jardim de Lou Lim loc
MG 125 – M – 03	Jardim de S. Francisco
MG 125 – M – 05	Jardim Vasco da Gama
MG 125 – M – 07	Jardim da Vitória
MG 125 – M – 10	Jardim de S. Francisco
MG 111 – M – 01	Parque da Guia
MG 111 – M – 07	Jardim Luís de Camões
MG 111 – M – 08	Jardim da Flora
MG 111 – M – 10	Jardim da Montanha Russa

6.2 INFLUÊNCIAS ORIENTAIS E OCIDENTAIS NOS JARDINS DE MACAU

Em Macau, como foi já referido há, na arquitectura, uma miscigenação e hibridismo, resultando numa estética particular e reveladora de uma interacção entre as duas culturas que se cruzaram ao longo de vários séculos neste território.

Já no que ao desenho dos jardins diz respeito, não existe propriamente uma fusão do estilo chinês e ocidental, isto porque *“Tanto na filosofia como no design do jardim, o jardim chinês difere completamente do português; sendo um, primeiramente, uma arte*

*pictórica ao serviço da contemplação, e o outro baseado na razão e fórmula. Consequentemente, no que se refere ao layout, há pouca influência mútua entre o chinês e o português. No entanto, os vários elementos decorativos do jardim podem apresentar uma influência mútua até certa extensão, por vezes na aplicação de materiais, e também por vezes no desenho dos padrões.*¹¹⁰

Por outro lado, na Dinastia Meng, a influência ocidental começou a fazer-se sentir também nos jardins, tendo contribuído para o declínio da arte tradicional da jardinagem na China e o abandono dos moldes clássicos e do misticismo associado. Depois, ao longo da dinastia Cheng, “...com base em gravuras europeias, reproduzindo jardins barrocos, (...) apareceram na China, os vastos canteiros bem delimitados e floridos, os pavilhões em estilo europeu e, sobretudo, as fontes e os repuxos, que povoaram os jardins dos Meng”¹¹¹.

O desenho dos jardins de Macau está fortemente condicionado pela sua localização, pela topografia, pela sua história, pelos seus intervenientes e, num território em que a evolução do espaço e da paisagem é muito acelerado, o resultado deve-se mais a qualquer um destes factores que a uma opção por determinado estilo que se mantém imutável ao longo do tempo. No entanto, é nos detalhes e nos pormenores que esta interculturalidade se traduz nos jardins de Macau.

Num jardim de desenho tipicamente chinês, que procura imitar os jardins clássicos de Suzhou, como é o caso do Jardim de Lou Lim Ioc, não deixam de existir pequenas singularidades de traçado ocidental. Disso são exemplo os detalhes do reboco dos muros que o circundam, da arquitectura do pavilhão da Primavera e o pormenor das varandas, ou do Pavilhão do Chá que com ele confina, o pequeno pavilhão quadrangular cujas 4 colunas que sustentam o telhado deixam notar uma clara influência ocidental. Assim, no meio da ponte das 9 curvas, dos pavilhões hexagonais de arquitectura claramente oriental, das rochas esculturais decorativas que se espalham por todo o jardim, do lago dos lótus, das carpas e tartarugas, da porta vaso e porta lua, dos bonsais que estão em exposição, e que são características típicas do jardim chinês (arte do *Pun Choi*), aparecem pontualmente os tais detalhes ocidentais.

Num jardim cujo traçado é notoriamente ocidental, com canteiros bem demarcados, pavimento de calçada portuguesa com motivos náuticos, muros e balaustradas característicos da arquitectura portuguesa, com rebocos decorativos e tons pastel, como é o caso do Jardim de S. Francisco, está presente também uma clara marca oriental, sob a forma de um quiosque hexagonal de desenho chinês (embora mesmo no detalhe das suas

¹¹⁰ WONG, Shiu Kuan (1969) p. 117

¹¹¹ AMARO, Ana Maria (1967) p. 10

janelas se possa ler este hibridismo arquitectónico característico de Macau com uma clara influência ocidental).

Os canteiros murados, os tons pastel, os muros com rebocos decorativos, as balaustradas, os pavimentos de calçada, estão presentes em muitos destes jardins demonstrando a influência portuguesa no território e no desenho destes espaços. No entanto, é também na apropriação destes espaços que os rituais quotidianos da cultura oriental trazem aos jardins com traçado ocidental que esta miscigenação se torna mais aparente e tão característica e particular da ambiência dos jardins de Macau.

6.3 O JARDIM CHINÊS

Localizando-se a Região Administrativa Especial de Macau na China e, embora se note uma clara distinção das demais cidades chinesas que rodeiam o território quer no seu desenho, na arquitectura e cultura, onde transparece uma marcada interacção entre a cultura chinesa e portuguesa, parece, no âmbito deste trabalho, importante referir sumariamente as principais características do jardim chinês típico, de forma a poderem ser, mais facilmente, aferidas as influências de cada uma das culturas nos jardins de Macau.

Segundo Ana Maria Amaro¹¹², a história da arte da jardinagem na China pode ser, sinteticamente, dividida em 4 períodos:

- **Até ao séc. I d.C.**
 - Cultura de plantas para fins ornamentais destinadas à decoração de pátios e interiores (grande popularidade das peónias e crisântemos);
 - Adaptação de espaços naturais para recreio e meditação.
- **Entre os séc. I e séc. IV**
 - Influência das ideias do Taoísmo associadas à contemplação da Natureza: as montanhas são associadas ao esqueleto do Homem e as ribeiras ao sistema venoso.
 - O jardim passa a ter, simultaneamente, um carácter utilitário e místico
 - Procura-se a imitação da Natureza. Papel dominante da representação da água e das montanhas sobre o material vegetal.
 - Flor do pessegueiro e flor da ameixeira, símbolos taoistas do paraíso e da renovação/vida, respectivamente.
- **Até ao início da Dinastia Meng**
 - Influência do Budismo (introduzido na China nos séc. IV e V)

¹¹² AMARO, Ana Maria (1967)

- Introdução da presença do Homem no sistema *montanha e água* – associado à deslocação de filósofos, poetas e artistas para a montanha em busca de paz e inspiração.
- Os jardins estão associados a moradias palacianas e a pátios e templos
 - Evocação da Natureza – a decoração dos pequenos pátios reproduzia os temas dos jardins palacianos através da presença de blocos de rocha, piscinas de porcelana com água e árvores nanizadas que reproduziam paisagens miniatura.
 - Os pavilhões são introduzidos na decoração dos jardins
 - Introdução da flor de lótus – símbolo budista da pureza
- **Entre o início da Dinastia Meng e a implantação da República**
 - Surgem os grandes parques de recreio palacianos
 - Afastamento progressivo dos jardins da Natureza
 - Novos pormenores decorativos e requinte arquitectónico – associado ao luxo e ostentação
 - Quiosques e pavilhões de arquitectura arrojada, mosaicos coloridos e placas de mármore ao longo das alamedas, pontes em ziguezague sobre grandes lagos ponteados por ilhas artificiais, terraços e miradouros.

Quanto às **características do jardim chinês**, referem-se sumariamente os principais elementos, associados à evolução dos mesmos, anteriormente descrita:

- **Água**
 - Trata-se de um dos elementos decorativos mais antigos do jardim chinês. Numa evocação simbólica do infinito, o início e final do fio de água não devem ser perceptíveis. A sua presença é sempre essencial, quer nas zonas onde ela é abundante, como no Sul da China, e surge sob a forma de grandes lagos com ilhas artificiais ligadas por pontes de enorme beleza como é o caso dos jardins palacianos; quer nas zonas onde ela escasseia, construindo-se imitações de ribeiras e canais
- **Montanhas**
 - Presença fundamental no jardim chinês, associada ao simbolismo estruturante de ossatura da terra, de esqueleto. Procuram lembrar as antigas montanhas inacessíveis onde os filósofos e poetas se refugiavam. Representadas no jardim, por blocos rochosos, isolados ou formando conjuntos, mais ou menos erosionados, cuja disposição é feita de modo muito cuidado por entre a

vegetação que procura isola-las mas, também enaltecê-las no meio do vazio de pequenas clareiras.

○ **Vegetação**

○ Adquire um papel secundário em relação aos elementos anteriormente descritos. A vegetação num jardim chinês deve procurar representar ao máximo uma disposição natural sendo os vários exemplares dispersos harmoniosamente sem que a intervenção humana seja óbvia. O *pun tchói*, em particular, trata da arte das plantas envasadas que são orgulhosamente dispostas em exposição nos jardins. Em geral, o valor simbólico das plantas usadas ultrapassa o valor decorativo das mesmas, associando-se à ideia de movimento e vida:

- bambú – constância, fidelidade e longa vida.
- orquídea – feminino, distinção
- crisântemos – Sol, longevidade
- peónias – riqueza, prosperidade
- ameixeira – ventura
- papoila-vermelha – alegria
- tangerineira-anã – homófono de felicidade
- jujubeira – homófono de cedo, símbolo auspicioso
- pinheiro – longa vida, firmeza de carácter
- pessegueiro – paraíso taoísta
- salgueiro, artemísia, cedro – demonífugos

○ **Elementos arquitectónicos**

○ A sua importância nos jardins começa sobretudo a partir da Dinastia Meng. Os principais elementos são pavilhões e mirantes, áleas, balaustradas e os muros que cercam os jardins.

6.4 VIVÊNCIA E APROPRIAÇÃO DOS JARDINS EM MACAU

Em Macau, os jardins são verdadeiramente o espelho de uma cultura. Estes espaços foram apropriados pela população, fazendo parte do seu quotidiano. Assim, a maior parte destes espaços são, para um turista que queira conhecer a cultura de Macau, um excelente ponto de imersão na cultura e compreensão de um modo de vida tão distinto do ocidental. Os jardins nos quais se verifica uma verdadeira apropriação do espaço e integração no dia-a-dia estão fortemente enraizados na cultura de Macau. A sua ocupação por várias faixas etárias é constante ao longo de todo o período de abertura dos mesmos. Estes jardins são locais de encontro, de convívio, de lazer, de reflexão.

Ao longo de todo o dia, mas sobretudo durante o período da manhã e do fim da tarde, é possível ver cidadãos, individualmente ou em grupos sincronizados, concentrados numa ginástica de movimentos lentos, o *Tai chi* (Fig. 12). Utilizando adereços como leques ou espadas, seguindo um líder ou quase espontaneamente em sincronismo, por vezes ao som dos seus pequenos rádios, nos locais destinados para o efeito, nos pequenos pavilhões que ponteiam alguns jardins, em espaços mais abertos ou em caminhos e pontos mais intimistas dos jardins. Esta não é a única actividade física praticada. Grupos dançam em conjunto, jogam *badminton*, caminham ou correm, usam os equipamentos desportivos espalhados pelos circuitos de manutenção.



Figura 11 Sequência de *Tai chi* praticada em grupo (Fotografias tiradas em Abril, 2011)

Nesse mesmo período, é praticado outro ritual tradicional desta cultura. Muitos indivíduos, sobretudo homens, aparecem discretamente com uma ou várias gaiolas de madeira cobertas por panos brancos. Após uma cuidada observação do ambiente nesse dia, da agitação dos pássaros selvagens, da orientação do Sol e das várias possibilidades, escolhem ramos de árvores, muros, mesas, pavilhões onde penduram ou pousam as gaiolas, destapando-as de seguida, total ou parcialmente (Fig.13). Afastam-se então um pouco, deixando os seus pássaros conviver com a liberdade “conversando” com os outros pássaros que a gozam. Alguns fazem-no de forma solitária, e ficam a observar as suas gaiolas, mudando-as de lugar de tempos a tempos, parando para observar os seus animais e trocar pequenos assobios com eles, outros juntam-se em grupos, aproveitando este período para conviver com outros que como eles vieram trazer os seus pássaros ao jardim.



Figura 12 – Gaiolas com passarinhos penduradas nas árvores (Fotografias tiradas em Abril, 2011)

Outro ritual, tão enraizado na cultura de Macau, é o jogo, e ele está presente nos jardins de Macau (Fig.14). É também sobretudo um ritual de homens, mas de vez em quando vê-se uma ou outra mulher integrar os grupos que juntos se debruçam sobre pequenas mesas de pedra espalhadas para o efeito. A grande maioria das vezes, estas partidas são jogadas a dinheiro, porque as apostas fazem parte desta cultura. É comum ver-se jogar xadrez chinês, usando os tabuleiros inscritos nas próprias mesas de pedra ou tabuleiros que os jogadores trazem consigo. Por vezes, em silêncio, apenas em dois a dois (tantos quantos permite este jogo) ou rodeados por espectadores atentos que assim que o jogo acaba comenta esta ou aquela jogada. Os jogos de cartas estão também presentes, geralmente jogados por grupos maiores, mais conversadores, mais animados e exaltados, também com mais observadores que intervêm com mais à vontade.



Figura 13 – Jogos de tabuleiro e cartas nos jardins de Macau (Fotografias tiradas em Abril, 2011)

Ensaaios de teatro, de pequenas óperas chinesas, de música são também comuns nos jardins (Fig.15). O som destes instrumentos usados e a sua rítmica, as melodias cantadas e subitamente interrompidas, criam uma presença forte no jardim que se dilata no espaço. Geralmente acompanhando um instrumento, duas ou três pessoas, lendo papéis que seguram nas mãos, vão contracenando sem cerimónia, em espaços mais calmos dos jardins.



Figura 14 – Ensaaios de música em pequenos grupos (Fotografias tiradas em Abril, 2011)

A contemplação da natureza e o uso do jardim, simplesmente como espaço de convívio informal é também bastante notório e tão característico desta cultura. Os indivíduos

sentam-se individualmente atentos ao que os rodeia ou passeiam-se lentamente pelo jardim observando os ramos contorcidos das árvores, as flores que desabrocharam, as folhas caídas no chão, o movimento e a agitação dos pássaros, os reflexos da água que ondulam ao passar dos peixes, numa calma que é tranquilizante e contagiante. Em pequenos grupos, sentam-se nos bancos espalhados pelos jardins conversando sem pressas, partilhando o jornal ou fumando o seu cigarro. Nota-se que o jardim é para estes indivíduos um ponto de encontro habitual, em que cada um chega para encontrar os seus companheiros partilhando momentos de ócio e reflexão (Fig.16).



Figura 15 – Meditação, convívio e contemplação (Fotografias tiradas em Abril, 2011)

A maior parte dos jardins encontra-se equipado com zonas de massagens para os pés. Pequenos caminhos ou áreas maiores cujo pavimento são seixos cuidadosamente colocados com as arestas voltadas para cima. Caminhando descalços, lentamente, para trás e para a frente sobre este pavimento, os utentes massajam os seus pés (Fig.17). É uma prática muito comum nos jardins de Macau.



Figura 16 – Massagem dos pés em percursos de seixos (Fotografias tiradas em Abril, 2011)

Apresenta-se, por fim, um quadro síntese das actividades descritas:

Quadro 6 - Actividades desenvolvidas nos jardins de Macau

Categoria das actividades	Actividade	Período	Local
Desportivas	<i>Tai chi</i>	Manhã/final da tarde	LLI, PG,
	Dança	Manhã/final da tarde	PG, Flora
	<i>Jogging</i>	Manhã/final da tarde	PG
	<i>Badmington</i>	Manhã/final da tarde	Flora, PG
	Uso de equipamento próprio	Generalizado	Generalizado
Sociais	Convívio	Generalizado	Generalizado
Recreativas	Jogo	Manhã/final da tarde	LLI, LC
Contemplação/Relaxamento	Meditação	Generalizado	Generalizado
	Massagem dos pés	Generalizado	LC, PG, LC
Culturais	Ensaio de óperas	Generalizado	LLI, LC
	Passeio de passarinhos	Manhã/final da tarde	LLI, LC, MR

6.5 ÁRVORES ANTIGAS DE MACAU

Segundo o relatório “Actividade do Instituto para os Serviços Cívicos e Municipais no âmbito dos espaços e zonas verdes”¹¹³, divulgado pelo Comissariado da Auditoria da RAEM, a 4 de Novembro de 2010, “O IACM aprovou 3 orientações para, provisoriamente, conceder alguma protecção às árvores. Mas, não produzindo as orientações efeitos vinculativos, a sua acção foi pouco eficaz na protecção das árvores em geral e das árvores antigas em particular. Mais. Desde 2007, mais de 3 anos volvidos, nada de concreto foi produzido, o que demonstra o pouco empenho do IACM no cumprimento das suas responsabilidades.”. As árvores antigas de Macau têm sofrido com esta lacuna no quadro legal que não as protege eficazmente, sendo proposta neste relatório a elaboração de regulamentos específicos.

“As árvores antigas, consideradas preciosidades de Macau, constituem uma parte importante do património natural da História de Macau”¹¹⁴. Após investigações iniciadas em 1998 foi criado, em 2004, um “Catálogo das Árvores Antigas de Macau” onde estão registadas 593 árvores de 36 espécies, das quais 263 na península de Macau, 129 na Taipa e 201 em Coloane.¹¹⁵

¹¹³ Comissariado da Auditoria da RAEM (2010)

¹¹⁴ Instituto para os Assuntos Cívicos e Municipais (2005)

¹¹⁵ *Idem, ibidem*

No entanto, numa publicação de 2004 do IACM, *Árvores Antigas em Macau*¹¹⁶, são listadas as árvores que existem em Macau há mais de cinquenta anos, apresentando um código, a localização e a espécie do exemplar. Embora a informação não esteja actualizada, tendo já, algumas destas árvores, sido abatidas, esta obra serviu de base para a identificação dos exemplares notáveis referidos nas fichas de campo em anexo, para o qual foi feita uma verificação *in situ* do estado de cada um dos exemplares referidos.

6.6 PLANTAS MAIS COMUNS NAS ZONAS VERDES DE MACAU

Nos jardins de Macau existe uma diversidade interessante de espécies em cada jardim (Quadro 7).

Quadro 7 - Espécies de plantas ornamentais nos jardins (Adaptado de 梁敏如, s.d.)

Nome Português	Nome chinês	Total de espécies	Espécies de árvores		Espécies de arbusto		Espécies de herbáceas	
			Total	%	Total	%	Total	%
Jardim de Camões	白鴿巢公園	157	63	40	56	36	38	24
Jardim Lou Lim Ioc	盧廉若公園	151	38	25	48	32	65	43
Jardim da Flora	二龍喉公園	142	70	49	46	33	26	18
Jardim da Montanha Russa	螺絲山公園	92	41	44	30	33	21	23
Jardim de S. Francisco	南灣花園(加思欄公園)	76	20	26	32	42	24	32
Parque Municipal da Colina da Guia	松山市政公園	53	30	57	15	28	8	15
Jardim Vasco da Gama	華士古達嘉馬花園	28	7	25	14	50	7	25
Jardim da Vitória	得勝花園	21	5	24	14	67	2	9

¹¹⁶ Instituto para os Assuntos Cívicos e Municipais (2004)

Ainda sobre este assunto, e com vista à fruição do esplendor de alguns exemplares apresenta-se também um quadro com as épocas de floração de algumas destas espécies, que consoante a altura em que o território for visitado, podem ser observadas em flor. (Anexo 1).

Segundo o trabalho de 梁敏如¹¹⁷, acerca do material vegetal utilizado nos jardins do território no qual foram avaliados 115 locais e efectuados mais de 4.000 registos, foram contabilizadas 495 espécies diferentes (incluindo sub-espécie, variedade, forma e cultivar), pertencentes a 319 géneros e 126 famílias. As plantas geralmente utilizadas são plantas tropicais e subtropicais, dividindo-se em fetos (20 espécies - 4% das espécies plantadas), gimnospérmicas (14 espécies – 2,9 %), e angiospérmicas (460 espécies – 93,1 %), das quais 303 são espécies herbáceas.

¹¹⁷梁敏如 (s.d.), p.53

Os gráficos a seguir apresentados ilustram a relação da utilização das espécies com as suas principais características:

Hábito

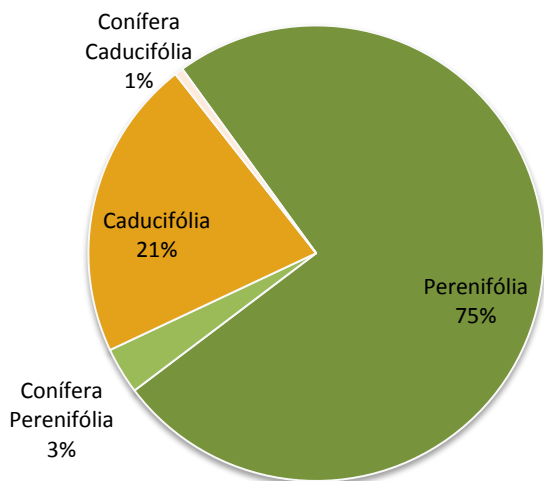


Gráfico 1 – Hábito das plantas dos jardins de Macau (Adaptado de 梁敏如)

Característica que determina a escolha

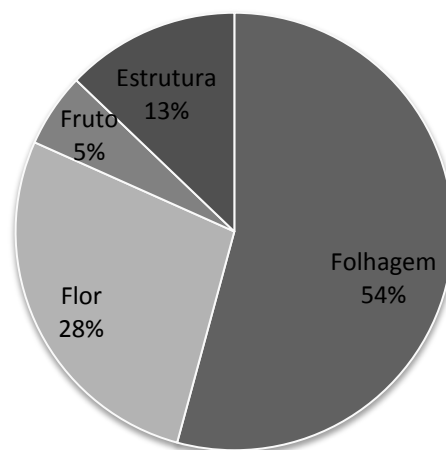


Gráfico 2 – Característica que determina a escolha da planta para o jardim (Adaptado de 梁敏如)

Época de floração

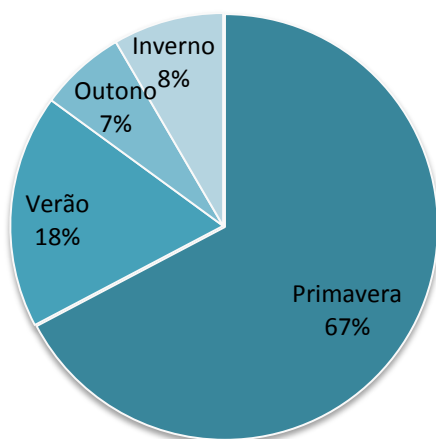


Gráfico 3 – Época de floração das plantas dos jardins de Macau (Adaptado de 梁敏如)

Cor da flor

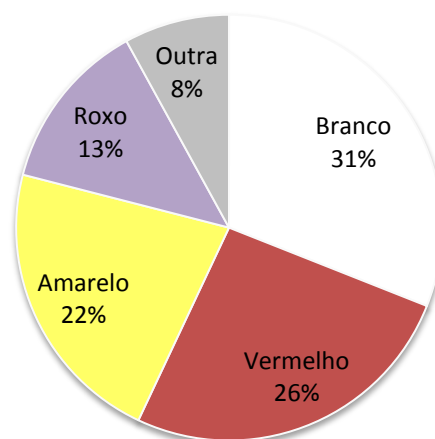


Gráfico 4 – Cor da flor das plantas dos jardins de Macau (Adaptado de 梁敏如)

Com algumas excepções, como é caso do Jardim de Camões cuja introdução das espécies está directamente ligada à sua história, a maior parte dos jardins de Macau é

JARDINS HISTÓRICOS DE MACAU

Proposta de um itinerário turístico

relativamente redundante na variedade de espécies escolhidas (Quadro 8). Em 42 parques avaliados as 5 espécies mais usadas são: *Hibiscus rosa-sinensis*, *Chrysalidocarpus lutescens*, *Ficus microcarpa*, *Duranta repens* 'Golden Leaves' e *Livistonia chinensis*¹¹⁸. No Quadro 8 apresenta-se a frequência de uso (número de jardins em que essa espécie está presente) e a percentagem de utilização (relativamente ao seu uso nos 44 espaços estudados) das plantas ornamentais mais comuns nos parques e jardins de Macau.

Quadro 8 - Espécies de plantas ornamentais mais comuns nos parques e jardins de Macau (Adaptado de 梁敏如 s.d.)

Nome chinês	Nome científico	Frequência de uso	Percentagem de utilização
朱槿 (扶桑、大紅花)	<i>Hibiscus rosa-sinensis</i>	29	66%
散尾葵	<i>Chrysalidocarpus lutescens</i>	28	64%
細葉榕	<i>Ficus microcarpa</i>	27	61%
金葉假連翹	<i>Duranta repens</i> cv. 'Golden Leaves'	26	59%
蒲葵	<i>Livistonia chinensis</i>	24	55%
山指甲	<i>Ligustrum sinense</i>	22	50%
紫薇(百日紅、癩癩花)	<i>Lagerstroemia indica</i>	22	50%
雞蛋花(緬梔子)	<i>Plumeria rubra</i> var. <i>acutifolia</i>	22	50%
九裏香	<i>Murraya paniculata</i>	21	48%
福建茶(基及樹)	<i>Carmona microphylla</i>	20	45%
變葉木	<i>Codiaeum variegatum</i>	20	45%
籐杜鵑(寶巾、三角梅、葉子花)	<i>Bougainvillea spectabilis</i>	19	43%
樸樹	<i>Celtis sinensis</i>	19	43%
龍船花(山丹)	<i>Ixora chinensis</i>	19	43%
杜鵑	<i>Rhododendron</i> spp.	19	43%
假檳榔	<i>Archontophoenix alexandrae</i>	18	41%
棕竹	<i>Rhapis excels</i>	18	41%
夾竹桃	<i>Nerium indicum</i>	18	41%

¹¹⁸梁敏如 (s.d.), p. 24

7 AVALIAÇÃO DO POTENCIAL TURÍSTICO DOS JARDINS DE MACAU

A avaliação do potencial turístico admite que através da presença de determinados componentes e da atribuição de um valor às mesmas é possível determinar a qualidade turística de um recurso ou de uma zona.¹¹⁹ “São as características e a importância dos recursos turísticos que definem a maior ou menor potencialidade dos destinos turísticos pelo que a sua identificação é uma das tarefas essenciais no processo de desenvolvimento turístico (...) Sendo os recursos e os destinos que atraem os visitantes, é a avaliação da capacidade que cada um deles possui para garantir o desenvolvimento de actividades turísticas que determina o potencial turístico.”¹²⁰

Neste trabalho serão avaliados nove jardins seleccionados com base no critério descrito no capítulo anterior, correspondendo cinco à classe dos MG 125 *Historic Gardens* (HG) e quatro à classe MG 111 *Civic Park* (CP). Assim, os jardins incluídos nesta avaliação, tal como apresentados no Quadro 5, são os seguintes:

- Jardim de Lou Lim Ioc (HG)
- Jardim de S. Francisco (HG)
- Jardim Vasco da Gama (HG)
- Jardim da Vitória (HG)
- Jardim-pátio do Leal Senado (HG)
- Parque Municipal da Colina da Guia (CP)
- Jardim Luís de Camões (CP)
- Jardim da Flora (CP)
- Jardim da Montanha Russa (CP)

O objectivo desta avaliação é estabelecer uma hierarquia de interesse turístico entre os vários jardins em estudo, de forma que se possa fazer uma escolha objectiva e comparativa dos jardins a incluir no itinerário que será proposto.

A metodologia seguida neste trabalho inclui quatro fases fundamentais: a definição do objecto de estudo, a definição dos parâmetros de avaliação, a avaliação dos jardins a estudar e a proposta de um itinerário turístico com base nessa avaliação.

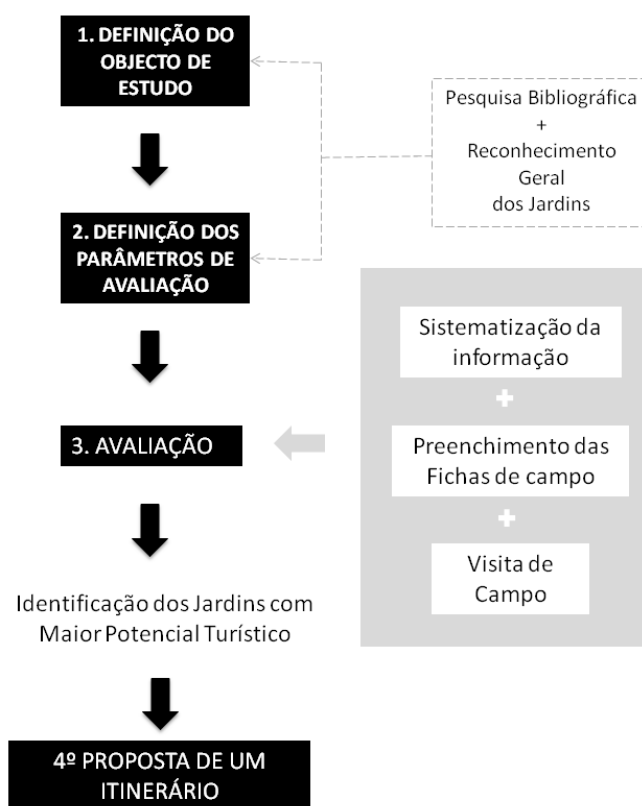
¹¹⁹ CERRO (1993) *apud* CUNHA, Lício (2008)

¹²⁰ CUNHA, Lício (2008), p. 28

A pesquisa bibliográfica que permite contextualizar os espaços verdes (desenvolvida no capítulo 3) e definir um critério para a selecção do objecto de estudo. Seguidamente, recorrendo à consulta bibliográfica de outros trabalhos de inventariação e avaliação de jardins¹²¹, estabelecem-se os parâmetros a avaliar. A avaliação relativa dos jardins em estudo é feita através de visitas de campo que permitem a recolha de dados relevantes, bem como de um registo fotográfico. Mediante os resultados da mesma são seleccionados os jardins a incluir no itinerário turístico a propor.

De seguida o Quadro 9 esquematiza o procedimento desta metodologia:

Quadro 9 – Metodologia para a proposta de um itinerário turístico com base na avaliação do seu potencial turístico



Assim, os nove jardins foram avaliados individualmente, segundo os dezasseis parâmetros de avaliação (Quadro 8) relacionados com factores que permitem perceber a adequação dos espaços ao turismo e o seu interesse enquanto ponto de paragem, de forma a poder-se seleccionar os que devem integrar um itinerário destinado a turistas.

¹²¹ Ver bibliografia: CASTEL-BRANCO, C. (1999); ISIDRO, E. (2009); e RIBEIRO, L. P. (1993).

JARDINS HISTÓRICOS DE MACAU

Proposta de um itinerário turístico

Quadro 10 – Parâmetros de avaliação do potencial turístico dos jardins históricos de Macau

Parâmetro		Justificação	Pontuação	Critério
Localização	Proximidade ao Centro Histórico de Macau	A inserção ou proximidade do Centro Histórico de Macau, Património Mundial da UNESCO, favorece a proximidade de vários monumentos de interesse e o cuidado com as vias de acesso e o espaço público	0	Situado fora dos limites da faixa de protecção do Centro Histórico de Macau
			1	Inserido dentro dos limites da faixa de protecção do Centro Histórico de Macau
			2	Inserido dentro dos limites do Centro Histórico de Macau
	Proximidade de edifício de interesse	Proximidade em termos do percurso que permita percorrer curtas distâncias entre pontos de interesse	0	Não relevante
			1	Existe um edifício de interesse nas proximidades
	Acesso	Privilegiam-se acessos que permitam que seja feito um percurso por zonas não degradadas e esteticamente mais agradáveis	-1	Zona degradada
0			Não relevante	
Relação com a envolvente	Sistema de vistas	Cada vez mais em Macau existem poucos locais que permitam vistas não sufocadas pela envolvente	0	Não relevante
			1	Boas vistas sobre a envolvente
	Abstracção da densidade envolvente	O ambiente sonoro e a densa informação visual tornam Macau uma cidade muito intensa que pode perturbar a apreciação do jardim pelo visitante.	0	Presença marcada da envolvente na experiência do jardim
			1	Permite a abstracção da envolvente
Características físicas do jardim	Material Vegetal	Áreas de plantação	0	Não significativas
			1	Significativas
	Árvores notáveis	As árvores com uma presença imponente criam uma noção de memória ao jardim e conferem interesse visual.	0	Ausência de exemplares notáveis
			1	Presença de exemplares notáveis
	Elementos construídos	Elementos que se destaquem dos demais por características que suscitem a curiosidade e interesse do visitante	0	Não relevante
			1	Elementos pontuais
			2	Vários elementos com características relevantes
	Singularidade	Presença de características que tornam o jardim marcante e distinto dos restantes jardins do território	0	Não relevante
			1	Factor relevante

JARDINS HISTÓRICOS DE MACAU

Proposta de um itinerário turístico

Parâmetro	Justificação	Pontuação	Critério
Manutenção da estrutura original	Numa cidade em constante e rápida evolução muito pouco permanece imutável, perdendo-se por vezes a noção de memória do lugar		Face à indefinição sobre o que é efectivamente a estrutura original de cada espaço fundamentada em documentação que o comprove considerou-se que a avaliação deste parâmetro seria demasiado especulativa.
Características sócio-culturais	Marcas de interculturalidade	Os jardins de Macau são o reflexo do encontro de duas culturas neste território durante 4 séculos. Interacção que se reflecte na criação de uma ambiência única que os distingue de tantos outros jardins e os torna tão especiais.	0 Não significativas
			1 Significativas
	Apropriação pelos habitantes	Os jardins são espaços privilegiados de imersão pelo visitante na cultura quotidiana de Macau, existindo jardins onde esta apropriação é maior e onde os rituais descritos se manifestam com maior expressividade.	0 Não relevante
			1 Apropriação com actividades pontuais
			2 Apropriação muito significativa/ Várias actividades e muito frequentes
	Simbolismo historic	Associação do espaço à história da cidade	0 Não significativo
		1 Simbolismo presente	
Serviços e infra-estruturas	Informação sobre o jardim	A disponibilização de informação sobre a história, a flora, a estrutura do jardim traduz-se beneficemente numa visita mais completa e interessante para o turista.	0 Não disponível
			1 Disponível
	Identificação das árvores	No seguimento da alínea anterior, este é um factor que contribui para uma visita mais completa e educativa, nomeadamente pelas diferenças da flora que o visitante possa notar	0 Não disponível
			1 Disponível
	Sanitários	Foi avaliada a presença deste tipo de instalação de apoio	0 Não existente
			1 Existente
	Segurança	A presença de seguranças contribui para a diminuição da criminalidade e para um maior à vontade do utente que permite usufruir do espaço com menores preocupações	0 Ausência
			1 Presença

JARDINS HISTÓRICOS DE MACAU

Proposta de um itinerário turístico

A pontuação atribuída a cada um dos parâmetros foi feita através da visita ao local e da pesquisa bibliográfica realizada e foi atribuída de forma comparativa, procurando estabelecer-se os pontos mais fortes e imperativos de cada um dos espaços enquanto aspectos que potenciam o interesse turístico.

Com base nesta avaliação, a pontuação obtida por um jardim pode variar entre um máximo de 18 pontos e um mínimo de -1 ponto. Optou-se como critério de selecção dos jardins com elevado potencial turístico uma pontuação superior a 9, correspondendo a metade da pontuação positiva da escala definida, tendo-se considerado irrelevante uma pontuação negativa ou nula. Assim, temos:

Quadro 11 - Avaliação do potencial turístico dos jardins históricos de Macau

Parâmetro		Jardim de Camões	Jardim da Flora	Jardim-páto do Leal Senado	Jardim Lou Lim loc	Jardim da Montanha Russa	Jardim de S.Francisco	Jardim Vasco da Gama	Jardim da Vitória	Parque Municipal da Colina da Guia
Localização	Proximidade ao Centro Histórico de Macau	2	2	2	2	1	2	1	1	2
	Proximidade de edifício de interesse	1		1	1		1			1
	Acesso	-1	-1			-1		-1	-1	
Sub-total		2	1	3	3	0	3	0	0	3
Relação com a envolvente	Sistema de vistas		1							1
	Abstracção da densidade envolvente	1	1		1					1
Sub-total		1	2	0	1	0	0	0	0	2
Características físicas do jardim	Áreas de plantação	1	1		1	1				1
	Árvores notáveis	1	1		1					1
	Elementos construídos	2	1	2	2	1	2	1	1	2
	Singularidade	1	1	1	1					
Sub-total		5	4	3	5	2	2	1	1	4
Características sócio-culturais	Marcas de interculturalidade	1			1	1	1			
	Apropriação pelos habitantes	2	2		2	1	1			2
	Simbolismo histórico	1		1	1		1	1	1	1
Sub-total		4	2	1	3	2	3	1	1	3

JARDINS HISTÓRICOS DE MACAU

Proposta de um itinerário turístico

Serviços e infra-estruturas	Informação sobre o jardim	1			1	1				1
	Identificação das árvores	1	1		1	1	1			1
	Sanitários	1	1	1	1	1	1	1		1
	Segurança	1	1	1	1	1	1			
Sub-total		4	3	2	4	4	3	1	0	3
TOTAL		16	12	8	17	8	11	3	2	15

Segundo os parâmetros avaliados, os jardins com potencial turístico mais elevado são: Jardim Lou Lim Ioc, Jardim de Camões, Parque Municipal Colina da Guia, Jardim da Flora e Jardim de S. Francisco. Consideraram-se relevantes apenas os jardins

Assim, sumariamente, apresenta-se a história destes jardins e as características que determinam a sua singularidade e interesse.

Jardim Lou Lim Ioc

Seguindo o modelo dos clássicos jardins chineses de Suzhou, este jardim tem vários dos típicos elementos do desenho oriental, embora sempre adaptados à realidade local, no respeito, por exemplo, à questão da escala. Assim, existe um lago de grandes dimensões, sobre o qual se debruça um pavilhão com uma grande varanda e várias plataformas em pedra. Vários caminhos meandrizados percorrem todo o espaço e amplificam-no, entre rochas esculturais, áreas de plantação, zonas de estadia, pontes, pavilhões e recantos. Todo o espaço é cercado com muros altos que, de certa forma, potenciam ainda mais o factor surpresa, a privacidade e a mística vivida no seu interior.

Em 1870, Lou Cheok Chin, estabeleceu-se em Macau e contratou os artistas Lau Kat Lok e Lei Tat Chun, de Cantão, para construírem um jardim ao estilo de Suzhou. O nome que deu a este jardim foi Yu Yun (Jardim das delícias). Actualmente é conhecido por jardim de Lou Kau (em chinês), ou, mais vulgarmente, na língua portuguesa, por Jardim Lou Lim Ioc (nome do filho primogénito do magnata).¹²²

Foi adquirido em 1973 pelo Governo de Macau, durante o mandato do Governador Nobre de Carvalho, que o reabriu a 28 de Setembro de 1974 após obras de restauro.¹²³

Após 1927, data da morte de Lou Lim Ioc, que o tinha herdado em 1906, o jardim foi sofrendo várias alterações. Entre estas, em 1938, com o aluguer de parte do terreno à Escola Pui Cheng, e, depois, à Escola Leng Man, e, a partir de 1951, em que parte da sua

¹²² ESTÁCIO, António, SARAIVA, António (1993)

¹²³ ESTÁCIO, António (1982), p. 43

área foi urbanizada, em 1986, com a construção do Corredor dos Cem Passos e o Pavilhão das Ameixeiras, projectado por Ho Yang Ling.¹²⁴

Jardim de Camões

Situado numa pequena colina e cujo acesso facilmente escapa a um itinerário mais turístico, a parte inferior do jardim tem um desenho mais formal e simétrico com canteiros de ambos os lados de um eixo central que termina numa praça circular com vários painéis de calçada no pavimento e uma escultura recente ao centro, “Abraço” de Irene Vilar, inaugurada a 10 de Junho de 2008. No alinhamento, uma escadaria larga onde se encontram mais dois painéis, e que se dividem em dois percursos ao longo de toda a área superior do jardim, mais densamente plantada que a inferior e com um carácter mais orgânico. Estes percursos que se vão entrecruzando são pontuados por pequenos pavilhões, zonas de estadia preparadas para convívio e períodos lúdicos. Estes percursos dão acesso à Gruta de Camões, onde se encontra o busto do poeta e à estátua de Santo André Kim, primeiro mártir coreano (inaugurada em 1985). Na base do jardim existe ainda um grande lago e um parque infantil.

Este espaço era inicialmente propriedade particular do Conselheiro Manuel Pereira.

A propriedade foi alugada, até 1833, à British East India Company, quando a Embaixada do Lord Macartney esteve em Macau. Durante esse período, os jardineiros reais trataram de ali plantar e adaptar uma série de espécies recolhidas por toda a Ásia, tendo em 1794 o botânico David Stornach, efectuado uma lista das espécies aí existentes.¹²⁵ Refira-se ainda que “*Em 1803, o Botânico Real da Inglaterra, William Kerr, foi enviado para Macau, ali se demorando até 1811, em que regressou a Kew Gardens. Foi sucedido por outro botânico, Thomas Beale, que durante 18 anos prosseguiu a obra do seu antecessor de recolher plantas e árvores exóticas. Conseguiu reunir para cima de 2500 vasos de flores da China – algumas delas de extrema raridade. Macau passou, assim, a possuir nos terrenos da Gruta de Camões um dos mais importantes jardins botânicos do mundo, na época, e que serviu de viveiro para a transmissão de plantas para a Europa*”¹²⁶. Durante este período, uma parte da propriedade foi vendida para que se construísse o cemitério protestante no qual foram sepultados alguns grandes nomes da história de Macau, como o pintor George Chinnery.

Após o falecimento do conselheiro Manuel Pereira, a propriedade foi herdada pelo seu genro, Lourenço Marques. Em 1836, o proprietário mandou construir uma gruta onde foi colocado um busto de bronze da autoria de Bordalo Pinheiro em homenagem a Luís Vaz de

¹²⁴ LIMIN, LI, Weinong (2011)

¹²⁵ ESTÁCIO, António (1982), p. 41

¹²⁶ ESTORNINHO, Carlos (1980) *apud* ESTÁCIO, António (1982)

Camões, que, segundo alguns estudiosos, terá estado em Macau, escrevendo parte dos Lusíadas naquele mesmo local.

Em 1883, Adolpho Loureiro descrevia o estado do jardim da seguinte forma: “*No abandono em que a propriedade tem jazido, as plantas, as admiráveis plantas d’aquelle paiz e de tão favorável clima, desenvolveram-se livre e caprichosamente, e, (...) as ruas do parque estão intransitáveis e cheias de limos e musgos (...). É bello tudo aquillo.*” Ainda assim refere que “*Vestígios de era mais cuidada apparecem aqui ou ali, fontes, assentos de pedra, kiosques, tanques, mas tudo pesado e destituído de gosto, felizmente meio escondidos pela invasão das plantas espontâneas que d’elles se assenhorearam.*”¹²⁷

Em 1885 foi adquirido pelo Governo de Macau, no mandato de Tomás de Sousa Rosa.¹²⁸

Em 1990 foram construídas duas quedas de água com 14 metros de altura.¹²⁹

O Governador Rodrigo Rodrigues instituiu uma tradição, em 1923, que ainda hoje se mantém. No dia 10 de Junho, as cerimónias do Dia de Portugal e das Comunidades Portuguesas celebra-se neste jardim, sendo colocadas coroas de flores junto ao busto de Camões por crianças de vários estabelecimentos de ensino do Território.¹³⁰

Parque Municipal da Colina da Guia

O Parque Municipal da Colina da Guia foi inaugurado 1865. Este parque de grandes dimensões é acessível de várias formas: subindo pelo Jardim da Flora, aproveitando a boleia do teleférico até um nível mais elevado ou aproveitando os vários acessos ao farol. A sua extensão e a densidade de vegetação fazem deste parque um recanto esquecido, sobrevivente de uma cada vez maior obstrução espacial do betão que a circunda. Assim, um passeio calmo e relaxante por entre a luxuriante vegetação da Guia permite ao visitante, por um lado abstrair-se da confusão urbana da cidade e respirar ar puro, e, por outro, aproveitar a cota elevada da colina para desfrutar das já escassas vistas amplas sobre a cidade. Existem, para além dos variados circuitos, nomeadamente um em anel que envolve toda a colina a meia encosta, campos de jogos, recantos com mesas e bancos de pedra, um parque infantil, um espaço de apoio à educação ambiental com exposições temporárias. Dentro dos limites do parque encontra-se o farol da Guia, construído em 1885, foi o primeiro farol nos mares da China.

¹²⁷ LOUREIRO, Adolfo (2000), p. 43

¹²⁸ ESTÁCIO, António, SARAIVA, António (1993), p.17

¹²⁹ *Idem, ibidem*

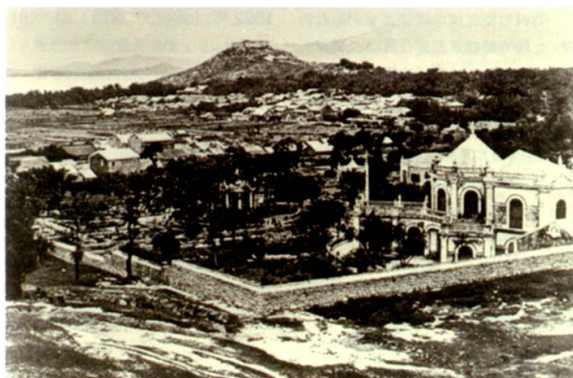
¹³⁰ ESTÁCIO, António, SARAIVA, António (1993)

A história deste parque em muito se relaciona com o Governo de Tomás de Sousa Rosa e o esforço do Eng. Tancredo do Casal Ribeiro, como anteriormente foi referido. A contínua preocupação com a arborização e o revestimento da colina da Guia permitiram que hoje esta seja uma das principais áreas verdes da península de Macau e onde, cada vez mais, se sente a pressão do crescimento exponencial desta cidade em todo o seu redor.

Jardim da Flora

A entrada dá acesso a uma alameda principal que percorre todo o espaço até à encosta, sendo que à direita se encontra um edifício escolar, e à esquerda o jardim desenvolve-se mais informalmente, havendo um parque infantil e campos de jogos. Na base da encosta situam-se as jaulas dos macacos e o habitat do famoso urso Bo Bo, de 27 anos, que foi salvo em bebé de um restaurante e criado neste jardim; e um pouco mais elevado, fazendo-se o acesso por escadas, um aviário. Através de vários percursos meandrizados pela encosta, este permite a ligação à colina da Guia.

O busto em homenagem a Alfredo Augusto Teixeira, grande estudioso da flora de Macau e particularmente deste jardim, cuja classificação das suas espécies muito lhe deve.



Toda a área do terreno terá sido em tempos propriedade do Padre Vitorino José de Sousa e Almeida que, em 1848, aí construiu um palacete projectado pelo Arquitecto José Tomás Aquino (Fig.18). A partir de 1873, esse mesmo imóvel viria a ser residência de Verão do governador de Macau.¹³¹ Foi depois enfermaria para doentes de cólera e mais tarde abandonado.¹³²

Figura 17 – Palacete da Flora no início do séc. XX

(Fonte: <http://macauantigo.wordpress.com>)

Como foi anteriormente referido, aquando do processo de arborização das ruas da cidade e da Colina da Guia, durante o governo de Tomás de Sousa Rosa, aqui se localizaram os viveiros que auxiliaram este processo.

Nos anos 20, foi aqui instalado um paiol de pólvora que, no dia 13 de Agosto de 1931 explodiu, destruindo, entre outras coisas, o antigo palacete.

¹³¹ ESTÁCIO, António (1982), p. 40

¹³² TEIXEIRA, Manuel (1997)

A propriedade foi mais tarde adquirida pelo Sir Robert Ho Tung, de onde surge o nome chinês que traduzido significa “Jardim de Ho Tung”, e mais tarde doado ao governo. Em 1959 deu-se início à construção do que procurava ser um zoo, e em 1996 fizeram-se obras de remodelação do espaço.

O traçado original do jardim foi sendo alterado, quer pela construção do Quartel da Flora, quer pela construção do Jardim Infantil D. José da Costa Nunes.

Jardim de S. Francisco

Localiza-se na Av. da Praia Grande e é limitado lateralmente pela escola de Santa Clara e pelo edifício do Clube Militar e Quartel de S. Francisco. Superiormente, é limitado pela Estrada Nova e, inferiormente, pela Av. da Praia Grande. Ainda de salientar, no entanto, o corte que é efectuado no jardim pela Rua de Santa Clara que funciona também como um limite para a extensão lateral da plataforma inferior do jardim até à R. do Campo. Assim, o jardim pode ser, essencialmente, dividido em duas partes, a plataforma inferior, onde existem vários canteiros com algumas árvores rodeados por pequenos caminhos de calçada, um quiosque de traçado oriental de 1927 (actual Biblioteca Pública da Associação Comercial de Macau) e uma fonte recente de 1989; e uma segunda parte, que se adapta ao declive do terreno, através de patamares intermédios e lances de escadas, onde a influência ocidental é marcada pelos muretes cor-de-rosa pastel com reboco decorativo branco e balaustradas, fontes e pavimentos de calçada, e onde existe um edifício cilíndrico muito singular que foi renovado em 1939 que evoca a participação portuguesa na I Grande Guerra (actual Associação dos Deficientes de Macau), bem como, um parque infantil e equipamento desportivo.

A sua história remonta ano de 1580, ano em que os franciscanos espanhóis ali estabeleceram um convento cujo jardim ou horta corresponderia à parte superior do actual jardim de S. Francisco.¹³³ O nome em chinês, que significa Jardim dos Castelhanos, é memória deste passado.

Projectado por Matias Soares, com uma forte ligação ao mar que entretanto, pelos sucessivos aterros, nomeadamente do Porto Exterior (1938 a 1946) e da Praia Grande (1931 a 1935), se perdeu, foi construído em meados do século XIX.¹³⁴

Em 1872, foi inscrito na Conservatória do Registo Predial o edifício do Clube Militar, contíguo ao jardim.

¹³³ ESTÁCIO, António, SARAIVA, António (1993)

¹³⁴ *Idem, ibidem*

Este jardim seria um dos mais frequentados de Macau e nele tocava, num pequeno coreto (Fig. 19), uma banda, o que muito aprazia a população. “À noite, neste jardim (Jardim de S. Francisco), com animada concorrência de público tocou com geral aplauso uma pequena banda organizada e regida pelo sr. Assis.”¹³⁵. Este ritual fazia parte da vivência social da cidade, como se vê pela frequência com que esta actividade era praticada, até mesmo nos meses de Inverno: “A musica no jardim publico de S. Francisco passa agora a tocar, nas 5^{as} e nos Domingos, das 16 às 18 horas, durante o Inverno...”¹³⁶

Em relação ao jardim, Adolpho Loureiro descreve-o, a 17 de Setembro de 1883, como um “pequeno jardim publico, que tinha antigamente a fôrma de um jardim symetrico e regular, medido e traçado a compasso, e que o meu collega Brito¹³⁷ tentou transformar num jardim e parque moderno, á ingleza. Esta muito limpo e varrido, e é este o seu único merito, tendo muito pequena área e sendo vulgares as plantas que o adornam.”¹³⁸

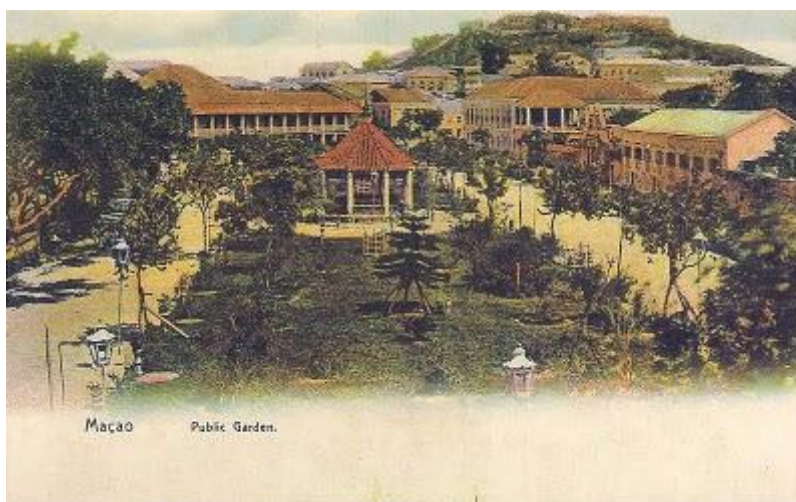


Figura 18 – “Jardim Público de Macau” de 1890 (Fonte: Union Postale Universelle. Disponível em: <http://caderno-do-orienter.blogspot.com>)

Mais alterações surgiram em 1935, com a abertura da R. de Santa Clara que dividiu o jardim e com a destruição do coreto e, nomeadamente, em 1989, com a instalação de um elemento de água com repuxos.¹³⁹

¹³⁵ “No jardim de S. Francisco”, O Liberal 31.VIII.1922 *apud* VEIGA JARDIM, Orlando (2002)

¹³⁶ “Musica no Jardim”, O Progresso, 19.XI.1916 pp.3, *apud* VEIGA JARDIM, Orlando (2002), p.77

¹³⁷ Refere-se ao Eng. Constantino José de Brito, Director das Obras Públicas

¹³⁸ LOUREIRO, Adolfo (2000)

¹³⁹ ESTÁCIO, António, SARAIVA, António (1993)

8 PROPOSTA DE UM ITINERÁRIO PELOS JARDINS HISTÓRICOS DE MACAU

8.1 DEFINIÇÃO DE CONCEITOS

No âmbito do turismo, interessa definir alguns conceitos básicos. Assim, segundo Celestino Domingues¹⁴⁰, considera-se:

Circuito turístico - excursão de pequena duração com horários, preços, frequências e percursos pré-fixados, publicados e autorizados oficialmente. Os pontos de partida e de chegada são coincidentes e são, normalmente, organizados por empresas especializadas, em autocarro, automóvel ou barco, incluindo visitas acompanhadas a museus e monumentos locais de interesse turístico, etc.

Itinerário turístico - indicação de um caminho que pode ser seguido numa viagem entre dois locais distintos, com referências aos vários pontos de interesse turístico que se poderão encontrar pelo meio, e que está, em muitos casos, sujeito a um tema específico. Por forma a serem mais facilmente seguidos, os itinerários podem incluir indicações de distâncias e tempos previstos para as deslocações e visitas sugeridas.

Rota - semelhante ao itinerário, no entanto obrigatoriamente sujeita a um tema e, normalmente, de curta duração (ex.: rota dos vinhos; rota do barroco; etc.).

Percorso - refere-se apenas ao caminho físico (estradas, ruas, etc.) a ser percorrido entre dois pontos de uma viagem. Está presente em cada um dos tipos de viagem anteriores.

Desta forma, considerou-se que face ao objectivo deste trabalho a notação mais adequada é a de “itinerário turístico”, aliando a especificidade do tema dos jardins históricos com outros pontos de interesse turístico.

Entendeu-se, ainda, ser útil a averiguação do conceito de **Itinerário Cultural**. Segundo a Carta dos Itinerários Culturais, elaborada pelo Comité Científico Internacional dos Itinerários Culturais (CIIC) do *International Council of Monuments and Sites* (ICOMOS) fundado em 1998, um Itinerário Cultural (IC)¹⁴¹ é “*uma via de comunicação terrestre,*

¹⁴⁰ DOMINGUES, Celestino (1997)

¹⁴¹ Este conceito diverge do conceito de itinerário cultural proposto pelo Concelho da Europa, cujo carácter é sobretudo turístico.

*aquática, mista ou outra, determinada materialmente, com uma dinâmica e funções históricas próprias, ao serviço dum objecto concreto e determinado.*¹⁴² Esta via deverá ser uma combinação de elementos tangíveis que confirmem a sua existência física (a via *per se* e elementos associados à mesma) e elementos intangíveis (reflectem os processos associados às relações humanas interculturais que se estabeleciam ao longo do itinerário) e cujo valor do todo se sobrepõe à soma do valor das partes, de forma que a relação que se estabelece entre o meio territorial em que se insere, a sua manifestação física e a sua autenticidade histórica permita valorizar as influências culturais recíprocas que nela se manifestam. Assim, um Itinerário Cultural não é um mero conjunto de elementos associados através de características que lhes são comuns ou uma rota turística de interesse cultural, mas trata-se da formalização espacial concreta de um fenómeno específico de mobilidade que permitiu a interacção entre povos. São exemplos de Itinerários Culturais os seguintes itinerários: a Rota das Sedas, o Caminho de Santiago, as Estradas do Império Romano e o Caminho dos Incas.

No âmbito deste trabalho, embora não se possa de todo propor a elaboração de um Itinerário Cultural exactamente por este conceito não se destinar ao desenho de um percurso, mas sim ao evidenciar de uma autenticidade histórica, o facto de se tratar de património que manifesta uma forte cooperação entre dois povos cuja interacção se materializa, nomeadamente, nos seus jardins, tornou relevante o estudo e adaptação deste conceito ao objectivo em questão.

Assim, para o fim a que este trabalho se propõe, consideraram-se relevantes alguns aspectos como, nomeadamente:

- Valor de conjunto de um IC é maior que o valor de cada um dos seus elementos, pelo facto de haver um interesse comum e plural na sua associação;
- Num IC, a diversidade de culturas é valorizada em relação à homogeneização cultural;
- *“O meio territorial, quer seja natural ou cultural (urbano ou rural), enquadra o IC, confere-lhe um ambiente particular, caracterizado pelos elementos e os valores de natureza física e imaterial, e é fundamental para a sua compreensão, a sua conservação e o seu usufruto”*¹⁴³
- As intervenções feitas num IC devem facilitar a sua leitura sem deformar a envolvente e exigem um conhecimento multidisciplinar e aprofundado sobre as características históricas, naturais e culturais do meio em que este se insere;

¹⁴² Comité Internacional dos Itinerários Culturais do ICOMOS (2008), p. 3

¹⁴³ Comité Internacional dos Itinerários Culturais do ICOMOS (2008), p. 5

- “Os conteúdos intangíveis de um IC são fundamentais para compreender o seu sentido e os seus valores patrimoniais de carácter associativo”¹⁴⁴
- A valorização, protecção e conservação de um IC deve garantir a valorização enquanto conjunto, não sendo suficiente o assegurar da protecção dos seus elementos de forma parcial;
- O IC enquanto instrumento de coesão territorial e de desenvolvimento, deverá estar preparado para a visita turística e encorajar o seu conhecimento, pelo que a sua protecção e promoção deverão integrar infra-estrutura suplementar a nível turístico, de informação, de interpretação e de apresentação, não pondo em causa, evidentemente, a sua autenticidade, integridade e valores;
- A participação prioritária da população local e de empresas turísticas locais e regionais deve ser uma preocupação a ter em conta na promoção turística de um IC;
- Sendo um IC uma representação de um encontro de culturas cujas partes do conjunto tem uma importância relativa, deverá ter-se em consideração que qualquer projecto de promoção e desenvolvimento numa das partes terá um efeito multiplicador sobre o restante.

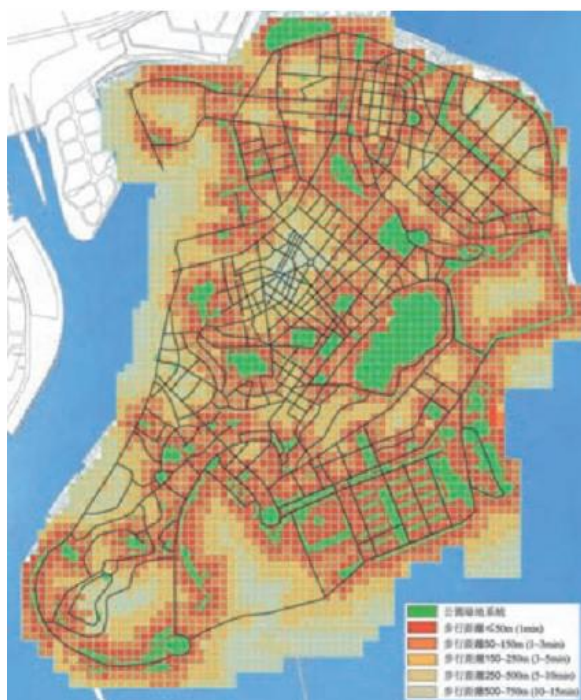


Figura 19 – Mapa de proximidade entre os espaços verdes de Macau (Fonte: LIMIN)

8.2 PROXIMIDADE ENTRE ESPAÇOS VERDES DE MACAU

No trabalho de LIMIN, foi feito um estudo sobre a proximidade entre os espaços verdes de Macau, tendo sido o território da península dividido segundo uma matriz quadriculada de 50 m x 50 m, e calculado o tempo e a distância que, para cada uma das quadrículas avaliadas, se demora a chegar a uma zona verde, ou a distância que é necessário percorrer (Fig. 20). Os dados foram avaliados segundo 5 classes: ≤ 50 m (1 min.); 50-150 m (1-3 min.); 150-250 m (3-5 min.); 250-500 m (5-10 min.); e 500-700 m (10-15 min). Na península de Macau, apenas

¹⁴⁴Comité Internacional dos Itinerários Culturais do ICOMOS (2008), p. 7

3,7 % das quadrículas se situam entre 500 a 700 m de distância de uma zona verde, obrigando a uma caminhada de 10 a 15 minutos, enquanto 42, 2 % das quadrículas apenas exigem 1 minuto a pé (50 m).

Embora tenham sido integrados neste estudo mais classes de jardins e zonas verdes do que as que a este trabalho compete abordar, estes dados revelam a enorme facilidade de deslocação entre as várias zonas verdes do território, o que constitui mais um factor favorável ao nível da implantação de itinerários turísticos neste âmbito, e o facto de a grande maioria dos habitantes ter uma zona verde a menos de quinze minutos de casa. A proximidade entre os vários jardins, bem como a possibilidade de, a partir de vários pontos de interesse, se poder chegar rapidamente e a pé a uma zona verde, deve ser levado em consideração como mais um aspecto atractivo para que o turista se sinta motivado a visitar os jardins de Macau e o seu património paisagístico.

8.3 ITINERÁRIOS PROPOSTOS EXISTENTES EM MACAU

Existem já alguns itinerários sugeridos pela Direcção dos Serviços de Turismo de Macau, disponíveis no *site* deste organismo. Tratam-se de 5 percursos a pé pela Península de Macau, 1 pela Taipa e outro por Coloane, com durações que variam entre os 30 e os 90 minutos. Desses importa sobretudo referir o da “Colina da Guia e São Lázaro” (60 minutos), que inclui o Parque Municipal da Guia, o Jardim da Flora e o Jardim Lou Lim Ioc, e o das “Ruínas de São Paulo e O Jardim de Camões” (60 a 75 minutos). No entanto, deve referir-se que a informação disponibilizada sobre os jardins, bem como o tempo que é previsto despende-se em cada local parecem francamente redutores quando se tem em vista uma apresentação dos jardins históricos de Macau enquanto um todo coerente.

Também no que aos jardins propriamente diz respeito, refere-se a existência de uma publicação do IACM de 2003, *A Green Tour of Macao*, com informação sobre os vários espaços verdes de Macau, publicado em inglês e chinês.

8.4 PROPOSTA DO ITINERÁRIO: CONHECER MACAU PELOS SEUS JARDINS

Tendo em vista a proposta de um itinerário (Fig. 21) cujo principal foco fosse o conhecimento dos jardins de Macau, recorrendo-se à avaliação do potencial turístico efectuada anteriormente no decorrer deste trabalho, foram escolhidos os seguintes jardins como elementos a integrar neste percurso: Jardim Lou Lim Ioc, Jardim de Camões, Parque

JARDINS HISTÓRICOS DE MACAU

Proposta de um itinerário turístico

Municipal da Guia, Jardim da Flora e Jardim de S. Francisco. Estes jardins obtiveram uma pontuação superior a 9 pontos, numa escala de variação de -1 a 18.

Com base nos itinerários pedonais propostos pela Direcção dos Serviços de Turismo de Macau referidos no ponto anterior, e tendo em vista a diversificação dos elementos constituintes do itinerário procurando aliar a importância do conhecimento dos jardins à visita aos principais monumentos históricos da cidade, determinaram-se, também, como elementos a integrar neste percurso os seguintes monumentos: Clube Militar, Largo do Senado, Leal Senado, Correios, Santa Casa da Misericórdia, Igreja de S. Domingos, Ruínas de S. Paulo, Templo de *Na Tcha*, Casa Garden, Cemitério Protestante, Bairro de S. Lázaro e o Farol da Guia,

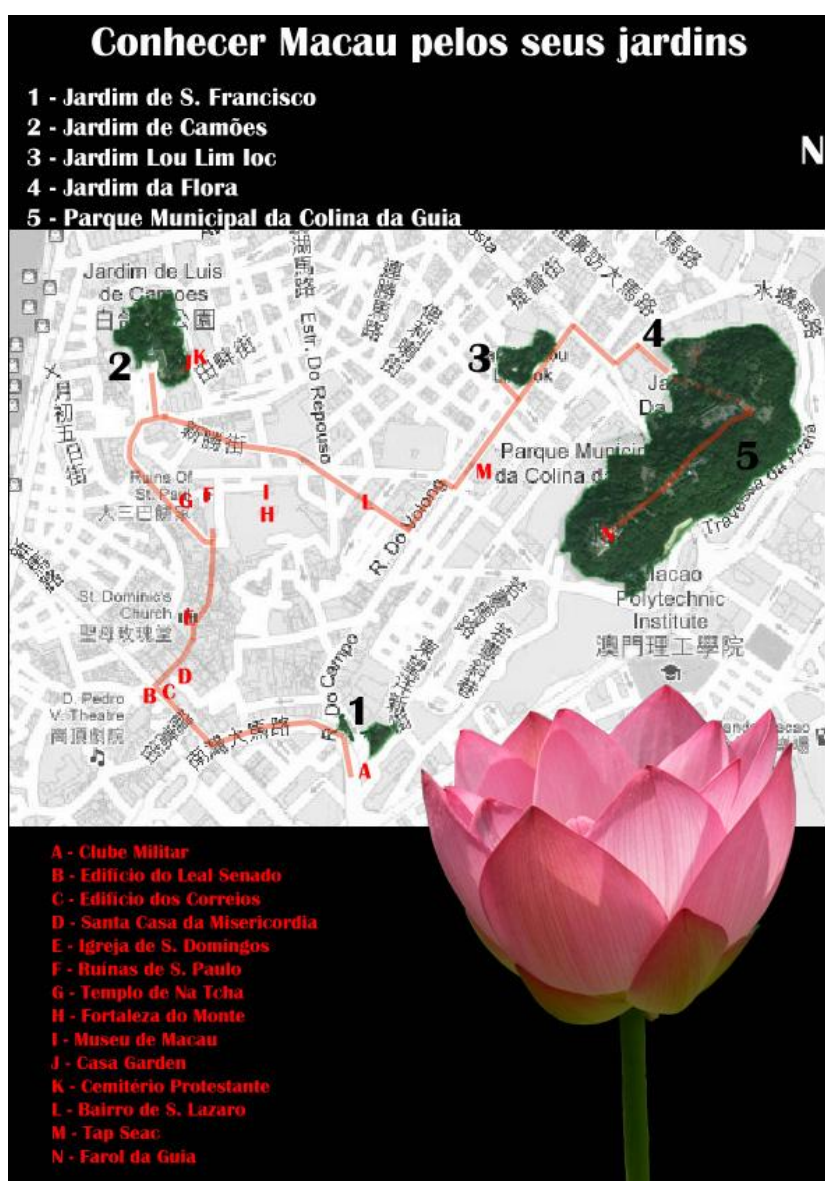


Figura 20 Mapa do Itinerário “Conhecer Macau pelos seus Jardins”

Assim, propõe-se o começo deste passeio pelo **Jardim de S. Francisco**, onde há uma marcada influência colonial e que terá sido um dos primeiros jardins públicos de Macau, construído com uma estreita relação com o rio das Pérolas, que, antes dos aterros banhava esta baía. De seguida, a imperativa passagem pelo **Largo do Senado**, todo pavimentado com calçada portuguesa e rodeado por edifícios de cariz muito ocidental como o **Leal Senado**, o **Edifício dos Correios** e da **Santa Casa da Misericórdia**. Deste ponto, passando pela **Igreja de S. Domingos**, sobe-se até às majestosas **Ruínas de S. Paulo** por um percurso pedonal. Por meandros menos turísticos segue-se, então, para o **Jardim de Camões**, onde se propõe a subida até à famosa Gruta de Camões, observando-se o esplendor da densa vegetação que terá sido trazida pela Companhia das Índias Britânica. Ladeando o jardim encontra-se o **Cemitério Protestante**, bem como a **Casa Garden**, que terá sido a residência dos britânicos que tanto influenciaram o desenvolvimento desse jardim. Propõe-se então, a passagem pelo **Bairro de S. Lázaro**, recentemente recuperado, que terá sido um dos primeiros bairros portugueses e onde as influências ocidentais na arquitectura dos edifícios e em todos os pormenores são muito acentuadas. Daqui, sugere-se que se siga pela **praça do Tap Seac**, observando a beleza dos edifícios em tons de amarelo e cor de vinho, em direcção ao **Jardim Lou Lim Ioc**. Este antigo jardim privado inspirado nos famosos jardins de Suzhou, desmultiplica-se em recantos e convida à descoberta do espaço pelos caminhos formados entre a vegetação e as pedras esculturais, pelas pontes e pavilhões, pelos esconderijos e atalhos que rodeiam o grande lago central. Atravessando uma das ruas mais movimentadas de Macau, a **Av. Horta e Costa**, limitada por edifícios habitacionais com lojas nos pisos térreos onde está presente a confusão quotidiana de carros e pequenas multidões de locais, encontra-se o pacífico Jardim da Flora, com os seus pássaros, macacos e o famoso urso Bobo. Deste poder-se-á subir pelo teleférico que sobrevoa o jardim, directamente para o **Parque Municipal da Colina da Guia**, onde de forma mais informal se vai subindo entre a densa vegetação por caminhos que conduzem ao **Farol da Guia**, de onde se poderá ter uma vista mais desafogada sobre a envolvente, avistando-se os edifícios mais modernos em contraste com os da antiga cidade e a densa malha urbana que forma Macau.

Este itinerário tem uma duração estimada de 4 horas. Esta estimativa foi feita depois de se experimentar o itinerário no terreno, cronometrando a duração da actividade.

9 CONCLUSÃO

Ao longo de todo o processo de pesquisa e trabalho sobre o tema “*Os Jardins Historicos de Macau – Uma Avaliação do Potencial Turístico*” foi-se tornando cada vez mais evidente a **singularidade** e a **riqueza** deste património. Macau, enquanto tradução física de um encontro de duas culturas ao longo de quatro séculos, a ocidental (portuguesa) e a oriental (chinesa), enquanto espaço de **miscigenação cultural**, é única na sua arquitectura, na ambiência e nos pormenores que por toda a parte se manifestam, e que tanto contrastam com o território em que se inserem, remetendo o visitante a um tempo de descoberta, de aventura e de interacção entre povos tão distantes espacial e culturalmente.

Conclui-se, ainda, que os jardins de Macau, não só fisicamente, na sua arquitectura, decoração, material vegetal usado, são o espelho dessa mesma integração que, de forma tão subtil, se manifesta sobretudo no **contraste** dos pormenores, mas também na forma como são vividos e apropriados pela população, reflectem o quotidiano da sua cultura, um modo de viver o jardim tão próprio e rituais tão distintos dos ocidentais. Foi neste âmbito, que decorreu este trabalho, com o objectivo presente de reforçar a importância dos jardins como **património** a proteger e que não deve ser descurado numa cidade que cada vez mais procura apostar em diversificar o mercado do **turismo**. A metodologia desenvolvida, que nesta dissertação foi utilizada como um apoio à selecção de jardins para fins turísticos, poderá vir a ser utilizada noutros contextos, contribuindo para a **salvaguarda e valorização do património paisagístico**. A hierarquização dos jardins obtida através desta metodologia pode contribuir, nomeadamente, para uma **hierarquização de prioridades** quanto à manutenção, restauro ou ao desenvolvimento de mecanismos de protecção do património, auxiliando na **tomada de decisões** e permitindo uma **maior eficácia** na gestão deste património.

Ainda assim, conclui-se, que a disponibilização de **informação** ao visitante sobre o património paisagístico de Macau, é de inegável importância no suscitar de interesse e na **divulgação** deste tão rico património, contribuindo para **protecção** a longo prazo do mesmo. É também neste âmbito que o **arquitecto paisagista**, através da conjugação de conhecimentos a nível da análise biofísica do local, da interpretação histórica e da evolução da paisagem, e mesmo das relações sócio-culturais que nela se traduzem e tomam acção, tem um papel fundamental como agente participativo nas questões da paisagem, contribuindo para a protecção do património paisagístico e para a preservação da paisagem que cada vez mais, como é tão evidente no caso de Macau, sofre a pressão de um avanço desmesurado e inconsequente da civilização do betão.

10 BIBLIOGRAFIA

Abreu, A. G. (2010). *Apontamentos do Curso de Introdução à História da China*. Lisboa: Fundação Oriente.

Amaro, A. M. (1967). *O Jardim de Lou Lim léoc*. Macau: Imprensa Nacional.

Barreto, L. F. (2008). A aculturação portuguesa na expansão e o luso-tropicalismo. In M. Ferreira Lages, & A. Matos, *Portugal: Percursos de Interculturalidade* (Vol. 1, pp. 478-503). Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Cultural (ACIDI, I. P.).

Barreto, L. F. (2006). *Macau: Poder e Saber - Séculos XVI e XVII*. Lisboa: Editorial Presença.

Basto da Silva, B. (1992). *Cronologia da História de Macau - séculos XVI - XVII* (Vol. Vol. 1). Macau: Direcção dos Serviços de Educação.

Braga, J. M. (1965). *Macau - a shot handbook*. Macau: Information and Tourism Department - Government Printing Press.

Casal Ribeiro, T. (1885). Relatório acerca da arborização de Macau pelo agrónomo Tancredo Caldeira do Casal Ribeiro. *Semana Verde: Colectânea de textos* (1991), pp. 19-22.

Castel-Branco, C. (1999). *Levantamento e Avaliação de Jardins Históricos para Turismo*. Lisboa: CEAPBN - ISA.

Castro, I. (Março de 2010). Uma terra começa com duas famílias. *Revista Macau*, nº18 (Macau antes dos portugueses), pp. 92 - 95.

Cheung So Mui, C. (2000). *A Green Tour of Macau*. Macau: IACM - Departamento de Jardins e Áreas Verdes.

Clunas, C. (1996). *Fruitful Sites: Garden Culture in Ming Dynasty China*. Londres: Reaktion Books.

Comissariado da Auditoria da RAEM. (04 de 11 de 2010). *Comissariado da Auditoria divulga relatório de auditoria de resultados "Actividade do Instituto para os Assuntos Cívicos e Municipais no âmbito dos espaços e zonas verdes"*. Obtido em 17 de 03 de 2011, de Comissariado da Auditoria da RAEM: http://www.ca.gov.mo/pt/press_release/press_release_detail.php?id=91&links=chk_press_release.php?stardate=&enddate=&seachstr=iacm&Page=0

Comissariado da Auditoria da RAEM. (Outubro de 2010). *Relatório de Auditoria de resultados: Actividade do Instituto para os Assuntos Cívicos e Municipais no âmbito dos espaços e zonas verdes*. Obtido em 17 de 03 de 2011, de <http://www.ca.gov.mo/files/PA2310pt.pdf>

Comité Científico Internacional dos Itinerários Culturais do ICOMOS. (2008). *Carta dos Itinerários Culturais*. (A. P. Amendoeira, Trad.) Canadá.

Conceição Afonso, J. (Janeiro/Junho de 1999). Macau: Uma experiência de urbanismo estratégico e higienista dos finais do séc. XIX aos começos do séc. XX. *Revista de Cultura* (nº38/39), pp. 221 - 248.

Cunha, L. (2008). Avaliação do Potencial Turístico. *COGITUR*, 1.

Declaração Conjunta Luso-Chinesa sobre a Questão de Macau. (Abril de 1987). Obtido em 03 de 01 de 2011, de www.macau99.org.mo/p_documents.html

Departamento de Acção Cultural da C. M. I. (1991). *Semana Verde: Colectânea de textos*. Macau: Câmara Municipal das Ilhas.

Dias, P. (2005). *A Urbanização e a Arquitectura dos Portugueses em Macau, 1557 - 1911*. Lisboa: Portugal Telecom.

Direcção dos Serviços de Cartografia e Cadastro do Governo da RAEM. (2005). *Atlas de Macau* (2ª ed.). Macau: Direcção dos Serviços de Cartografia e Cadastro do Governo da RAEM.

Direcção dos Serviços de Estatística. (2010). *Estatísticas do Turismo*. Obtido em 22 de Abril de 2011, de Informações Estatísticas: Jogo e Turismo: <http://www.dsec.gov.mo/Statistic/TourismAndServices/TourismStatistics.aspx>

Domingues, C. (1997). *Prontuário Turístico*. Lisboa: Instituto Nacional de Formação Turística.

Duarte de Jesus, J. M. (2002). *O Jardim no Pensamento Mítico Chinês: ensaio sobre a cultura chinesa*. Aveiro: Universidade de Aveiro.

Estácio, A. (Dezembro de 1987). A conservação da natureza. *Revista Macau* (nº7), pp. 55-58.

Estácio, A. (1982). *Dinâmica das Zonas Verdes na cidade de Macau*. Macau: Serviços Florestais e Agrícolas de Macau.

ESTÁCIO, A. (Abril - Setembro de 1998). Evolução das zonas verdes, sua importância e origens da flora de Macau. *Revista de Cultura* (nº 35/36), pp. 207 - 216.

Estácio, A., & Saraiva, A. (1993). *Jardins e Parques de Macau*. Macau: Instituto Português do Oriente.

Farinha Ramos, J. M., & Coteló Neiva, J. M. (2010). Algumas características geológicas e geotécnicas do território de Macau. Recursos Geológicos. In J. M. Coteló Neiva, A. Ribeiro, L. Mendes Victor, F. Noronha, & M. Ramalho (Edits.), *Ciências Geológicas - Ensino e Investigação e a sua História* (pp. 267 - 278). Lisboa: Associação Portuguesa de Geólogos; Sociedade Geológica de Portugal.

Fei, C. (1996). *Macao 400 years*. The Publishing House of Shanghai Academy of Social Sciences.

Figueira, F. (1988). *Património Arquitectónico de Macau*. Macau: Instituto Cultural de Macau.

Flores, J. M. (1998). Zonas de Influência e de Rejeição. In A. H. Oliveira Marques, *História dos Portugueses no Extremo Oriente* (pp. 135-180). Lisboa: Fundação Oriente.

Gabinete de Comunicação Social da RAEM. (2010). *Macau 2010 - Livro do Ano*. Macau: Gabinete de Comunicação Social da RAEM.

Gabinete de Comunicação Social da RAEM. (2010). *Relatório das Linhas de Acção Governativa para o ano Financeiro de 2011 da RAEM*. Obtido em 3 de Maio de 2011, de www2.gcs.gov.mo/policy/download/pt2011_summary.pdf

Gonçalves, R. (2009). *Protecção e Conservação do Património*. Lisboa: Dissertação de Mestrado - IST.

Instituto de Cultura do Governo da R. A. E. de Macau. (2009). *Projecto de Lei de Salvaguarda do Património Cultural (Projecto)*. Obtido em 14 de Abril de 2011, de Rede do Património Cultural de Macau: www.macauheritage.net/mhlaw/DefaultP.aspx

Instituto para os Assuntos Cívicos e Municipais. (2004). *Árvores Antigas de Macau*. Macau: IACM.

Instituto para os Assuntos Cívicos e Municipais. (2004). *Árvores Antigas em Macau*. Macau: IACM.

Instituto para os Assuntos Cívicos e Municipais. (Abril de 2005). *Boletim do IACM*. Obtido em 17 de 03 de 2011, de http://www.iacm.gov.mo/files/boletim/042005/mon_04_8_p.html

Isidro, E. (2009). *Metodologia de caracterização e classificação de jardins públicos de interesse patrimonial - Aplicação à cidade de Lisboa*. Lisboa: Relatório do Trabalho de Fim de Curso em Arquitectura Paisagista - Instituto Superior de Agronomia.

Jellicoe, G., & Jellicoe, S. (1995). *The Landscape of Man*. Thames & Hudson.

Jin, G. P., & Wu, Z. (Agosto de 2003). Razões Palacianas na origem de Macau - II. *Revista Macau*, nº15 (Macau e as novas identidades chinesas), pp. 96-107.

Lei Básica da Região Administrativa Especial de Macau da República Popular da China. (Março de 1993). Obtido em 03 de 01 de 2011, de www.macau99.org.mo/p_documents.html

Limin, & Li, W. (2011). *The study on the landscape architecture & green space system planning of Macau*. Macau: China Architecture & Building Press.

Loureiro, A. (2000). *Macau, no diário de viagem de Adolpho Loureiro*. Macau: Kazumbi.

Marreiros, C. (1999). O Modelo-Mãe: A Arquitectura Mestiça das Falsas Fachadas". *Revista de Cultura* (nº38/39 - II série).

Marreiros, C. (2007). The traditional chinese architecture of Macau. In J. L. Sales Marques, M. Imperatori, & C. Marreiros, *ACE Macau: Architecture Culture Environment Macau* (pp. 58-89). Polipress Politecnico di Milano.

Mesquitela, G. (1996). *História de Macau* (Vols. I - Tomo I). Macau: Instituto Cultural de Macau.

Mok Keng, K. (2007). *Garden and City: Conservation of Urban Cultural Landscape through Partnership, A Case Study of Macau's Historic Garden, San Francisco Garden*. Hong Kong: Dissertação para o Grau de Mestre em Conservação: University of Hong Kong.

O Clima de Macau. (s.d.). Obtido em 22 de 03 de 2011, de Direcção dos Serviços Meteorológicos e Geofísicos: www.smg.gov.mo

Porto Editora. *Dicionário da Língua Portuguesa* (7ª ed.).

Projecto para a substituição do Jardim do Chunambeiro. (s.d.). *Documento MO/AH/AC/SA/01/00819*. Arquivo Histórico de Macau.

Quintal, R. (2010). *A importância dos jardins como nicho turístico na Madeira*. Obtido de www.jardins.com.pt/wp-content/JardinsMadeira01.pdf

Ribeiro, L. P. (1993). *Quintas do concelho de Lisboa. Inventário, caracterização e salvaguarda*. Lisboa: Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica - ISA.

Ribeiro, M. L., Farinha Ramos, J., Pereira, E., & Dias, R. (2010). Macau, Evolução do Conhecimento Geológico. In J. M. Coteló Neiva, A. Ribeiro, L. Mendes Victor, F. Noronha, & M. Ramalho (Edits.), *Ciências Geológicas - Ensino e Investigação e a sua História* (Vol. 3, pp. 259-266). Lisboa: Associação Portuguesa de Geólogos; Sociedade Geológica de Portugal.

Rodrigues Costa, M. d. (1997). *História da Arquitectura em Macau*. Macau: Instituto Cultural de Macau.

Rodrigues, R. (s.d.). Uma Alameda para a Vitífrica.

Teixeira, M. (1997). *Toponímia de Macau*. Macau: Instituto Cultural de Macau.

The State Administration of Cultural Heritage of the People's Republic of China. (2002). *The Historic Monuments of Macau - Application to UNESCO for inscription on the World Heritage List under the terms of the World Heritage Convention*. Obtido em 13 de Abril de 2011, de whc.unesco.org/uploads/nominations/1110.pdf

Thomaz, L. F. (1998). Introdução. In A. H. Oliveira Marques, *História dos Portugueses no Extremo Oriente* (Vol. 1, pp. 13-122). Lisboa: Fundação Oriente.

Veiga Jardim, O. (2002). *The role of the Military Bands in Shaping the musical life os Macau, ca. 1820 to 1935*. Hong Kong: University of Hong Kong.

Wong, S. K. (1969). *Macao Architecture - an integrate of chinese & portuguese influences*. Hong Kong: Department of Architecture, Hong Kong Universty.

World Heritage Convention - UNESCO. (2005). *29COM 8B.28 Nomeação oficial do Centro Histórico de Macau como Património Mundial da UNESCO*. Obtido em 13 de Abril de 2011, de whc.unesco.org/en/list/1110/documents

Zengtao, Z. (2010). Descrição de Macau - Aomen Tushuo. In G. Yin, & R. Zhang, *Breve Monografia de Macau* (G. P. Jin, Trad., pp. 350-355). Macau: Instituto Cultural da R. A. E. de Macau.

Zhang, Z. (2010). Sobre a situação de Macau - Lun Aomen Xingshizhuang. In G. Yin, & R. Zhang, *Breve Monografia de Macau* (G. P. Jin, Trad., pp. 356-364). Macau: Instituto Cultural da R. A. E. de Macau.

Zimmer, P., & Grassmann, S. (1996). Avaliar o potencial turístico de um território. (L. E. Observatory, Ed.) Estremadura, Espanha.

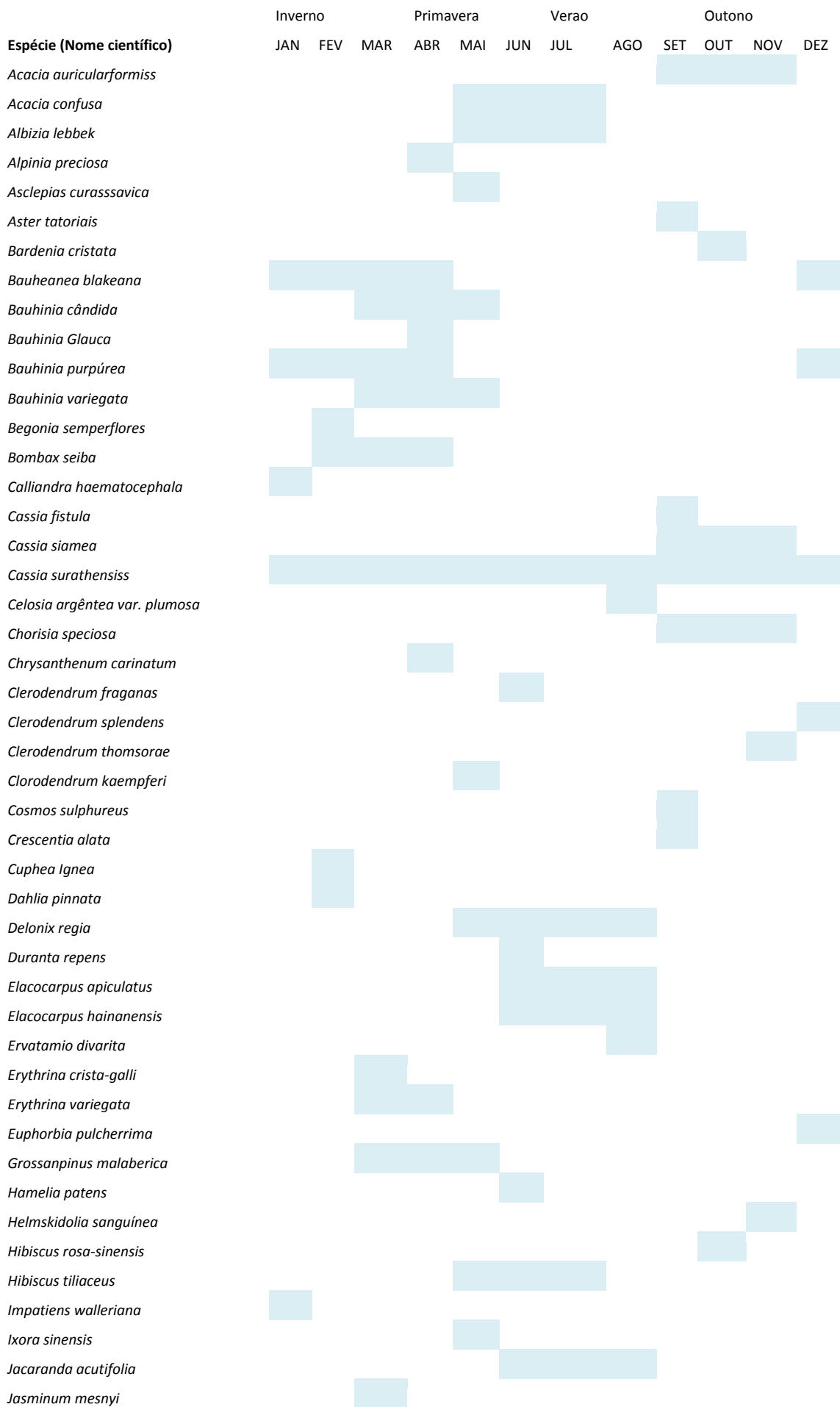
梁敏如. 澳门城市绿地与园林植物研究 (*Macau cidade verde e plantas ornamentais*). Macau: Tese de Mestrado: 农业与生物技术学院 (Universidade de Agricultura e Biotecnologia).

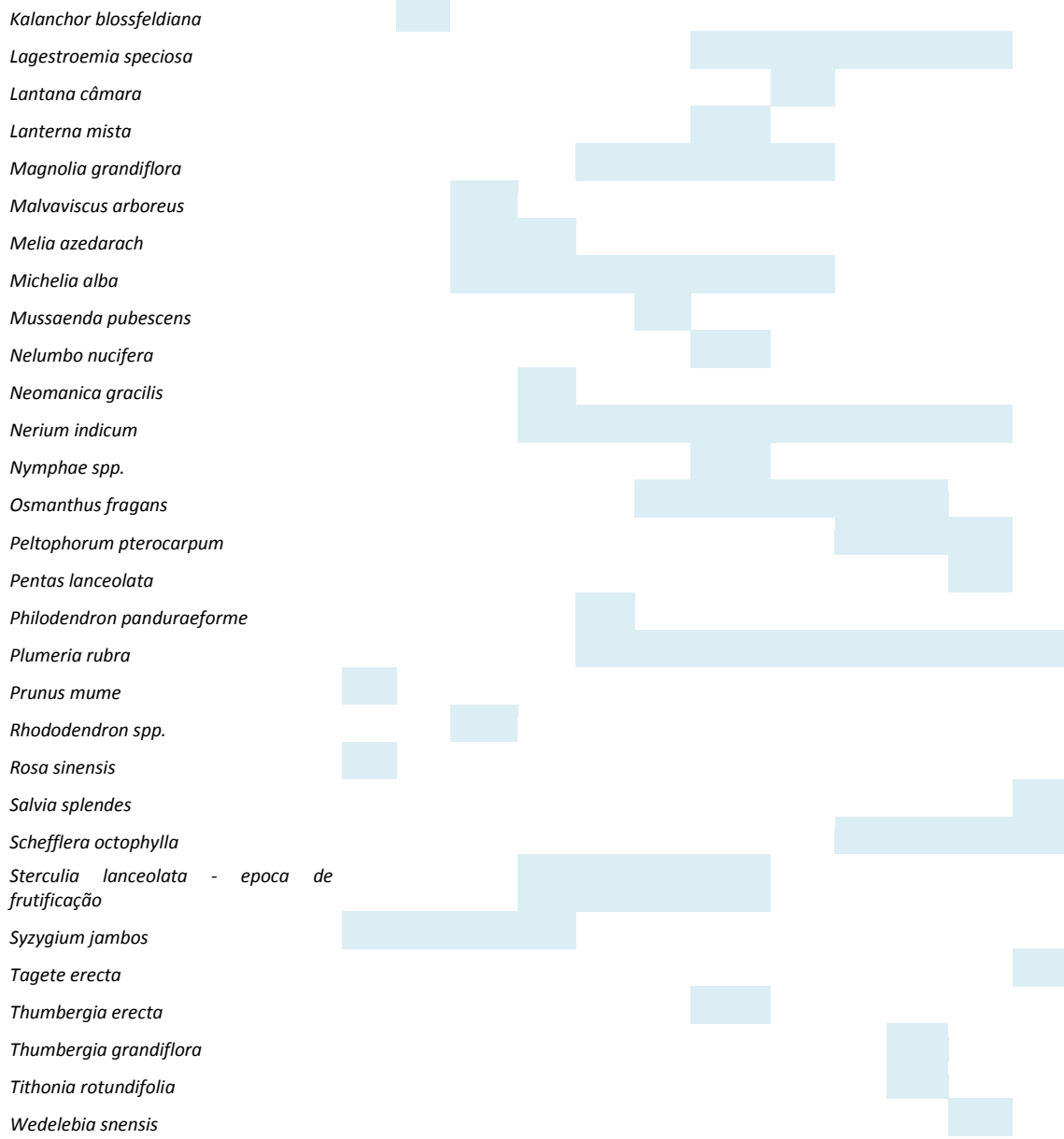
Anexos

Anexos I

Época de floração de algumas espécies existentes nos jardins de Macau

Época de floração





Anexos II

Fichas dos jardins

1. Identificação		
1.1.	Designação oficial em Português	Jardim de Camões
1.2.	Designação oficial em Chinês	Jardim da Pomba Branca
1.3.	Localização	Praça Luis de Camões
1.4.	Área total	19, 661 m ²
1.5.	Horário de funcionamento	Todos os dias das 6h – 21h
1.6.	Eventos Periódicos	10 de Junho – celebração do Dia de Portugal e das Comunidades Portuguesas
1.7.	Classificação obtida	16

1.8. Planta do Jardim



1.9. Breve Descrição

A parte da entrada do jardim tem um desenho mais formal e simétrico com canteiros de ambos os lados de um eixo central que termina numa praça circular com vários painéis de calçada no pavimento e uma escultura recente ao centro. No alinhamento do eixo central existe uma escadaria larga onde se encontram mais dois painéis, e que se divide em dois percursos ao logo de toda a área do jardim que se desenvolve sobre a colina, mais densamente plantada e com um carácter mais orgânico. Estes dois percursos que se vão inter cruzando são pontuados por pequenos pavilhões, zonas de estadia preparadas para convívio e períodos lúdicos. Através destes caminhos tem-se acesso à Gruta de Camões, onde se encontra o busto do poeta. No nível inferior do jardim existe ainda um grande lago e um parque infantil.

2. Dados Históricos e estilísticos		
2.1.	Cronologia	<p>Meados do séc. XVIII – construído por Francisco Xavier Pereira</p> <p>Foi alugado à Companhia da Índias Britânica</p> <p>1833 – herdado pelo cunhado de Francisco Xavier Pereira</p> <p>1866 – Estátua de bronze de Bordalo Pinheiro</p> <p>1885 – Adquirido pelo governo e transformado num jardim público</p> <p>1920 – Casa Garden foi transformada no Museu Camões</p> <p>1989 – Casa Garden foi adquirida pela Fundação Oriente, não fazendo actualmente parte do jardim.</p>

2.2. Identificação da origem/função que determina a estética do jardim

Origem privada

2.3. Justificação

O desenho do jardim foi muito influenciado pela presença da Companhia da Índias Britânica, que se encarregaram do mesmo, tendo posteriormente havido pequenas alterações sempre de carácter particular.

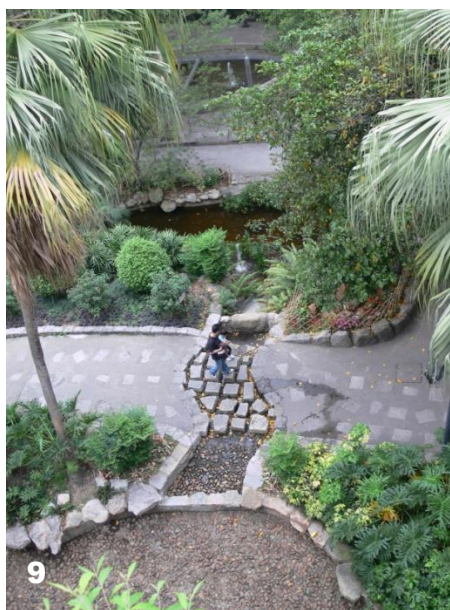
3. Dados descritivos		
3.1.	Descrição do jardim	
3.1.1.	Limites do jardim	Todo o jardim é vedado, mas o limite, excepto na zona da entrada onde o gradeamento e portões de ferro são visíveis, não é perceptível. A sul, o jardim é limitado pela Praça Luís de Camões, onde se localiza a sua entrada, por edifícios habitacionais baixos e pela Casa Garden e seus jardins.
3.1.2.	Estrutura do jardim	A zona da entrada do jardim tem uma estrutura formal, com um eixo central ladeado por canteiros geométricos. Já a parte interior tem um desenho mais orgânico que se adapta ao relevo da pequena colina.
3.1.3.	Topografia	Situa-se numa pequena elevação
3.1.4.	Elementos de composição relevantes	
3.1.4.1.	Elementos construídos	Gruta de Camões, Busto de Camões em bronze (Bordalo Pinheiro), 10 painéis de calçada decorativos com motivos dos <i>Lusíadas</i> , Escultura "Abraço" (Irene Vilar - 1996), Cascata e Lago, Estátua de Sto. André Kim
3.1.4.2.	Elementos vegetais	<i>Ficus rumphii</i> , <i>Ficus microcarpa</i> , <i>Ficus altissima</i> , <i>Erythrina variegata</i> , <i>Cinnamomum camphora</i> , <i>Podocarpus macrophyllus</i> , <i>Albizia lebbek</i> , <i>Syzygium cumini</i> , <i>Bombax ceiba</i>
3.1.5.	Equipamentos	Parque infantil, Biblioteca
3.1.6.	Características especiais	Gruta de Camões, onde se diz que o poeta terá escrito parte dos <i>Lusíadas</i> . Foi feita aqui uma grande colecção de flores da China, pelos jardineiros da casa real inglesa, muitas das quais foram levadas daqui para os <i>Kew Gardens</i> .

4. Descrição da envolvente		
4.1.	Relação com o tecido urbano	Integrado numa zona de habitação com edifícios relativamente baixos e degradados, numa malha urbana densa.
4.2.	Sistema de vistas	
4.2.1.	Do jardim para a envolvente	Não relevante
4.2.2.	Da envolvente para o jardim	Não relevante
4.2.3.	Do jardim para o jardim	As melhores vistas são as do jardim para o próprio jardim.

5. Dados funcionais		
5.1.	Instalações de apoio	Biblioteca, Sanitários
5.2.	Equipamentos	
5.2.1.	Bancos	Tem
5.2.2.	Mesas de jogo	Tem
5.2.3.	Mesas de merendas	Tem
5.2.4.	Parque infantil	Tem
5.2.5.	Equipamento desportivo	Tem
5.2.6.	Campo de jogos	Não tem
5.2.7.	Caminho de seixos	Tem
5.2.8.	Pavilhão chinês	Tem

6. Dados no AHM		
6.1.	Imagens/ Iconografia	<p>Camões</p> <p>MNL 07 01 321 - 10 de Junho de 1985 (1985)</p> <p>MNL 08 04 087 - Alameda central e escadaria (1983-1985 Lee Yuk-Tin)</p>

Levantamento fotográfico do Jardim Luís de Camões (Abril 2011)



Legenda:

1. Bancos e aparelhos desportivos
2. Painéis de calçada
3. Caminho interior do jardim
4. Miradouro
5. Miradouro
6. Vista do miradouro para o interior do jardim
7. Escultura "Abraço"
8. Pérgola octogonal e parque infantil
9. Elemento de água desactivado

1.1.	Designação oficial em Português	Jardim da Flora, Jardim dos macacos (em desuso)
1.2.	Designação oficial em Chinês	Jardim de Ho Tung
1.3.	Localização	Av. Sidónio Pais
1.4.	Área total	19, 655 m ²
1.5.	Horário de funcionamento	Todos os dias das 6h – 19h
1.6.	Eventos Periódicos	-
1.7.	Classificação obtida	12
1.8.	Planta do jardim	



1.9.	Breve Descrição	A entrada dá acesso a uma alameda principal que percorre todo o espaço até à encosta, sendo que à direita se encontra um edifício escolar, e à esquerda o jardim desenvolve-se mais informalmente, havendo um parque infantil e campos de jogos. Na base da encosta situam-se as jaulas dos macacos e o habitat do já famoso urso, e um pouco mais elevado, fazendo-se o acesso por escadas, um aviário. Através de vários percursos, este permite a ligação à colina da Guia.
------	-----------------	--

2. Dados Históricos e estilísticos

2.1.	Cronologia	<p>Fim do séc XIX – Passou a ser residência do Governo</p> <p>1931 - Explosão do Paiol e destruição de grande parte da propriedade</p> <p>Adquirido por Sir Robert Ho Tung</p> <p>Doado ao governo</p> <p>1959 - Início da construção do zoo</p> <p>1996 - Obras de remodelação</p>
2.2.	Identificação da origem/função que determina a estética do jardim	Origem privada
2.3.	Justificação	Inicialmente esta propriedade pertencia ao Padre, que nela estabeleceu residência

3. Dados descritivos

3.1.	Descrição do jardim	
3.1.1.	Limites do jardim	O limite mais significativo é feito com a Avenida Sidónio Pais. Superiormente o limite é difuso, materializado pela Colina da Guia.
3.1.2.	Estrutura do jardim	O jardim é desenhado adaptando-se ao relevo. Assim, após a entrada que é feita por uma grande alameda, surge um tanque central que organiza o espaço paralelamente à encosta, com as jaulas e tanque de cágados. Daí, por lances de escadas tem se acesso, por caminhos mais meandrizados, ao Parque Municipal da Guia.
3.1.3.	Topografia	Situa-se na base da encosta noroeste da Colina da Guia
3.1.4.	Elementos de composição	
3.1.4.1.	Elementos construídos	Fonte da Flora com duas bicas, fonte dos peixes, tanque circular, cascata artificial, jaulas e aviários
3.1.4.2.	Elementos vegetais (segundo <i>Árvores Antigas de Macau</i>)	<i>Ficus rumphii</i>
3.1.5.	Equipamentos	Teleférico de acesso ao Parque Municipal da Guia
3.1.6.	Características especiais	Equipado com um mini-zoo com jaulas de macacos, aviários, <i>habitat</i> de urso, lago para patos e uma Ecoteca

4. Descrição da envolvente

4.1.	Relação com o tecido urbano	Limitado pela colina da Guia e relativamente bem isolado, situa-se junto a uma zona escolar e habitacional
4.2.	Sistema de vistas	É um jardim que vive muito para dentro, sendo a relação com o exterior pouco significativa
4.2.1.	Do jardim para a envolvente	Não relevante
4.2.2.	Da envolvente para o jardim	Não relevante
4.2.3.	Do jardim para o jardim	À medida que se sobe a encosta pode observar-se a parte inferior do jardim no seu todo

5. Dados funcionais

5.1.	Instalações de apoio	Sanitários, Ecoteca, Esplanada
5.2.	Equipamentos:	
5.2.1.	Bancos	Tem
5.2.2.	Mesas de jogo	Não tem
5.2.3.	Mesas de merendas	Tem
5.2.4.	Parque infantil	Tem
5.2.5.	Equipamento desportivo	Tem
5.2.6.	Campo de jogos	Tem – 3 campos multi-usos não cobertos
5.2.7.	Caminho de seixos	Não tem
5.2.8.	Pavilhão chinês	Não tem

6. Dados no AHM



6.1.	Imagens/ Iconografia	<p>MNL 0803053 Entrada (83-87)</p> <p>MNL 08 06 080</p> <p>MNL 08 06 081 Jaulas dos macacos (Março de 84)</p> <p>MNL 08 06 084 Alameda (83-85)</p> <p>MNL 08 06 085 Actual entrada? (83-85)</p> <p>MNL 08 06 086 Fonte dos peixes (83-85)</p> <p>MNL 08 06 101 ?</p>
------	----------------------	--

Levantamento fotográfico do Jardim da Flora (Abril 2011)



Legenda:

1. Entrada do jardim
2. Fonte da Flora
3. Parque Infantil
4. Elemento de água
5. Gaiola com lago para aves
6. Esplanada
7. Campos de jogos
8. Vista do jardim para a encosta da Guia
9. Vista da encosta para a entrada do jardim
10. Jaulas de macacos e senhor a praticar *Tai chi*

1. Identificação		FICHA Nº3
1.1.	Designação oficial em Português	Jardim de Lou Lim Ioc/ Jardim Lou Kao (em desuso)
1.2.	Designação oficial em Chinês	Lou Yun (Jardim de Lou)
1.3.	Localização	Estrada de Adolfo Loureiro
1.4.	Área total	10, 857 m ²
1.5.	Horário de funcionamento	Todos os dias das 6h – 21h
1.6.	Eventos Periódicos	Exposições temporárias e concertos
1.7.	Classificação obtida	17
1.8.	Planta do jardim	 
1.9.	Breve Descrição	Estrutura rectangular com vários caminhos que de uma forma meandrizada percorrem todo o espaço, entre rochas esculturais, áreas de plantação, zonas de estadia, pontes, pavilhões e recantos, ampliando imensamente o espaço, numa enorme beleza cénica. Existe um lago central de grandes dimensões, sobre o qual se debruça um pavilhão com uma grande varanda e várias plataformas em pedra nas suas margens.
2. Dados Históricos e estilísticos		
2.1.	Cronologia	<p>Meados de XIV – mandado construir por Luo Zhuo Zhi</p> <p>1925 – fim das obras de reconstrução por Lou Lim Ioc (filho de Luo Zhuo Zhi)</p> <p>1973 – Adquirido pelo Governo</p> <p>28 de Setembro de 1974 - Foi aberto ao público</p>
2.2.	Identificação da origem/função que determina a estética do jardim	Origem privada
2.3.	Justificação	O jardim foi mandado construir por Lou Kao
3. Dados descritivos		
3.1.	Descrição do jardim	
3.1.1.	Limites do jardim	O jardim é limitado por um muro imponente de cerca de 2,5 m.
3.1.2.	Estrutura do jardim	Trata-se de um jardim baseado nos clássicos jardins de Suzhou, daí advém uma estrutura muito orgânica na qual se procura desvalorizar a mão humana. Há um grande lago ao centro para o qual se encaminham vários trajectos, por entre pedras esculturais e vegetação.
3.1.3.	Topografia	Zona plana
3.1.4.	Elementos de composição	
3.1.4.1.	Elementos construídos	Pavilhão da Primavera, Lago central, Ponte das nove curvas, Estátua de Kun lam, Porta Vaso, Porta Lua, vários pavilhões chineses
3.1.4.2.	Elementos vegetais	<i>Ficus rumphii</i> , <i>Ficus macrocarpa</i> , <i>Dimocarpus macropyllus</i> , <i>Eucalyptus camaldulensis</i>
3.1.5.	Equipamentos	Pavilhão usado para concertos e exposições
3.1.6.	Características especiais	O jardim foi mandado construir baseando-se no desenho dos jardins de Suzhou
4. Descrição da envolvente		
4.1.	Relação com o tecido urbano	Perfeitamente enquadrado. Surge como uma surpresa inesperada na malha urbana.
4.2.	Sistema de vistas	
4.2.1.	Do jardim para a envolvente	Não relevante
4.2.2.	Da envolvente para o jardim	Não relevante
4.2.3.	Do jardim para o jardim	O jardim está desenhado de forma a proporcionar verdadeiros enquadramentos cénicos sobre si mesmo
5. Dados funcionais		
5.1.	Instalações de apoio	Sanitários, Pavilhão usado para exposições e concertos
5.2.	Equipamentos	
5.2.1.	Bancos	Tem
5.2.2.	Mesas de jogo	Tem
5.2.3.	Mesas de merendas	Tem
5.2.4.	Parque infantil	Não tem
5.2.5.	Equipamento desportivo	Não tem
5.2.6.	Campo de jogos	Não tem
5.2.7.	Caminho de seixos	Tem
5.2.8.	Pavilhão chinês	Tem vários
6. Dados no AHM		
6.1.	Imagens/ Iconografia	<p>MNL 08.06.088F (1983-85)</p> <p>MNL 08.06.089F Entrada</p> <p>MNL 08.06.099F Pavilhão</p> <p>MNL 08.06.087F Passarinhos</p>

Levantamento fotográfico do Jardim Lou Lim Ioc



Legenda: 1. Entrada do jardim; 2. Porta Lua; 3, 4 e 11. Zonas de estadia sobre o lago central; 5. Traseiras do Pavilhão da Primavera; 6. Pavilhão com mesa de xadrez chinês; 7. Ponte das nove curvas; 8. Banco do alpendre do Pavilhão da Primavera; 9. Pavilhão da Primavera; 10. Porta Vaso; 12. Pavilhão de Yi Cui; 13. Pátio para prática de *Tai chi*; 14. Gruta em rocha decorativa

1. Identificação	
1.1. Designação oficial em Português	Jardim da Montanha Russa
1.2. Designação oficial em Chinês	Ló Si Sàn (Outeiro do Caracol)
1.3. Localização	Estrada da Bela Vista
1.4. Área total	9, 579 m ²
1.5. Horário de funcionamento	Todos os dias das 6h – 22h
1.6. Eventos Periódicos	-
1.7. Classificação obtida	9
1.8. Planta do Jardim	



1.9. Breve Descrição	Este jardim situa-se numa pequena elevação que ostenta no topo um miradouro em forma de caracol muito singular, onde vão dar vários caminhos que sobem por entre a densa vegetação. Estes são interrompidos por pequenos patamares isolados com bancos e mesas. Na base do jardim existe um espaço com baloiço e um parque infantil moderno e, também um restaurante com esplanada.
2. Dados Históricos e estilísticos	
2.1. Cronologia	1869 – Plano de melhoramentos da cidade Anos 70 – Deixado ao abandono; mal frequentado 1985 – 1986 Projecto de recuperação pelos arquitectos Óscar Kroblich e Paula Castilho 1989 – Inauguração da Estátua de S. João Bosco Reconversão de zona de lazer
2.2. Identificação da origem/função que determina a estética do jardim	
2.3. Justificação	Era uma área verde que ficava na periferia da cidade e era já muito frequentada.
3. Dados descritivos	
3.1. Descrição do jardim	
3.1.1. Limites do jardim	O jardim é limitado pela Estrada de Ferreira do Amaral e pela Estrada da Bela Vista. O limite é construído por muros altos de alvenaria de granito com 1,5 m.
3.1.2. Estrutura do jardim	As duas entradas dão acesso a caminhos estreitos e orgânicos. Ao longo destes caminhos vão surgindo pequenas zonas de estar, bancos e mesas, e um pavilhão hexagonal. Estes culminam num caminho principal circular que sobe até ao ponto mais alto, onde se situa o miradouro em caracol. Confinando com a entrada do lado da Estrada Ferreira do Amaral, feita através de escadas, situa-se o pequeno parque infantil, numa cota mais baixa, e subindo uns degraus, um restaurante com esplanada. A outra entrada, em frente à Rampa dos Cavaleiros, é uma entrada feita em rampa.
3.1.3. Topografia	Situa-se numa pequena colina com uma cota máxima de 30 m. O jardim desenvolve-se em caminhos que sobem até ao ponto mais alto onde se localiza o miradouro.
3.1.4. Elementos de composição	
3.1.4.1. Elementos construídos	Miradouro em caracol, estátua de S. João Bosco (inaugurada em 1989 para assinalar o centenário do seu nascimento), pérgola hexagonal, balcão hexagonal
3.1.4.2. Elementos vegetais	Erythinas muito antigas. Uma com PAP de 103 cm (uma das maiores de Macau). Uma velha <i>Livistonia sinensis</i> . <i>Cinnamomum camphora</i> com PAP de 90 cm.
3.1.5. Equipamentos	Pista de Go-karts para crianças
3.1.6. Características especiais	Miradouro em caracol. Vegetação densa e abundante, criando um ambiente isolado, tranquilo e constratante com o ambiente exterior.
4. Descrição da envolvente	
4.1. Relação com o tecido urbano	Localiza-se junto a um cemitério, a uma escola, e insere-se numa área residencial
4.2. Sistema de vistas	
4.2.1. Do jardim para a envolvente	Não relevante
4.2.2. Da envolvente para o jardim	Não relevante
4.2.3. Do jardim para o jardim	Não relevante
5. Dados funcionais	
5.1. Instalações de apoio	Sanitários, Restaurante com esplanade
5.2. Equipamentos	
5.2.1. Bancos	Tem
5.2.2. Mesas de jogo	Tem
5.2.3. Mesas de merendas	Tem
5.2.4. Parque infantil	Tem
5.2.5. Equipamento desportivo	Tem
5.2.6. Campo de jogos	Não tem
5.2.7. Caminho de seixos	Tem
5.2.8. Pavilhão chinês	Tem
6. Dados no AHM	
6.1. Imagens/ Iconografia	

Levantamento fotográfico do Jardim da Montanha Russa (Abril 2011)



Legenda:

1. Entrada do jardim
2. e 3. Estátua de D. Bosco
4. e 7. Miradouro em caracol
5. e 8. Parque infantil
6. Pérgola
9. Esplanada
10. Miradouro interior do jardim
11. Pista de *Go-kart*

1.1.	Designação oficial em Português	Jardim de S. Francisco
1.2.	Designação oficial em Chinês	Jardim dos Castelhanos
1.3.	Localização	Av. da Praia Grande, Estrada Nova
1.4.	Área total	1, 542 m ²
1.5.	Horário de funcionamento	Não encerra
1.6.	Eventos Periódicos	-
1.7.	Classificação obtida	11
1.8.	Planta do Jardim	



1.9. Breve Descrição

Este jardim pode ser dividido em duas partes, separadas pela Rua de Santa Clara. A parte inferior é caracterizada por uma sucessão de pequenos canteiros densamente plantados, nos quais surgem árvores ao centro, já com uma altura considerável. Os canteiros são recortados por caminhos em calçada portuguesa nos quais surgem desenhados motivos marítimos. Nesta parte encontra-se ainda um caricato edifício octogonal, a Biblioteca Pública da Associação Comercial de Macau, e uma fonte. Separado por um pequeno muro e a uma cota ligeiramente mais elevada, a parte restante do jardim desenvolve-se por pequenas plataformas numa zona de maior declive, sendo que a sua estrutura e recantos acompanham esta subida de nível. Aqui os tons de cor-de-rosa pastel, os rebocos decorativos a branco, a calçada e as balaustradas são uma forte presença, atribuindo-lhe um carácter bastante colonialista.

2. Dados Históricos e estilísticos

2.1. Cronologia

1580 - Construção do Convento de S. Francisco, onde se estabeleceram os missionários franciscanos espanhóis

Meados do séc. XIX – O jardim é projectado por Matias Soares

1872 – Surge o edifício do Clube Militar, contíguo ao jardim

1883 – Havia já alterações à estrutura original, concebidas pelo Eng. Constantino Brito

1927 – Construção do quiosque hexagonal

1935 – abertura da R. de Santa Clara, que dividiu o jardim e destruiu o coreto

1939 – Construção do edifício cilíndrico comemorativo da participação portuguesa na I Grande Guerra

1989 – Construção do tanque com repuxos

2004 – Doação da Fonte Wallace pela Sociedade de Abastecimento das Águas de Macau

2.2. Identificação da origem/função que determina a estética do jardim

Jardim Público

2.3. Justificação

Tratava-se do espaço ocupado pelas hortas e jardins do Convento de S. Francisco que foi transformado num jardim público

3. Dados descritivos

3.1. Descrição do jardim

3.1.1. Limites do jardim

Limitado lateralmente pela escola de Santa Clara e pelo edifício do Clube Militar e Quartel de S. Francisco. É limitado superiormente pela Estrada Nova e inferiormente pela Av. da Praia Grande. É de salientar, no entanto, o corte que é efectuado no jardim pela Rua de Santa Clara, que funciona também como um limite para a extensão lateral da plataforma inferior do jardim até à R. do Campo.

3.1.2. Estrutura do jardim

A estrutura do nível inferior é um pouco mais formal, entre canteiros delimitados por caminhos que os cruzam regularmente. Já a parte superior é organizada em patamares e lances de escadas que se vão adaptando ao declive do terreno.

3.1.3. Topografia

Situa-se numa zona com um desnível bastante acentuado.

3.1.4. Elementos de composição relevantes

3.1.4.1. Elementos construídos

Edifício comemorativo da presença de Portugal na I Grande Guerra, Edifício hexagonal da Biblioteca Pública da Associação Comercial de Macau

3.1.4.2. Elementos vegetais (segundo Árvores Antigas em Macau)

Ficus rumphii (2), *Ficus microcarpa*, *Albizia lebbekii*, *Syzygium cumini*, *Averhoa carambola*, *Sapindus mukorossi*, *Mangifera indica*

3.1.5. Equipamentos

Biblioteca

3.1.6. Características especiais

4. Descrição da envolvente

4.1. Relação com o tecido urbano

Localiza-se numa zona bastante movimentada, próximo de um cruzamento onde circulam muitos automóveis.

4.2. Sistema de vistas

4.2.1. Do jardim para a envolvente

Não relevante

4.2.2. Da envolvente para o jardim

O jardim cria uma espécie de bolsa no meio dos edifícios mais altos, sendo que a mancha verde é visível para quem circula na Av. Da Praia Grande.

4.2.3. Do jardim para o jardim

Não relevante

5. Dados funcionais

5.1. Instalações de apoio

Sanitários, Biblioteca

5.2. Equipamentos

5.2.1. Bancos

Tem

5.2.2. Mesas de jogo

Não tem

5.2.3. Mesas de merendas

Não tem

5.2.4. Parque infantil

Tem

5.2.5. Equipamento desportivo

Tem

5.2.6. Campo de jogos

Não tem

5.2.7. Caminho de seixos

Tem

5.2.8. Pavilhão chinês

Não tem

Levantamento fotográfico do Jardim de S. Francisco (Abril 2011)



Legenda:

1. Biblioteca Pública da Associação Comercial de Macau
2. Banco com caldeira para árvore
3. Fonte Wallace
4. Plataforma inferior do jardim
5. *Ficus microcarpa*
6. Vista da R. de Sta. Clara para o jardim
7. e 12. Balcão de estadia com caldeira central onde havia uma enorme árvore
8. Rampa de acesso ao piso superior
9. Plataforma superior/ Parque infantil
10. Elemento de água
11. Pormenor dos motivos do pavimento
13. Edifício cilíndrico comemorativo da participação portuguesa na I Grande Guerra

1. Identificação		
1.1.	Designação oficial em Português	Jardim Vasco da Gama
1.2.	Designação oficial em Chinês	
1.3.	Localização	Rua Ferreira do Amaral, Estrada da Vitória
1.4.	Área total	4, 516 m ²
1.5.	Horário de funcionamento	Não encerra
1.6.	Eventos Periódicos	-
1.7.	Classificação obtida	3
1.8.	Planta do Jardim	





1.9.	Breve Descrição	O jardim organiza-se a partir do monumento central a Vasco da Gama. Daí surgem 8 canteiros sobreelevados e regularmente traçados. Numa plataforma estreita, numa cota ligeiramente inferior, mas ainda acima do nível da rua, existe um elemento de água que confere uma dimensão sonora contrastante com a presença do barulho dos automóveis sempre presente. Existe ainda um pequeno parque infantil. As transformações recentes ao jardim alteraram completamente o seu carácter e a forte presença de inertes e a escassa vegetação conferem-lhe alguma falta de interesse por parte da população.
2. Dados Históricos e estilísticos		
2.1.	Cronologia	1898 – Inauguração da Alameda Vasco da Gama (precursora deste jardim) 1911 – Inauguração da Estátua a Vasco da Gama 1997 – Trabalhos de remodelação 2004 – Inauguração do silo automóvel
2.2.	Identificação da origem/função que determina a estética do jardim	Melhoramentos da cidade
2.3.	Justificação	No seguimento do "Relatório de melhoramentos da cidade" durante o Governo de Tomás Rosa, a Alameda Vasco da Gama foi inaugurada em 1899 para comemorar o 4º centenário do aniversário da viagem de Vasco da Gama à Índia. Com o passar do tempo, a Alameda foi sendo retalhada, construindo-se vários edifícios como uma escola, o quartel da polícia e um hotel. O Jardim Vasco da Gama é um vestígio desta antiga alameda.
3. Dados descritivos		
3.1.	Descrição do jardim	
3.1.1.	Limites do jardim	O jardim é limitado por vias de trânsito e pelo edifício do Pavilhão Desportivo Tap Seac. O acesso do jardim à Estrada da Vitória, Rua Ferreira do Amaral e ao Pavilhão Desportivo é feito por escadas, enquanto o acesso à Calçada do Gaio é de nível.
3.1.2.	Estrutura do jardim	O jardim tem uma plataforma central com 8 canteiros sobreelevados de desenho regular que circundam a fonte de base hexagonal que sustenta o monumento a Vasco da Gama. Esta plataforma quadrangular é ladeada, no espaço restante entre a mesma e a Calçada do Gaio, por um parque infantil e um pequeno pavilhão. No acesso à Rua Ferreira do Amaral, há ainda uma estreita plataforma numa cota intermédia onde existe um elemento de água longitudinal, um caminho longitudinal de seixos, bancos e algumas árvores.
3.1.3.	Topografia	Situa-se numa zona com um desnível bastante acentuado.
3.1.4.	Elementos de composição	
3.1.4.1.	Elementos construídos	Monumento a Vasco da Gama
3.1.4.2.	Elementos vegetais	-
3.1.5.	Equipamentos	
3.1.6.	Características especiais	Atualmente existe um silo automóvel sob este jardim, tratando-se agora de um jardim sobre laje de cobertura.
4. Descrição da envolvente		
4.1.	Relação com o tecido urbano	Localiza-se numa zona densa onde a presença da envolvente é muito expressiva. Rodeado por alguns edifícios habitacionais (nomeadamente um com 24 andares) com lojas nos pisos inferiores, um Pavilhão Desportivo de arquitectura imponente e por um hotel (Hotel Royal) com 19 pisos.
4.2.	Sistema de vistas	
4.2.1.	Do jardim para a envolvente	Não relevante
4.2.2.	Da envolvente para o jardim	O jardim está como que escondido entre os edifícios. A sua presença só se manifesta com alguma proximidade.
4.2.3.	Do jardim para o jardim	Não relevante
5. Dados funcionais		
5.1.	Instalações de apoio	Sanitários
5.2.	Equipamentos	
5.2.1.	Bancos	Tem
5.2.2.	Mesas de jogo	Não tem
5.2.3.	Mesas de merendas	Tem
5.2.4.	Parque infantil	Tem
5.2.5.	Equipamento desportivo	Tem
5.2.6.	Campo de jogos	Não tem
5.2.7.	Caminho de seixos	Tem
5.2.8.	Pavilhão chinês	Tem
6. Dados no AHM		
6.1.	Imagens/ Iconografia	MNL 17372F - Cerimónia de inauguração da estátua MNL 17373F – Cerimónia de inauguração da estátua MNL0806094 – Parque infantil (1983-85) MNL0806093 – Parque infantil (1983-85) MNL0311 – Estátua de Vasco da Gama (196-) MNL0310F – Relevô que se encontra na base inferior da estátua de Vasco da Gama

Levantamento fotográfico do Jardim Vasco da Gama (Abril 2011)



Legenda:

1. Vista da Estrada da Vitória para o jardim
2. Monumento a Vasco da Gama
3. Plataforma intermédia com elemento de água e caminho de seixos

1. Identificação	
1.1. Designação oficial em Português	Jardim da Vitória
1.2. Designação oficial em Chinês	
1.3. Localização	Av. Sidónio Pais
1.4. Área total	1,910 m ²
1.5. Horário de funcionamento	Não encerra
1.6. Eventos Periódicos	-
1.7. Classificação obtida	2
1.8. Planta do Jardim	
	 
1.9. Breve Descrição	Trata-se de um jardim desenhado com canteiros relevados sobreelevados com vegetação esparsa que se resume a algumas árvores e arbustos, mas sem grande expressão. Desenvolve-se longitudinalmente a partir de uma plataforma central onde está um monumento que celebra a vitória dos portugueses sobre os holandeses.
2. Dados Históricos e estilísticos	
2.1. Cronologia	<p>26 de Março de 1871 – Inauguração do monumento à Vitória na Praça da Vitória pelo Governador António Sérgio de Sousa</p> <p>1898 – Inauguração da Alameda Vasco da Gama, que incluía no seu traçado a Praça da Vitória</p> <p>1935 – Primeiras alterações ao traçado da Alameda Vasco da Gama</p>
2.2. Identificação da origem/função que determina a estética do jardim	Melhoramentos da cidade
2.3. Justificação	No seguimento do "Relatório de melhoramentos da cidade" durante o Governo de Tomás Rosa, a Alameda Vasco da Gama foi inaugurada em 1989 para comemorar o 4º centenário do aniversário da viagem de Vasco da Gama à Índia. Com o passar do tempo, a Alameda foi sendo retalhada, construindo-se vários edifícios como uma escola, o quartel da polícia e um hotel. O Jardim da Vitória é um vestígio desta antiga alameda. Inicialmente terá sido uma praça com um monumento central, depois integrou a Alameda Vasco da Gama, e, actualmente, é um pequeno jardim com um traçado que remonta a esse passado.
3. Dados descritivos	
3.1. Descrição do jardim	
3.1.1. Limites do jardim	O jardim é limitado pela R. Sidónio Pais (bastante movimentada), por edifícios habitacionais baixos (6 andares), por uma escola, e por um muro de aproximadamente 2 m que dá acesso por duas escadarias laterais à Estrada da Vitória.
3.1.2. Estrutura do jardim	Desenvolvimento rectangular com uma plataforma central quadrangular numa cota superior. Ao centro desta encontra-se o monumento à Vitória, com uma base octogonal, à volta do qual se distribuem quatro canteiros. As duas plataformas mais baixas têm também canteiros sobreelevados, e a última inclui ainda algum equipamento de recreio infantil.
3.1.3. Topografia	Situa-se numa zona com um desnível bastante acentuado.
3.1.4. Elementos de composição	
3.1.4.1. Elementos construídos	Monumento à Vitória
3.1.4.2. Elementos vegetais	<i>Araucária heterophylla</i> (2)
3.1.5. Equipamentos	-
3.1.6. Características especiais	-
4. Descrição da envolvente	
4.1. Relação com o tecido urbano	Localiza-se numa zona densa onde a presença da envolvente é muito expressiva. Rodeado por alguns edifícios habitacionais com lojas nos pisos inferiores, duas escolas,
4.2. Sistema de vistas	
4.2.1. Do jardim para a envolvente	Do jardim, enquadrado pelos edifícios habitacionais, existe uma vista interessante e com alguma profundidade sobre a R. Adolfo Loureiro onde se podem avistar algumas árvores do Jardim Lou Lim loc.
4.2.2. Da envolvente para o jardim	Não relevante
4.2.3. Do jardim para o jardim	Não relevante
5. Dados funcionais	
5.1. Instalações de apoio	-
5.2. Equipamentos	
5.2.1. Bancos	Tem
5.2.2. Mesas de jogo	Não tem
5.2.3. Mesas de merendas	Não tem
5.2.4. Parque infantil	Tem
5.2.5. Equipamento desportivo	Tem
5.2.6. Campo de jogos	Não tem
5.2.7. Caminho de seixos	Não tem
5.2.8. Pavilhão chinês	Não tem
6. Dados no AHM	
6.1. Imagens/ Iconografia	

Levantamento fotográfico do Jardim da Vitória



Legenda:

1. Vista da R. Adolfo Loureiro para o jardim
2. Convívio nos bancos do jardim
3. Aparelhos desportivos
4. Parque infantil
5. Baloços
6. Zona de estadia
7. Monumento à Vitória

1. Identificação	
1.1. Designação oficial em Português	Parque Municipal da Colina da Guia
1.2. Designação oficial em Chinês	
1.3. Localização	Colina da Guia, Estrada do Eng. Trigo
1.4. Área total	103, 056 m ²
1.5. Horário de funcionamento	Não encerra
1.6. Eventos Periódicos	-
1.7. Classificação obtida	15
1.8. Planta do Jardim	



1.9. Breve Descrição	O Parque Municipal da Guia localiza-se na mais alta colina de Macau, onde existe uma vegetação muito densa que faz dele um dos mais importantes pulmões da cidade. Assim, vários caminhos cortam o verde e permitem uma sensação de abstracção da alta densidade de construção da cidade. Existem campos de jogos, um circuito de manutenção e um parque infantil, bem como vários elementos associados com as funções militares da colina, como entradas para túneis, canhões e abrigos anti-aéreos. O Farol da Guia, situado no seu interior, é um grande ponto de atracção, não só pela sua própria beleza e interesse, como pelas vistas desafogadas que oferece sobre Macau.
----------------------	---

2. Dados Históricos e estilísticos	
2.1. Cronologia	1632 – Construção da capela da Guia 1637/38 – Construção da Fortaleza da Guia 1865 - Construção do farol da Guia 1883 – Início dos trabalhos de arborização da colina 1885 - Inauguração do Parque Municipal da Colina da Guia 1988 – Trabalhos de recuperação do circuito de manutenção
2.2. Identificação da origem/função que determina a estética do jardim	Melhoramentos da cidade
2.3. Justificação	A arborização e revestimento da Colina da Guia muito deve ao esforço do Eng. Tancredo do Casal Ribeiro, aquando da aplicação das medidas de melhoramento da cidade no Governo de Tomás de Sousa Rosa.

3. Dados descritivos	
3.1. Descrição do jardim	
3.1.1. Limites do jardim	Não existem limites evidentes. A maioria destes são feitos por zonas declivosas onde não é possível o acesso.
3.1.2. Estrutura do jardim	Os caminhos são desenhados de forma orgânica pela colina, subindo e descendo ao sabor do relevo natural da mesma.
3.1.3. Topografia	Situa-se na Colina da Guia, a mais alta de Macau, com 90 m de cota máxima.
3.1.4. Elementos de composição relevantes	
3.1.4.1. Elementos construídos	Farol da Guia, abrigos anti-aéreos
3.1.4.2. Elementos vegetais	<i>Ficus rumphii</i> , <i>Ficus microcarpa</i> , <i>Ficus altissima</i> , <i>Podocarpus macrophyllus</i> , <i>Cleistocalyx operculatus</i> , <i>Cassia fistula</i> , <i>Pinus massoniana</i>
3.1.5. Equipamentos	Espaço de educação ambiental
3.1.6. Características especiais	

4. Descrição da envolvente	
4.1. Relação com o tecido urbano	Consegue destacar-se da malha urbana, permitindo uma grande abstracção da densidade envolvente
4.2. Sistema de vistas	
4.2.1. Do jardim para a envolvente	Permite vistas desafogadas sobre a cidade
4.2.2. Da envolvente para o jardim	A Colina da Guia e o seu Farol constituem pontos visuais de grande importância na imagem da cidade. No entanto, a densidade envolvente e a altura dos edifícios cada vez mais comprometem esse papel.
4.2.3. Do jardim para o jardim	Permite grande alcance visual numa mancha sempre verde que constitui um alívio comparando com os demais espaços da cidade.

5. Dados funcionais	
5.1. Instalações de apoio	Espaço de Educação Ambiental, Sanitários
5.2. Equipamentos	
5.2.1. Bancos	Tem
5.2.2. Mesas de jogo	Tem
5.2.3. Mesas de merendas	Tem
5.2.4. Parque infantil	Tem
5.2.5. Equipamento desportivo	Tem
5.2.6. Campo de jogos	Tem
5.2.7. Caminho de seixos	Tem
5.2.8. Pavilhão chinês	Não tem

6. Dados no AHM	
6.1. Imagens/ Iconografia	

Levantamento fotográfico do Parque Municipal da Guia (Abril 2011)



Legenda:

1.Campo de jogos e estação do teleférico
 2.Circuito de manutenção da Guia 3., 4., 5. e 6.
 Estruturas defensivas 7., 8. e 9. Vistas sobre
 Macau 10. Parque infantil 11. Massagem dos
 pés em pavimento de seixos 12. Caminho
 interior do parque 13. Farol da Guia e Igreja de
 Nossa Sra. Da Guia 14. Vista sobre a colina da
 Guia

História

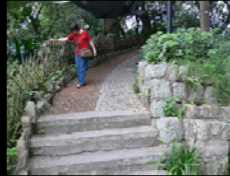
1557 marca a fixação oficial dos Portugueses em Macau. A partir dessa data, durante mais de quatro séculos, a cultura ocidental e oriental encontraram-se neste ponto e influenciaram-se mutuamente, criando uma cidade única que traduz esta interculturalidade nos seus costumes, na sua arquitectura e na sua ambiência própria. Desde Dezembro de 1999, Macau regressou à soberania chinesa, tendo-se constituído a Região Administrativa Especial de Macau.

Influências orientais e ocidentais nos jardins

Os pavimentos de calçada, os muros com rebocos decorativos, os tons pastel, as balaustradas, os elementos náuticos expressam a influência portuguesa nos jardins de Macau.

No entanto, é na apropriação do espaço, na ambiência e nos rituais quotidianos que completam os jardins de Macau que a cultura oriental se manifesta grandemente.

Esta ambiguidade tão singular faz dos jardins de Macau um património único revelador da convivência e partilha destas duas culturas.



Rituais e actividades comuns

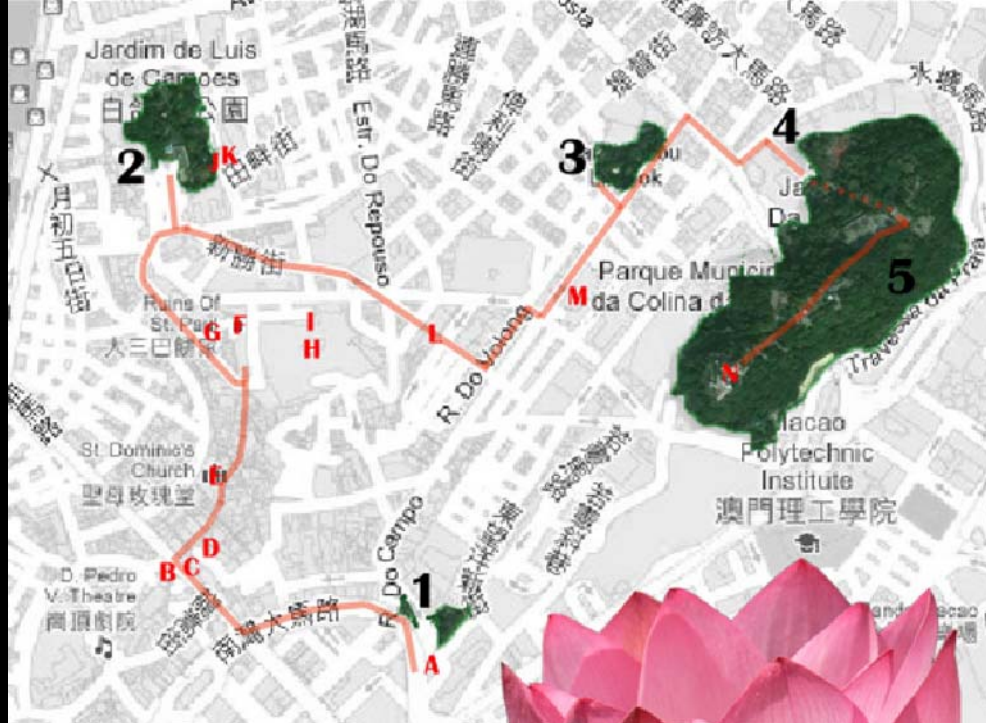
Os jardins fazem parte da cultura de Macau e neles são praticados diversos rituais que espelham a sua importância no quotidiano dos habitantes do território. O *Tai Chi* é praticado individualmente ou em grupos sincronizados, com ou sem recurso a acessórios e música. Os passarinhos são passeados nas suas gaiolas que são penduradas nos ramos das árvores dos jardins. Por todos os recantos dos jardins, os residentes utilizam as mesas de pedra para jogarem e fazerem as suas apostas de forma descontraída e ao sabor do tempo. Em pequenos grupos ensaiam-se óperas chinesas, com os instrumentos tradicionais a acompanhar as melodias cantadas, criando-se uma dimensão sonora particular que ocupa o espaço. O jardim é também um espaço de contemplação da natureza, de convívio e de reflexão. Os caminhos de seixos são frequentemente utilizados para massajar os pés. E porque não deixar os sapatos de lado e experimentar esta sensação?



CONHECER MACAU



...pelos seus jardins!



- A - Clube Militar**
- B - Edifício do Leal Senado**
- C - Edifício dos Correios**
- D - Santa Casa da Misericórdia**
- E - Igreja de S. Domingos**
- F - Ruínas de S. Paulo**
- G - Templo de Na Tcha**
- H - Fortaleza do Monte**
- I - Museu de Macau**
- J - Casa Garden**
- K - Cemitério Protestante**
- L - Bairro de S. Lazaro**
- M - Tap Seac**
- N - Farol da Guia**

1. Jardim de S. Francisco

A história deste lugar remonta ao ano de 1580 quando os franciscanos espanhóis aqui estabeleceram o seu convento. Construído em meados do séc. XIX, este jardim foi projectado por Matias Soares com uma forte ligação ao rio que se veio a perder com os sucessivos aterros. Seria um dos mais frequentados pela população e havia um coreto onde semanalmente tocava uma banda. O quiosque de traçado oriental data de 1927 e contrasta com o traçado colonial do edifício cilíndrico comemorativo da participação portuguesa da I Guerra Mundial, que foi restaurado em 1939. Em 1935 a abertura da R. de Santa Clara dividiu o jardim.



3. Jardim Lou Lim Ioc

Foi mandado construir no final do século XIX por Lou Cheok Chin, que contratou dois artistas de Cantão, Lau Kat Lok e Lei Tat Chun para construírem neste local um jardim ao estilo dos de Suzhou. Encontram-se aqui vários elementos do jardim típico chinês com adaptações locais e de escala, como é o caso do enorme lago, dos pavilhões, da ponte das nove curvas, dos caminhos meandrizados e das rochas esculturais. Desde 1927 que este Jardim tem vindo a sofrer várias alterações tendo sido adquirido em 1973 pelo Governo de Macau e posteriormente.



2. Jardim de Camões

Antiga propriedade particular do conselheiro Manuel Pereira, foi alugada, até 1833, à British East India Company, durante a permanência da embaixada do Lord Macartney em Macau. Durante este período, os jardineiros reais ingleses tomaram conta do jardim arranjando-o a seu gosto, tendo sido aqui plantadas várias plantas recolhidas por toda a Ásia. Parte da propriedade foi vendida para que se construísse o cemitério protestante. Em 1836, Lourenço Marques (herdeiro da propriedade), mandou construir uma gruta onde foi colocado um busto de bronze em homenagem a Luís de Camões, que se diz ter escrito parte dos Lusíadas em Macau. Em 1885 foi adquirido pelo Governo de Macau.



5. Parque Municipal da Colina da Guia

Inaugurado em 1865, permanece como um dos últimos refúgios naturais da península de Macau. A história deste parque e a sua densa vegetação luxuriante está muito relacionada com o esforço do Eng. Tancredo do Casal Ribeiro durante o Governo de Tomás de Sousa Rosa, cujo papel fundamental na arborização da cidade de Macau é inegável. Dentro dos limites do Parque encontra-se o Farol da Guia, construído em 1885.



4. Jardim da Flora

A propriedade pertencia ao Padre Vitorino José de Sousa e Almeida que em 1848 mandou construir aqui um palacete que, a partir de 1873, viria a ser residência de Verão do Governador, enfermaria para doentes de cólera e mais tarde abandonado. O palacete foi destruído em 1931, aquando da explosão do paiol de pólvora que foi instalado nas imediações nos anos 20. Neste local foram instalados os viveiros que auxiliaram o processo de arborização da cidade e da própria Colina da Guia dirigidos pelo Eng. Tancredo do Casal Ribeiro. A propriedade foi depois adquirida pelo Sir Robert Ho Tung que a doou ao Governo para que em 1959 se iniciasse a construção de um pequeno zoológico, remodelado em 1996.



Horário de funcionamento

- Jardim de S. Francisco: não encerra
- Jardim Luís de Camões: 6h — 21h
- Jardim Lou Lim Ioc: 6h—21h
- Jardim da Flora: 6h—19h
- Parque Municipal da Colina da Guia: não encerra

Este percurso tem uma duração prevista de aproximadamente 4 horas.

Este folheto foi elaborado por Joana S. P. Brum no âmbito da dissertação para obtenção do grau de mestre em arquitectura paisagista no Instituto Superior de Agronomia com o tema "Os Jardins Históricos de Macau — Proposta de um itinerário turístico" que contou com o apoio da Fundação Macau